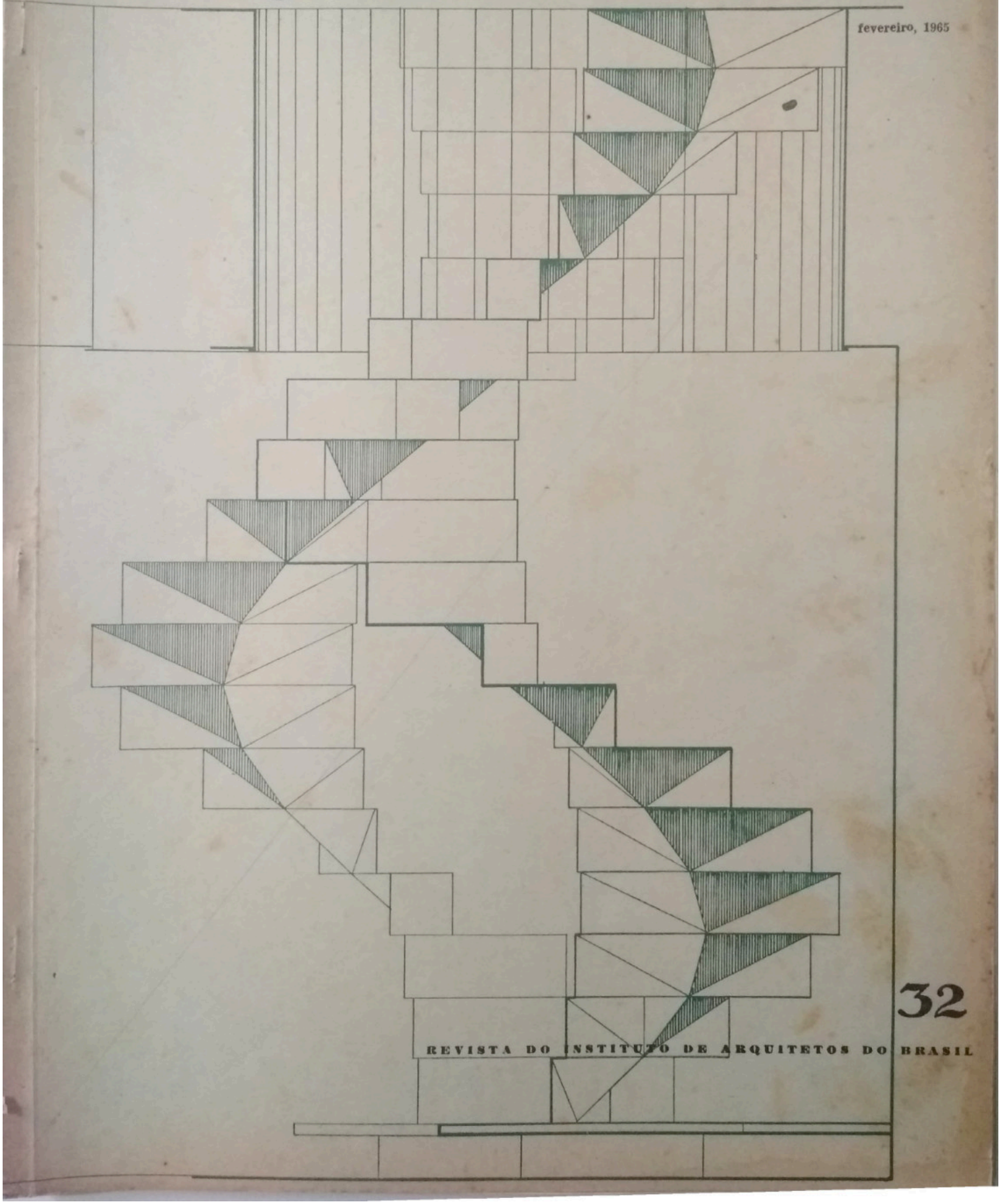
ARQUITETURA

fevereiro, 1965



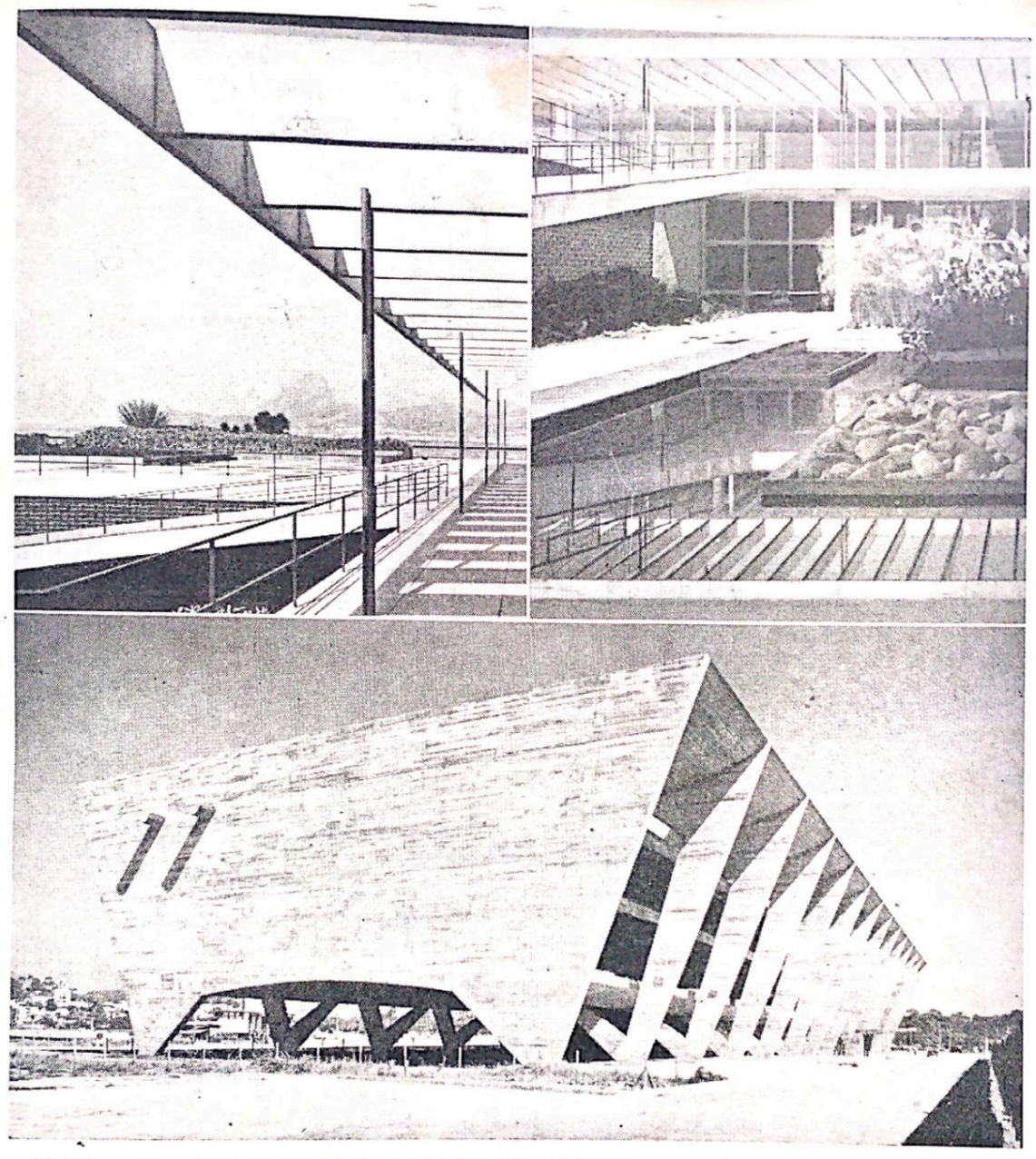
32

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

editôra artenova limitada

beco dos barbeiros, 6-201 tel 31 2641

planejamento jornalistico e edição de livros e revistas



MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO —
Projeto: A. E. Reidy

Os elevadores e monta-cargas do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro foram fornecidos pelas Indústrias Villares

ELEVADORES ATLAS

INDÚSTRIAS VILLARES S A.

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — BRASÍLIA — BELO HORIZONTE — SANTOS — RECIFE — PÔRTO ALEGRE — SALVADOR — CURITIBA
JUIZ DE FORA — PELOTAS — RIBEIRÃO PRÊTO — CAMPINAS — SÃO JOSÉ DO RIO PRÊTO — BAURU — GOIÂNIA — UBERLÂNDIA — MANAUS
BELÉM — FORTALEZA — CAMPO GRANDE — NITERÓI — PETRÓPOLIS — VITÓRIA — GARUJÁ — CAXIAS DO SUL — LONDRINA — FLORIANÓPOLIS — BLUMENAU — BUENOS AIRES — HAVANA — MONTEVIDEO — MÉXICO — CARACAS — LIMA — SANTIAGO DO CHILE — LA PAZ

SÍMBOLO DE VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA



JB JORNAL DO BRASIL

O GRANDE JORNAL BRASILEIRO DE CATEGORIA INTERNACIONAL

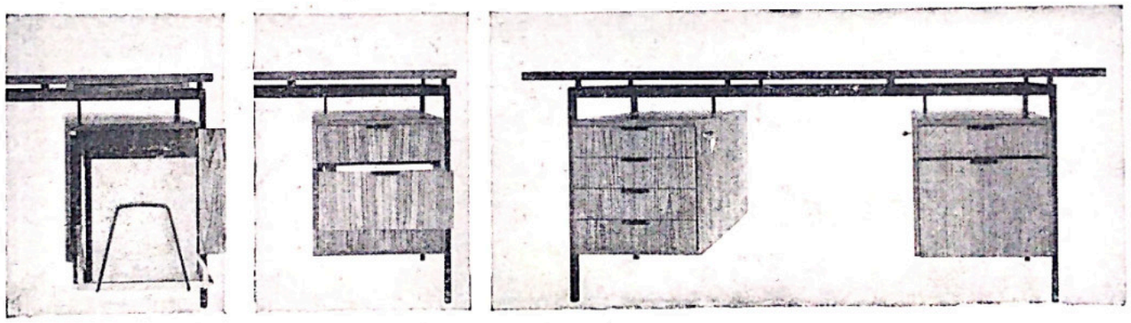
arte JB

ARQUITETO HERBERT HIRCH



Fêz seus estudos técnicos e de marcenaria no Bahaus, em Dessau (Berlim). Desde 1950, projetista de móveis residenciais e de escritório para Christian Holzäpfel; de aparelhos de rádio e TV para Max Braun; de móveis estofados para Wilde e Spieth e outros. Membro de Deutschen Werkbundes desde 1946. Presidente da União dos Desenhistas Industriais desde 1960. Membro do Conselho Alemão da Forma desde 1961.

Escrivaninha **Holzäpfel Brafor**



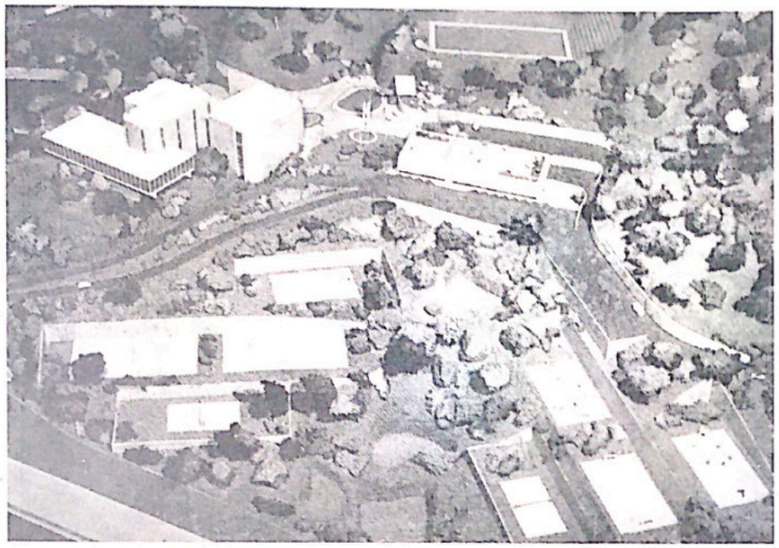
Modêlo exclusivo. Projetado pelo arquiteto Herbert Hirch, para Holzäpfel, Alemanha. Trata-se de estilo de concepção contemporânea, dentro de uma nova linha funcional de confôrto e beleza. Sua produção no Brasil, pela Brafor, dá projeção internacional aos padrões nacionais de móveis para escritório. E a Brafor orgulha-se de ser das primeiras a trazer, para o nosso país, o que há de mais avançado na produção mundial de móveis para escritório.

BRAFOR **Classe internacional em móveis para escritório**

Rua México, 21-A tel. 22-0180 Rio de Janeiro GB
Praça Roosevelt, 159 tel. 34-6665 São Paulo SP
Av. Salgado Filho, 119 tel. 4476 Porto Alegre RGS

PEDRA NEGRA CAMPO CLUBE

UMA ILHA DE BELEZA NO CÉU DA GUANABARA



HOJE

- Piscina
- Centro Hípico
- Sede Campestre
- Boite
- Bar-restaurante
- Quadra de vôli
- Play-ground

AMANHÃ

- Piscinas socias e olímpicas de saltos infantis
- Biblioteca
- Conjunto termal, dispondo do mais moderno equipamento em saunas, com piscina coberta duchas, massagens fisioterápicas.
- Hipica olímpica e halterofilismo
- Patinação no gêlo
- Creche e dept. médico

— a Zona Norte é a grande oficina de trabalho do Rio de Janeiro.
— 2/3 da população guanabarina está concentrada na Zona Norte.
— 80% da produção de riquezas do Estado está radicada nessa região.
— pelas últimas estatísticas, o desenvolvimento industrial da Zona Norte só encontra paralelo no dinamismo das grandes metrópoles estrangeiras.
— O Pedranegra Campo-Clube está localizado na lírica e histórica Serra dos Pretos Forros.



SPOL

Pastilhas LANA

QUALIDADE • CATEGORIA • PERFEIÇÃO

- FACHADAS EXTERNAS DE EDIFÍCIOS
- CORREDORES DE CIRCULAÇÃO - BANHEIROS - VARANDAS
- COPAS - COZINHAS - PISOS EXTERNOS - PISCINAS - ÁREAS DE SERVIÇO

MATERIAIS FÔSCOS E ESMALTADOS

VENDAS EXCLUSIVAS: REFIL LTDA. AV. ALMT. BARROSO, 72 - GRUPOS 1.107/10 - TELS. 22-2918 - 42-3263



Casa no Itanhangá - Prêmio IAB-GB - Arq.º Arthur Lício Pontual

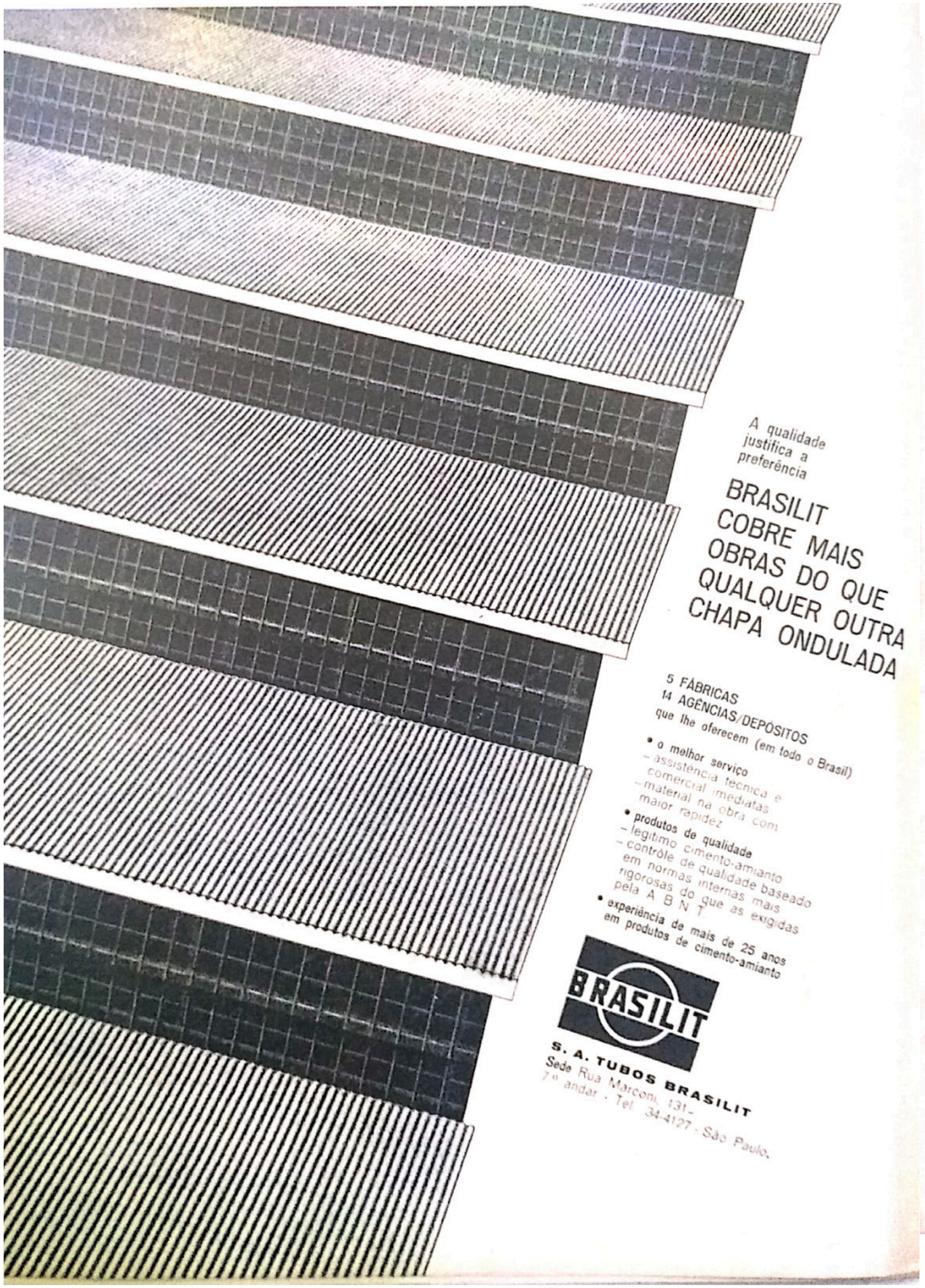
O arquiteto Arthur Lício Pontual, Prêmio IAB-GB 1965, especificou em seu projeto premiado e utilizou na obra "Casa no Itanhangá" alvenaria produzida pela FORJA.

FORJA TIJOLOS S. A., associando-se às homenagens prestadas ao arquiteto ARTHUR LICIO PONTUAL, orgulha-se mais uma vez de ver reconhecida a qualidade de seus produtos, especificados por arquitetos de renome internacional.

FORJA TIJOLOS S.A.

AV. BRASIL, 10219 - Tels.: 30-6736 - 30-8438 - 30-1212

ALVENARIA DECORATIVA
SEM REVESTIMENTO



A qualidade justifica a preferência

BRASILIT COBRE MAIS OBRAS DO QUE QUALQUER OUTRA CHAPA ONDULADA

5 FÁBRICAS
14 AGÊNCIAS/DEPÓSITOS
que lhe oferecem (em todo o Brasil)

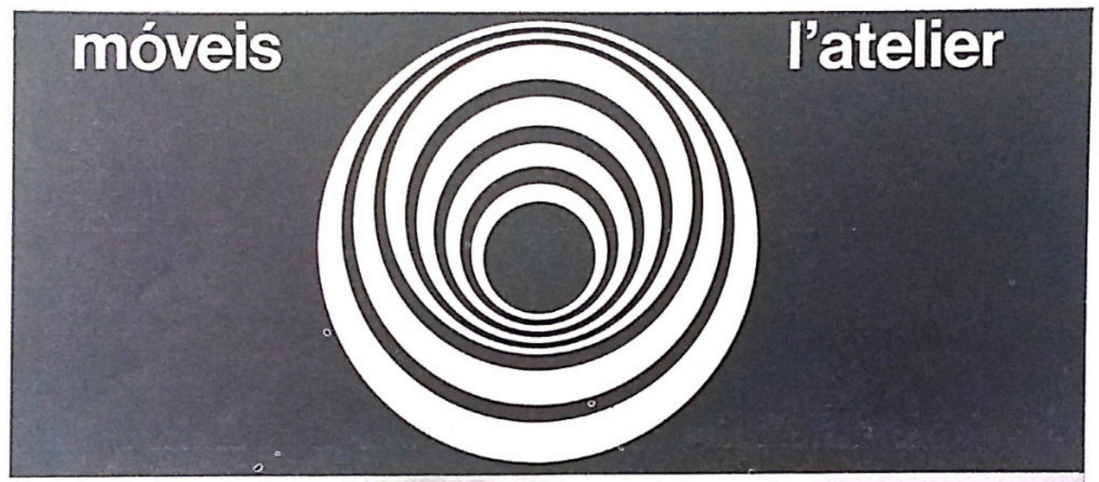
- o melhor serviço
  - assistência técnica e comercial imediatas
  - material na obra com maior rapidez
- produtos de qualidade
  - legítimo cimento-amianto
  - contrôle de qualidade baseado em normas internas mais rigorosas do que as exigidas pela A B N T
- experiência de mais de 25 anos em produtos de cimento-amianto

BRASILIT

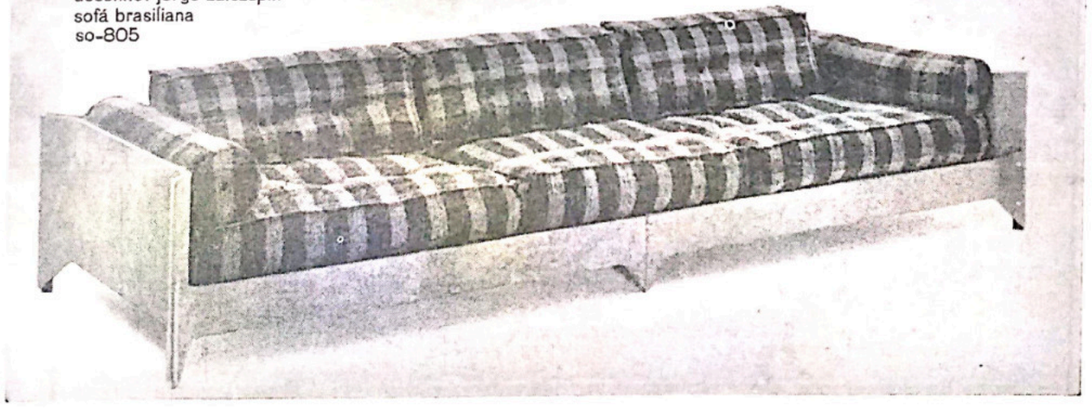
S. A. TUBOS BRASILIT
Sede Rua Marconi, 131 - 7º andar - Tel. 34-4127 - São Paulo.

em matéria de confôrto...

móveis l'atelier



desenho: jorge zalszupin
sofá brasiliana
so-805



são paulo, matriz:
rua augusta, 1791
telefone 80 21 81 ramal 91

rio de janeiro
loggia
interiores e decorações ltda.
rua hilário de gouveia, 57-A
copacabana

salvador
móveis ralf ltda.
av. 7 de setembro, 249

curitiba
paulo valente decorações
e desenhos técnicos ltda.
rua senador alencar guimarães, 175

pôrto alegre
manlio gobbi & cia. ltda.
rua dr. flôres, 383

recife
bel lar móveis e decorações ltda,
rua da imperatriz, 50

fortaleza
j. d. holanda s.s.
rua dr. pedro borges, 59/63

nova york
chalesko inc. 940 3rd avenue

Valorize as suas construções: use o

NÔVO ITACRETO

COM SILICON BAYER F*

O primeiro rebôco pré-fabricado auto-impermeabilizante

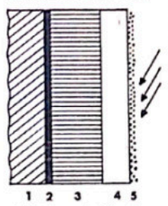
Você tem ao mesmo tempo:

- O melhor rebôco
- O melhor repelente à chuva
- O melhor anti-musgo (fungo)
- A côr mais inalterável

A Soc. Pancreto Ltda. lança no Brasil uma notável conquista técnica no setor dos revestimentos para a construção civil: o nôvo rebôco pré-fabricado auto impermeabilizante ITACRETO com Silicon Bayer F em pó. No nôvo ITACRETO, o Silicon Bayer F em pó já vem homogêneamente misturado, eliminando a necessidade dos hidro-repelentes líquidos convencionais.

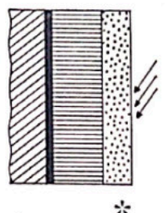
Veja a diferença:

Revestimento com hidro-repelentes líquidos convencionais: (aplicados após o rebôco pronto)



1) Tijolo. 2) Chapisco. 3) Embôço. 4) Rebôco. 5) Finíssima película hidro-repelente. – (Esta película apenas recobre o rebôco, não fazendo parte de sua massa e podendo ser rompida por agentes externos destruidores.)

Nôvo ITACRETO com Silicon Bayer F:



O Silicon Bayer F encontra-se difundido por tôda a espessura da camada de rebôco, que se torna, assim, inteiramente auto-impermeabilizante, partícula por partícula.

*** O que é o *Silicon Bayer F:***

Aditivo impermeabilizante de polisiloxano apresentado sob a forma de pó em finíssima dispersão. Insolúvel em água.

Em vários tipos:

ITACRETO

- Plasti-Travertino
- Lavado a Ácido
- Raspado

REVESTEC

- Para rebocos externos comuns.

(Fornecidos em sacos de 50 quilos)

Solicite folheto ou peça sem compromisso uma demonstração na sua própria obra.

SOC. PANCRETO LTDA.

— sempre melhor qualidade

Pça. Demétrio Ribeiro, 15-C - Edifício Pancreto - (Esquina da Av. Princesa Isabel)
Telefones: 36-0028 e 37-6002 - Rio de Janeiro - Guanabara

AAA 27 2222

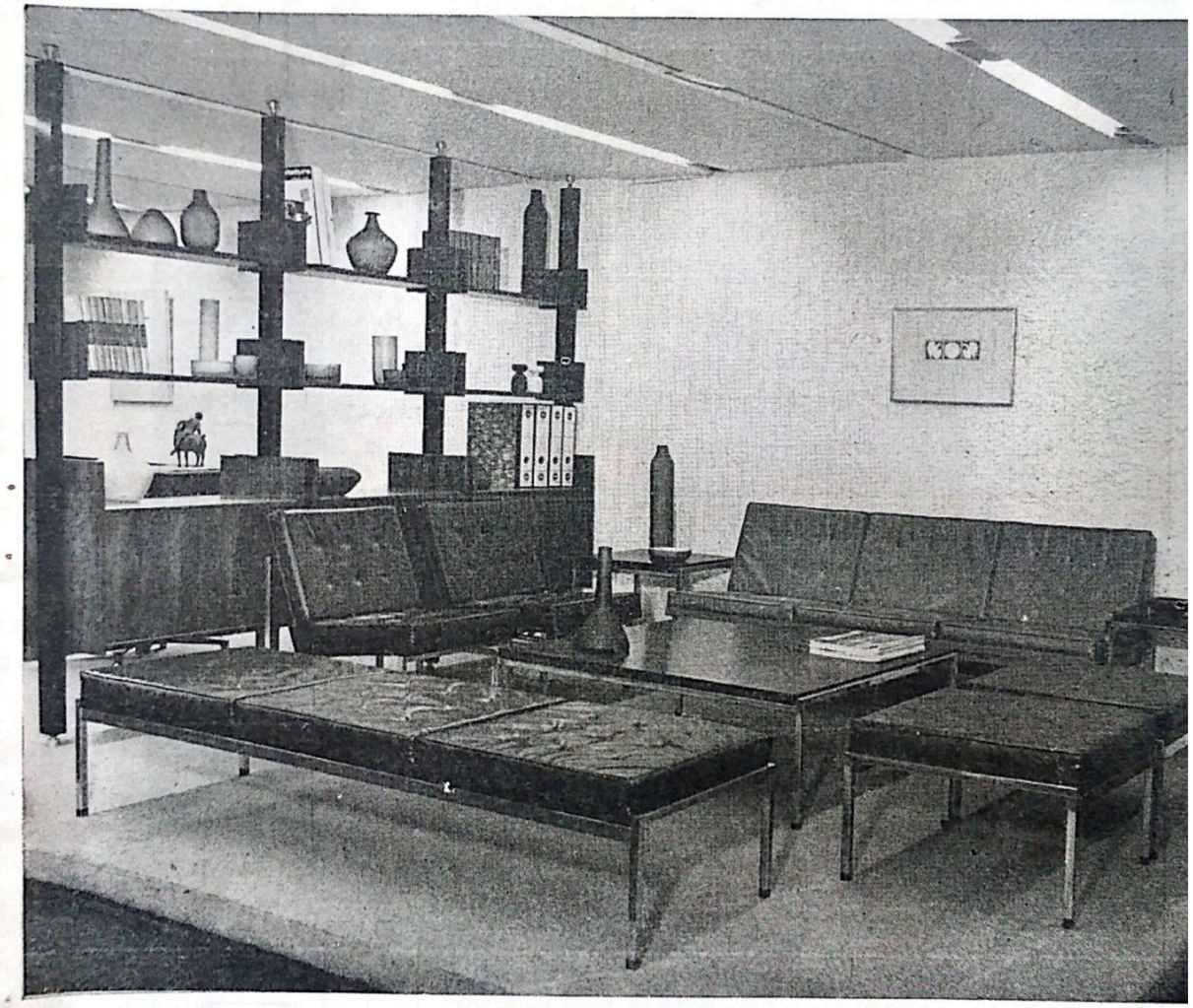
ambiente-spazio

spazio móveis e decorações limitada
concessionário exclusivo para a guanabara de ambiente indústria e comércio de móveis S. A.

uma linha completa de móveis para escritório e residência desenhados por arquitetos de renome internacional.

disponíveis em jacarandá da Bahia e aço cromado para entrega imediata.

Consulte sem compromisso nosso departamento de planejamento
rua barata ribeiro 200, loja f, tel: 37-6637 rio - gb



ambiente-spazio

spazio móveis e decorações limitada
concessionário exclusivo para a guanabara de ambiente indústria e comércio de móveis S. A.

uma linha completa de móveis para escritório e residência desenhados por arquitetos de renome internacional.

disponíveis em jacarandá da Bahia e aço cromado para entrega imediata.

Consulte sem compromisso nosso departamento de planejamento
rua barata ribeiro 200, loja f, tel: 37-6637 rio - gb

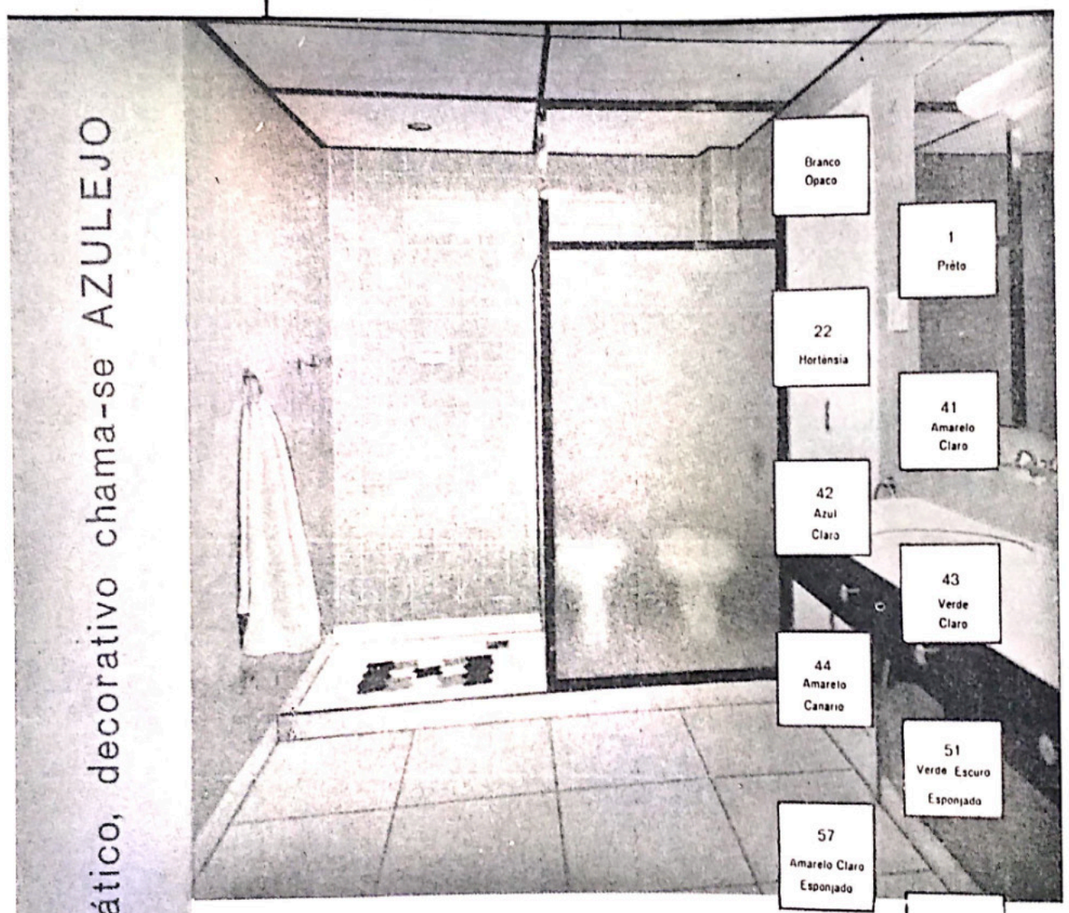
AZULEJOS KLABIN

Klabin Irmãos & Cia.

Setor Manufatura Nacional de Porcelanas

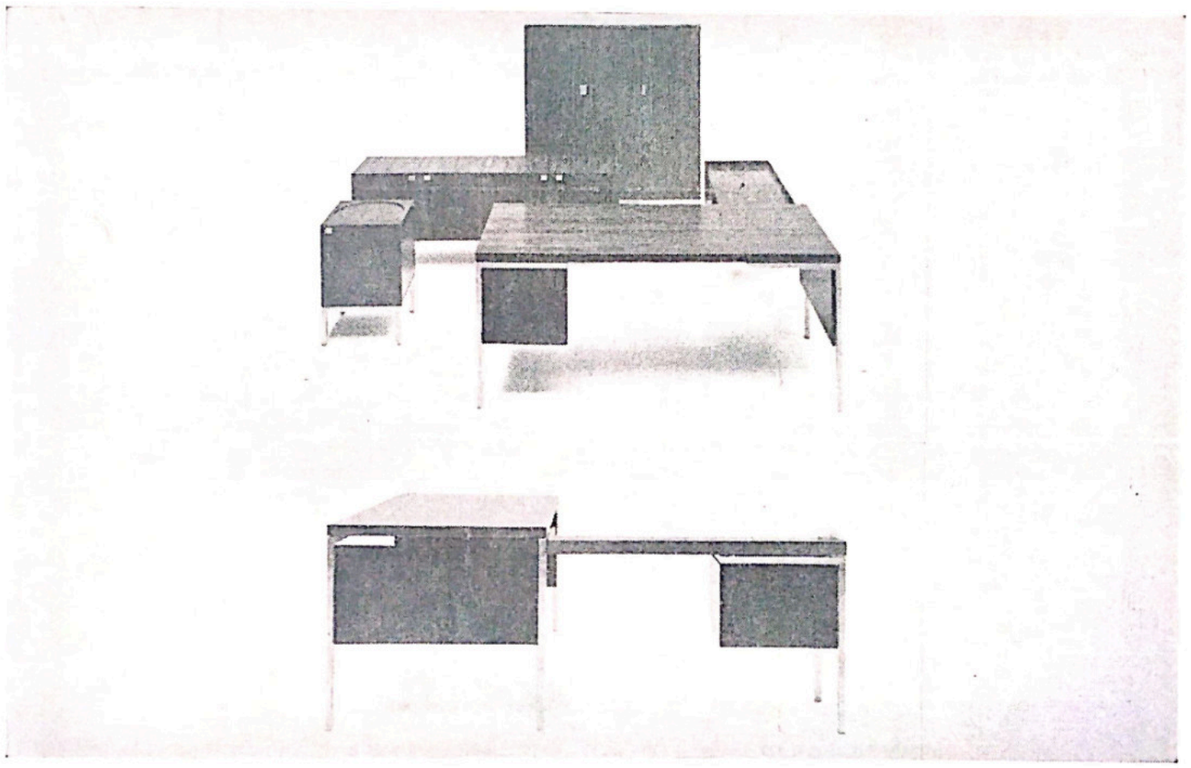
Escritório Central: Av. Rio Branco, 81 14. andar · Tel., 23-5870
Caixa Postal, 1622 · End. Telegr "Klabin" Rio de Janeiro

Azulejos



Quando você vai ao seu clube, você nota que a piscina e os vestiários são revestidos de azulejos. Nos refeitórios dos colégios e das fábricas, nos laboratórios e gabinetes de física e química, e nos hospitais, onde a assepsia é um imperativo, você também encontrará os azulejos. Mas, além do grande serviço que os azulejos prestam à higienização dos ambientes, êles podem ser usados também como elemento decorativo, em magníficos painéis a côres ou decorando fachadas e corredores.

escriba linha de móveis de escritório



Desenho: Arquiteto Abrahão Sanovicz

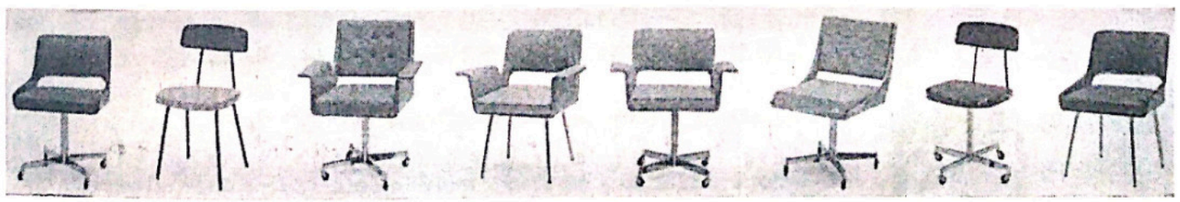
Play Arte Decorações Ltda.

Fábrica e escritório: rua Tabapuan 1463/77
Telefone 80 71 19 São Paulo

No Rio de Janeiro

PORÃO móveis

Barata Ribeiro, 363-A
Tels.: 36-5066/36-7333 - Rio-GB



Desenho: Constantin Skirmunt



Êxito absoluto!

Agradecemos aos nossos prezados clientes a preferência dada ao aço especial para construção

BARRA-MANSA-5000

cujos índices de vendas superaram as nossas expectativas

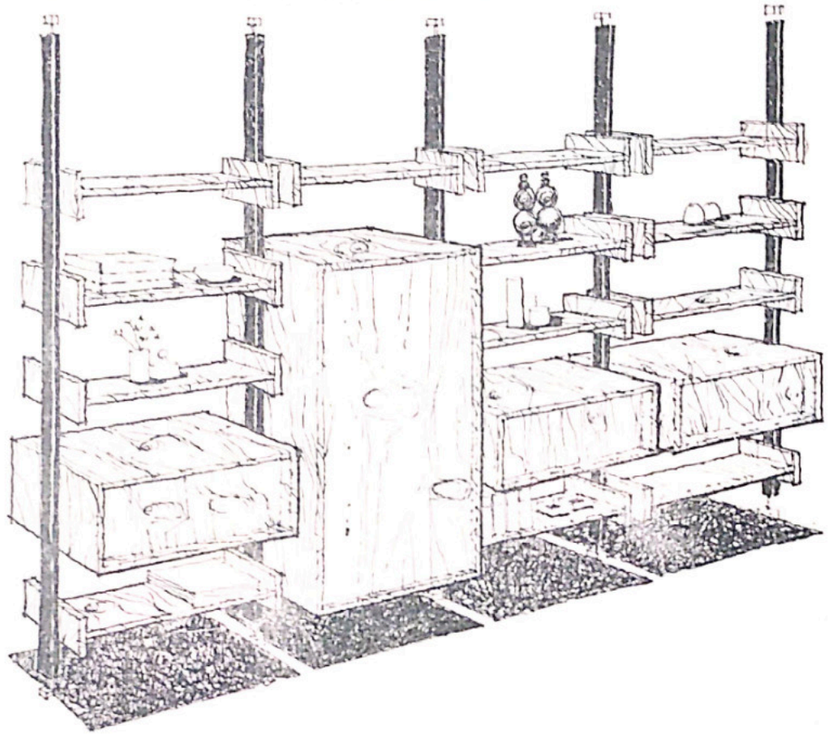
Fabricantes
SIDERÚRGICA BARRA MANSA S.A.
Vendas
IND. E COM. METALÚRGICA ATLAS S.A.
Rua Rizkallah Jorge, 50 - 14.º e 15.º Andares
Fones: 32-3148 - 32-5146 - Rede Interna - S. Paulo



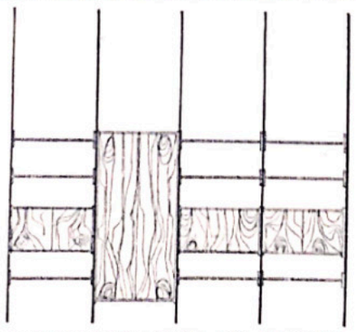
modulo arquitetura de interiores ● rua bolivar 21 a ● 366675 ● rio
arquitetos: a. rapoport - s. rapoport

fabre indústria e comércio de móveis e habitações s. a.

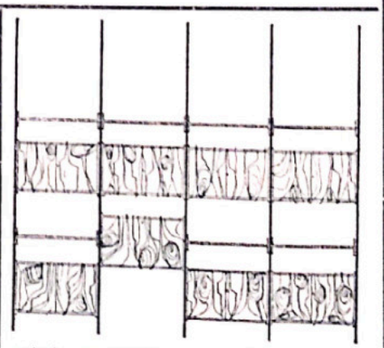
móvel
modulado
regulável



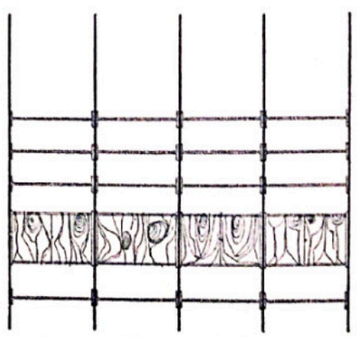
o móvel modulado regulável representa a participação da arquitetura de interiores brasileira na solução dos problemas de espaço, utilidade e beleza. as várias partes que o compõe permitem inúmeras combinações de prateleira, gaveteiros, armários, bares, bureaux, guarda-roupas e pequenos armários com prateleiras distribuídos pelos montantes de acôrdo com as exigências de seu ambiente. êle é pois um móvel adequado tanto a dormitórios, como a bibliotecas, livings, escritórios, salas de música e salas de jantar, inclusive para divisão de ambientes.



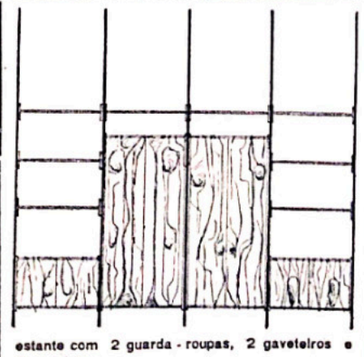
estante com 1 guarda-roupas, 1 bar, 1 gaveteiro, buffet e 9 prateleiras



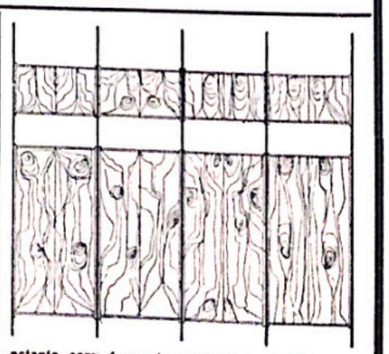
estante com 4 buffets, 3 gaveteiros, escrivaninha e 7 prateleiras



estante com gaveteiro, 1 bar, 2 moveis fechados e 16 prateleiras



estante com 2 guarda-roupas, 2 gaveteiros e 8 prateleiras



estante com 4 guarda-roupas e 4 armários com prateleiras

FÁBRICA: R. SATURNO, 95 - VIG. GERAL -TEL. 30-0861 — LOJA: ED. AVENIDA CENTRAL S/ LOJA 345 — ESCRIT.: AV. PRES. VARGAS, 453 - G. 1106 - TEL. 23-6373

ARQUITETURA

N.º 32 — Fevereiro — 1965

Órgão oficial do Instituto de Arquitetos do Brasil — Revista mensal do IAB-GB — Av. Rio Branco, 277, grupo 1 301 — Publicação da Edtôra Artenova Ltda. - Beco dos Barbeiros, 6 Grupo 201 - GB.

Conselho de Redação: Maurício Roberto, presidente; Edgar Graeff, Ernani Vasconcellos, Henrique, E. Mindlin, Ícaro de Castro Mello, Jorge Machado Moreira, Marcos Konder Netto, Oscar Niemeyer, Paulo Antunes Ribeiro, Paulo Ferreira Santos e Sílvio de Vasconcellos.

Conselho de Direção: Odylo Costa, filho; Alfredo L. Britto — IAB; Maurício Nogueira Batista — IAB

Conselho de Representantes: Alberto Xavier — IAB-RGS; Jorge Wilheim — IAB-SP; Vital Maria Pessoa de Mello — IAB-PE; Odilon Santos Neto — IAB-BA; Carlos Eugenio Hime — IAB-DF; Almir Fernandes — IAB-PR; Elio Vianna — IAB-ES.

Editor:

Alvaro Pacheco.

Redação: redator-chefe — Maurício Nogueira Batista — IAB; secretário — Alfredo L. Brito — IAB.

Colaboradores: Claudius Ceccon — IAB; Luís Paulo Conde — IAB; Ferreira Gullar, Carlos Diegues, Jota, Cléber Ribeiro Fernandes, José Guilherme Merquior, M. Cavalcanti Proença, Luís Miranda Corrêa, Arq. Alberto Vieira de Azevedo, Leandro Tocantins, Fernando Abreu (IAB) e Alex Nicolaieff (IAB).

Editôra Artenova Ltda. — Diretores: Alvaro Pacheco, Odylo Costa, filho — Beco dos Barbeiros, 6, Gr. 21 - GB.

Redação: IAB-GB — Av. Rio Branco, 277, grupo 1 301 — tel.º 22-1703, — Rio.

Administração, Publicidade e Assinaturas: Beco dos Barbeiros, 6 — grupo 201 — tel.: 31-2641; Rio - GB.

Representante em S. Paulo: REPRENAES — Rua 7 de Abril, 261 — 5.º andar — tel.: 32-3512

Esta publicação é distribuída gratuitamente a todos os arquitetos no exercício da profissão no Brasil, (3.932), tôdas as firmas construtoras (2.231), escritórios técnicos de urbanismo, engenharia e arquitetura, todos os decoradores e lojas de móveis e decorações do Rio e São Paulo, instituições de ensino superior brasileiras e estrangeiras, associações de classe e entidades culturais nacionais e estrangeiras, repartições públicas federais, estaduais e municipais ligadas à arquitetura, à engenharia e à construção em geral.

Venda avulsa em livrarias e bancas especializadas; preço do exemplar: Cr$ 500,00; número atrasado Cr$ 1.000,00; exterior US$ 1; assinaturas: 1 ano — Cr$ 5.000,00; exterior: US$ 10, tiragem: 10.000 exemplares.

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Composição e Impressão: EDIGRAF — Editôra e Gráfica Ltda. — Pç. Cruz Vermelha, 3-A — Rio.

Capa: Escada Helicoidal, elevações superpostas (pág. 17).

SUMÁRIO

Editorial

2 A Problemática Cultural da Arquitetura

Arquitetura & História

3 Os arcos cariocas
Arq.º Alex Nicolaeff

II Premiação Anual do IAB - GB

Prêmio Anual

12 Casa na Itanhangá
Arq.º Artur Lício Pontual e Carlos João Juppa

16 **Prêmio Anual**
Escada Helicoidal
Arq.º Marcos Vaz Ferrer

Menções Honrosas

18 Loja do Bom Desenho
Arq.º Artur Lício Pontual

20 Escola de Demonstração do Recife
Arq.º Luis Acioli

22 Escolinha de Trânsito
Arq.º Ulisses P. Burlamaqui

24 Bar, Salão, Arquibancadas, Quadra Coberta do Fluminense F. C.
Arq.ºs Luís Alberto Puchcu, Alberto Daniel e José Luis M. Ripper

26 Reportagem
Arq.º Maurício N. Batista e Fernando Abreu
Crítica
Arq.º Marcos Konder Netto

38 **Especificações nos projetos premiados**

Concurso

27 University College, Dublin

Comunicação Visual

30 ICOMI — Símbolo para uma emprêsa
Aloísio Magalhães

Galeria

33 Novos e velhos cinemas de hoje
Carlos Diegues

Premiação FNA

34 Pavilhão de Exposições
Luís Carlos Bcekel

38 **Notícias**

40 **Destaque**

Arquitetura & Técnica

41 Pesquisa de Insolação — Computador Solar
Arq.º Marçal Ribeiro Fonseca

44 **Diálogo**

46 **Legislação**

A Problemática Cultural da Arquitetura

Editorial

Quando, há dois anos atrás, o IAB-GB resolveu adotar a idéia da realização da premiação anual, tinha presente, como um dos objetivos primordiais da iniciativa, a divulgação e a difusão da obra e da ação do arquiteto.

A muitos esta preocupação poderia parecer excessiva. A Arquitetura afinal é uma das mais antigas profissões do mundo e, assim sendo, deveria ser bastante conhecida. A constatação é verdadeira, mas a sociedade se modificou e continua em permanente transformação. O arquiteto, como criador, não ficou imune às mudanças. Em determinado momento dessa evolução, êle perdeu substância, desfigurou-se e passou a ser um mero repetidor de formas mortas, em nome de um arcaico ideal artístico.

A cultura, ou a fase de sua evolução, que determinou o aparecimento desse arquiteto era, ela própria, uma cultura exangue. O choque do sangue nôvo da Revolução Industrial trouxe a possibilidade do reencontro do arquiteto com o verdadeiro sentido de sua profissão. O caráter recessivo da idéia formada anteriormente prosseguiu, todavia, dominando. O arquiteto não conseguia escapar da pecha de esteta estéril. Todo o movimento da renovação arquitetônica, a partir de William Morris, passando por Otto Wagner, Sullivan, Frank Lloyd Wright, Henri Van de Velde, Sant'Elia, até chegar a Gropius e à Bauhaus, procura destruir êste falso conceito e reintegrar o arquiteto e a Arquitetura em seu tempo e em sua sociedade.

Paralelamente a êste movimento, aparece na Inglaterra uma nova interpretação do Urbanismo, que abandonando o então vigorante conceito urbanístico da ostentação do poder público, passa a procurar no planejamento urbano a organicidade do espaço construído e o bem-estar e o confôrto do habitante das cidades.

Estes fatos têm pouco mais de 50 anos. A revolucionário projeto de Tony Garnier para uma cidade industrial foi elaborado em 1901 e exposto em 1904. As idéias de Ebenezer Howard das cidades-jardins independentes, do "Tomorrow a Paceful Path to Real Reform" datam de 1898 e foram postos em prática pela primeira vez por Raymond Unwin, em Letchworth, começada a construir em 1904.

No Brasil, a renovação iniciou-se entre as décadas de 20 e 30 e sua afirmação deu-se apenas no campo específico da Arquitetura. As teorias sôbre o planejamento urbano não lograram maior ressonância. O crescimento urbano era, ainda no País, um fenômeno em início de eclosão.

Feita a exceção da pouca obra de Atílio Correia Lima — em sua maioria estudos que não tiveram seguimento após o seu trágico desaparecimento — nada, ou quase nada, foi feito até Brasília. No entanto, alguns dos arquitetos que constituiram o movimento de vanguarda de renovação arquitetônica bateram-se ardorosamente pela implantação dos novos conceitos urbanísticos que na Europa e nos Estados Unidos começavam a ser ensaiados. Suas vozes não foram escutadas e o apêlo caiu no vazio.

Diante do extraordinário crescimento urbano que se processa no Brasil a partir da última Grande Guerra, os arquitetos continuaram fazendo o que estava ao seu alcance para tentar sensibilizar aquêles que detinham o poder de decisão, sôbre os gravíssimos problemas decorrentes do impressionante incremento das populações urbanas.

A situação do arquiteto em nossa sociedade não era, entretanto, das mais firmes. Ele continuava sendo encarado como o *artista*, apesar da constante pregação que fazia em favor de uma Arquitetura de raízes mais profundas no meio social. O arquiteto é inegàvelmente um ser preocupado verdadeiramente com os valôres sensíveis e espirituais da sociedade a qual pertence. A estreita vinculação a êsses valôres foi, entretanto, prejudicada pelo conceito que se tinha — e infelizmente ainda se tem — da arte e, em especial, da Arquitetura. A Arquitetura continua a ser considerada por muitos como um setor das belas-artes, dentro de uma conceituação caduca, anterior à transformação operada pelas revoluções industriais.

Dentro dêste quadro era natural que o apêlo e a advertência do arquiteto em favor da organização territorial, do planejamento físico e do tratamento humanístico das áreas urbanas, não tivessem maior repercussão. Além de não terem sido ouvidos, os arquitetos voltam a ser acusados de serem angélicos homens, preocupados apenas com os problemas de ordem estética. E, note-se que, os que assim os acusam, carregam esta palavra de pesadas conotações pejorativas.

É certo que não aceitamos esta redução do sentimento de beleza, de verdade e de valôres sensíveis, próprios do ser humano. O homem é um ser dotado de sensibilidade e portanto de senso estético. Nós, arquitetos, colocamos êsses valôres sensíveis numa faixa de importância semelhante à dos fatôres sociais, econômicos e técnicos.

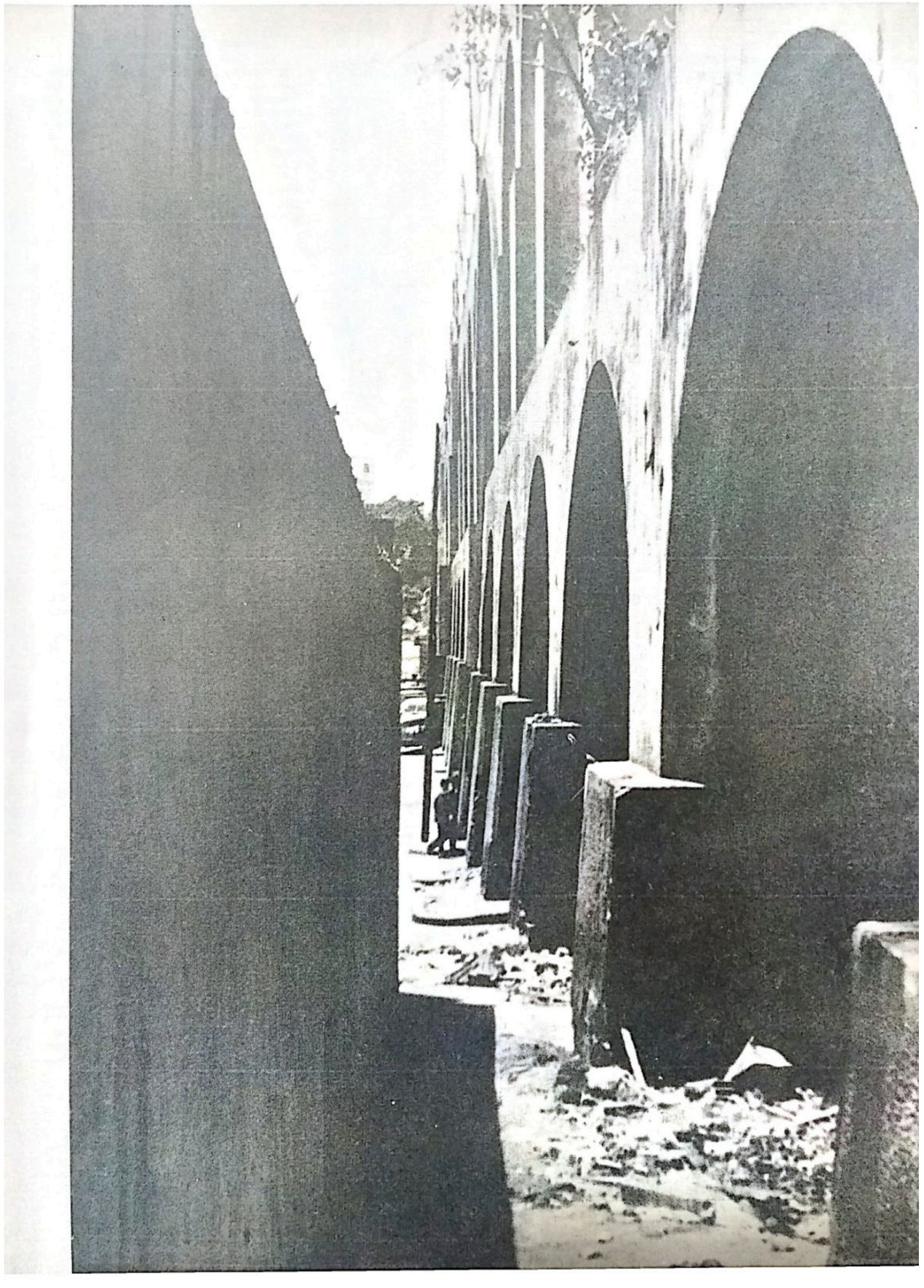
Em editorial recente, no qual debatíamos a cidade como fator de integração cultural, citamos Georges Patrix, jornalista francês, que atribui a disformidade de nossa civilização ao fato de, pela primeira vez, encontrarem-se artistas e técnicos, em campos opostos. A observação é verdadeira e valiosa. Os arquitetos têm procurado reduzir esta distância. Nesta tentativa, buscam realizar, nêles mesmos, a síntese do técnico e do artista.

O mesmo jornalista atribui ao arquiteto, por sua vocação, um destacado papel no planejamento territorial e observa que, infelizmente, atacado por todos os lados, o arquiteto não conseguiu ainda ocupar o papel que lhe cabe na elaboração dos programas dêsses planos.

Concordamos com GP em que a arte não é, nem nunca foi, o fruto dos museus, mas sim um bem de consumo universal, uma necessidade essencial, que, se não está incluída entre os gêneros indispensáveis à sobrevidência de um operário qualificado, a êle é, todavia, fundamental para que venha a ser um homem.

Nós, arquitetos brasileiros, não somos frios *estetas*, espertos *negociantes* ou perigosos *agitadores*. Somos homens preocupados com os destinos de nosso País e de nossa cultura. Desejamos atingir o estado no qual a família, ao dedicar-se as suas diversas obrigações, encontre, no próprio ambiente da vida diária, sua nutrição cultural. Êste desejo não é nenhuma quimera ou utopia, pois se o planejamento da região, da cidade, do bairro, da casa, e do local de trabalho, fôr pensado e bem feito, êstes mesmos locais poderão transformar-se em locais de cultura.

A ação dos arquitetos brasileiros no tocante aos aspectos de planejamento físico e da habitação têm sido marcada por essa diretriz e estamos convictos de que, nos últimos anos, pouquíssimas pessoas terão se dedicado ao estudo dêsses problemas com a constância, a seriedade e a honestidade de propósito dos arquitetos.



Os Arcos Cariocas

Alex Nicolaeff

É forçoso admitir, revelar e, sobretudo aceitar, que o Rio de Janeiro foi fundado cresceu e ficou grande sob o signo da falta de água. Com isto não se visa desprestigiar demais dificuldades ou virtudes sabidamente típicas. A enumeração das últimas aqui não cabe e falar de outras dificuldades seria indiscreto em face do Quarto Centenário, ocasião festiva; e além disso pretendemos ser uma cidade de turismo. Seguem os fatos e uma consequência.

Consta nos registros legados pelos fundadores ter-se encontrado água salobra nos poços que perfuraram. Abastecer-se de água potável tornara-se temerosa missão, verificada a presença de hostis selvícolas dados ao uso de setas venenosas e outras barbaridades na defesa do único manancial de importância encontrado na região do primeiro vilarejo. Era êste o Rio Carioca, elemento então importantíssimo à vida da população. Com o correr dos anos e a evolução das técnicas de persuasão foi resolvido o caso com os índios, mas quando a Cidade foi transferida para a proximidade do Morro do Castelo, local bem afastado da foz do Rio Carioca, (Praia do Flamengo) perdeu-se outra vez o abastecimento direto. A água passou a ser distribuída por um processo em tudo semelhante ao hoje usado na entrega do leite; em pipas e bujões, botijas e garrafões, levados às habitações pelos mesmos índios, agora mais cordiais.

Com o surto aurífero nos fins do século XVII aumentou a importância do Rio de Janeiro, que passou a ser o principal pôrto da Colônia, a população cresceu e houve falta de água generalizada.

Falava-se muito em desviar parte do Rio Carioca a partir de um ponto próximo ao seu nascedouro no Alto Silvestre para trazer a água até um ponto central, mas já então existiam os trâmites administrativos e as dificuldades financeiras de modo que não se chegava a nenhuma solução.

Criou-se mesmo um impôsto sôbre o vinho que revertia nas obras do aqueduto. Êste expediente, deveras parcial, mas de exemplar sensatez (os que tomavam vinho pagariam pelos que não podiam tomar vinho), também foi de pouca valia e as obras se arrastavam. Foi quando chegou Ayres de Saldanha, o novo governador, munido de preciosas instruções determinadas por El-Rei de quando e como fazer os trabalhos do aqueduto necessário. Verificou de imediato a urgência da tarefa e que o plano elaborado no Rio de Janeiro pelos técnicos locais era mais adequado e em tudo superior ao recomendado na remota Metrópole. Achou por bem adotá-lo sem delongas e iniciou os trabalhos dos arcos da Carioca. Além de resoluto e clarividente, revelou-se hábil político: fugir das decisões régias, recusar a tutela da Metrópole requeria arguto expediente que êle soube criar e no fim de quatro anos em 1723 estavam concluídos os trabalhos.

Assinalamos a controvérsia entre os estudiosos, atribuindo alguns a feitura dos arcos a Gomes Freire. Diante dos argumentos apresentados pelo arquiteto José de Souza Reis, em trabalho publicado no Vol. 12 da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1955) e considerando a simpatia do personagem passamos a defender o nome de Ayres de Saldanha.





Representam os arcos a maior e mais importante obra realizada no Brasil Colônia; medem 270m indo de Santa Teresa ao Morro de Santo Antônio. Sua altura sofre variações devidas ao declive do terreno registrando-se nos pontos mais baixos 18m e na largura comportam um bonde dos pequenos. A obra fêz-se com pedra de mão, tijolo, cal e areia e óleo de baleia para aglutinar a massa. O traço é fortíssimo e não se encontra nenhuma fenda ou falha no arcabouço da estrutura. Trabalharam na empreitada monumental índios e escravos africanos, empregando as técnicas rudes que a época e a Colônia permitiam. Hoje, a visão dos arcos já se tornou um hábito e é difícil dizer se é por êste hábito ou se por reais qualidades nas proporções. Para nós, é um gesto de tamanha naturalidade, tão espontânea sua postura no cenário urbano que, ao vê-los, fica-nos uma sensação de plenitude, achamos que está tudo em ordem e seguimos caminho.

O suor, os mosquitos, o calor, os esforços havidos quando da construção não nos ocorrem e nada na obra, além do volume, os sugere. Na naturalidade da sua implantação e das suas formas, revelam os arcos uma particular largueza de concepção. Parece mesmo que houve a intenção de dar aos seus componentes a possível simplicidade e graça. O pêso e o esfôrço requeridos nos trabalhos, não interferem na criação. Foram postos num plano de menor importância, superados pelo espontâneo predomínio de uma tendência para a elegância equilibrada. Talvez haja exagêro nessa suposição, mas a análise dos arcos, se não é conclusiva, pode auxiliar numa aproximação.

A arte de construir arcos tem remota e sabida origem. Seu desenvolvimento deve muito aos romanos sendo uma constante de sua arquitetura. A técnica construtiva do arco em si, contém um potencial plástico de incontestada variedade e, conforme, a utilização pode alcançar grande riqueza formal. O arco, ao vencer o espaço de forma contínua, descreve uma linha naturalmente agradável. A justaposição de arcos no mesmo plano sugere uma gama de ritmos igualmente ampla. Para fazer um aqueduto elevado, utilizavam os arquitetos romanos êstes elementos. De diversos pontos convergiam sôbre Roma os ritmos dos "arcuatum opus". Apontavam a capital do Império, marcavam a paisagem e, solenes, traziam água. O crescimento do Império levou consigo a técnica do arco. Por tôda parte onde se faziam necessários para vencer os

vales, apareciam os "arcuatum opus". Decorridos os séculos e desaparecidos outros vestígios da Arquitetura romana, mantêm-se estas belas arcadas, marcos perenes de sua pujança.

Com as fotografias de algumas dessas obras já nos é possível um estudo comparativo entre os diversos tipos de arcadas utilizadas nos aquedutos e assim julgar com maior critério os arcos cariocas. Dentro das limitações impostas pelo programa e das rigorosas exigências estruturais, nota-se variedade na feitura dos diversos elementos. Para suportar o canal condutor podia se usar uma única arcada formando os apoios vãos ininterruptos do chão ao vértice. Havia casos de duas, três e mesmo de quatro arcadas superpostas. Aos arcos da base dava-se às vêzes uma abertura maior, sendo sempre mais estreitos os cimeiros. Igualmente variada é a relação entre as alturas dessas arcadas sobrepostas, sendo frequente uma altura menor na superior, mesmo quando o passo é constante, de alto a baixo. Cabe ainda um comentário sôbre os apoios e a altura da faixa formada entre os vértices dos últimos arcos e o tabuleiro percorrido pelo "specum" (canal condutor). A respeito desta, importante elemento na definição do perfil dos arcos, pode-se notar que tende a reduzir-se no gradativo apurar da técnica construtiva. Os apoios, transmissores das cargas verticais, se alargam naturalmente na base. Na sua seção é mais frequente predominar a profundidade, havendo pés-direitos de secão quadrada e mesmo casos em que que é maior a dimensão frontal.

A maneira de construir aquedutos elevados pouco se alterou com a passagem dos séculos, mantendo-se praticamente a mesma, apesar das transformações sofridas na Arquitetura com o Gótico, a Renascença e o Barrôco. Não podia ser de outra forma pois permaneceram inalterados o pêso da sobrecarga e a resistência dos materiais, dados básicos nêste tipo de Arquitetura.

Feito o exame dos elementos envolvidos na feitura dos "arcuatum opus" voltamos aos arcos cariocas. Nota-se na sua composição formal um harmonioso condicionamento aos dados locais; topográficos, urbanísticos e mesmo climáticos.

Os arcos cariocas têm uma particularidade: sua extensão é limitada. Define-se entre os dois morros. Permitia e obrigava a esta posição as mais amplas e cuidadosas cogitações na composição e na seleção do risco das suas arcadas. Não se tratava portanto da escolha de um mero elemento construtivo passivel de ilimitada repetição.

Quando administrada por Ayres de Saldanha a Cidade estendia-se na faixa definida de um lado pelos Morros do Castelo e Santo Antônio e no outro extremo pelos Morros de São Bento e Conceição. (corresponde à extensão hoje limitada pelas Ruas 1.º de Março e Uruguaiana). A conformação do litoral, no entanto, definia com clareza as áreas de expansão da cidade de modo que os projetistas da época devem ter levado em consideração a posição central da nova obra. Estaria em breve incorporada na paisagem urbana diferenciando-se assim de seus precursores romanos, essencialmente rurais. Da mesma forma seria importante sua vista à distância. Os morros ligados pelos arcos limitavam naquele trecho a grande planura que daí se alarga e, por minutos quilômetros, além do Campo de Sant'Ana, a vista progredia livre de obstrução.





É êste um fator importantíssimo. O sítio dos arcos era claramente visível de alto mar, estava mesmo no eixo das navegações que se aproximavam da barra pelo litoral setentrional. A planície descrita garantia a transparência ilimitada dos arcos, sua trama seria a primeira construção a despertar a atenção do viajante. É fácil imaginar a magnificência da arcada quando o sol baixo do crepúsculo detalhava todo seu perfil. Duas barras planas atravessam o horizonte deslizando sôbre duas carreiras de arcos planos. Os apoios marcam um ritmo contínuo determinado por tramos de abertura constante (uns seis metros de eixo a eixo). A variação na altura dos tramos é absorvida pela arcada inferior, acompanhando os apoios os caimentos do terreno. A barra definida pelos vértices dêstes arcos baixos marca uma horizontal cuja extremidades vão arrematar os dois morros em pontos precisos. São os pontos em que, de repente se acentua a declividade dos taludes. É difícil dizer se foi apenas êste o fator que decidiu a altura das arcadas inferiores. De qualquer forma, a posição dessa faixa horizontal, tem consequências decisivas na expressão plástica do conjunto. A arcada superior, nascendo sôbre esta plataforma, tem altura fixa. A proporção dos vazios é de dois para três. (um quadrado encimado por um semicírculo do diâmetro igual ao lado) relação das mais sugestivas, próxima ao retângulo áureo. A altura das arcadas superiores lhes confere uma limpidez de considerável importância quando vistos de longe. Por outro lado sendo mais baixas e melhor relacionadas com a escala humana são as arcadas inferiores mais convenientes à observação e às demais atividades que tomam lugar no terreno ao seu redor. Os apoios de secção retangular alongada apresentam o lado menor sôbre a elevação, sendo sua profundidade bastante acentuada. A medida transversal talvez resulte exclusivamente da largura necessária ao leito do canal condutor de águas, mas é visível a intenção de manter a largura aparente na fachada dentro do mínimo exigido pela resistência do material empregado na obra. Finalmente mencionaremos um outro detalhe que se afigurava mero, mas eficiente elemento plástico: são os buracos redondos abertos no triângulo formado pelo tabuleiro e pela convergência dos arcos superiores. Diminuem o pêso desta massa, de certo modo marcam as verticais e acentuam o ritmo. Têm no entanto uma função estática pois

Fotos: Alex Nicolaeff

visam reduzir os empuxos horizontais causados pelo embate dos ventos. Esta razão foi sugerida por um mecânico de automóveis, morador da vizinhança e aqui a expomos por julgá-la verdadeira e por completar nesta análise dos arcos a relação de forma com função.

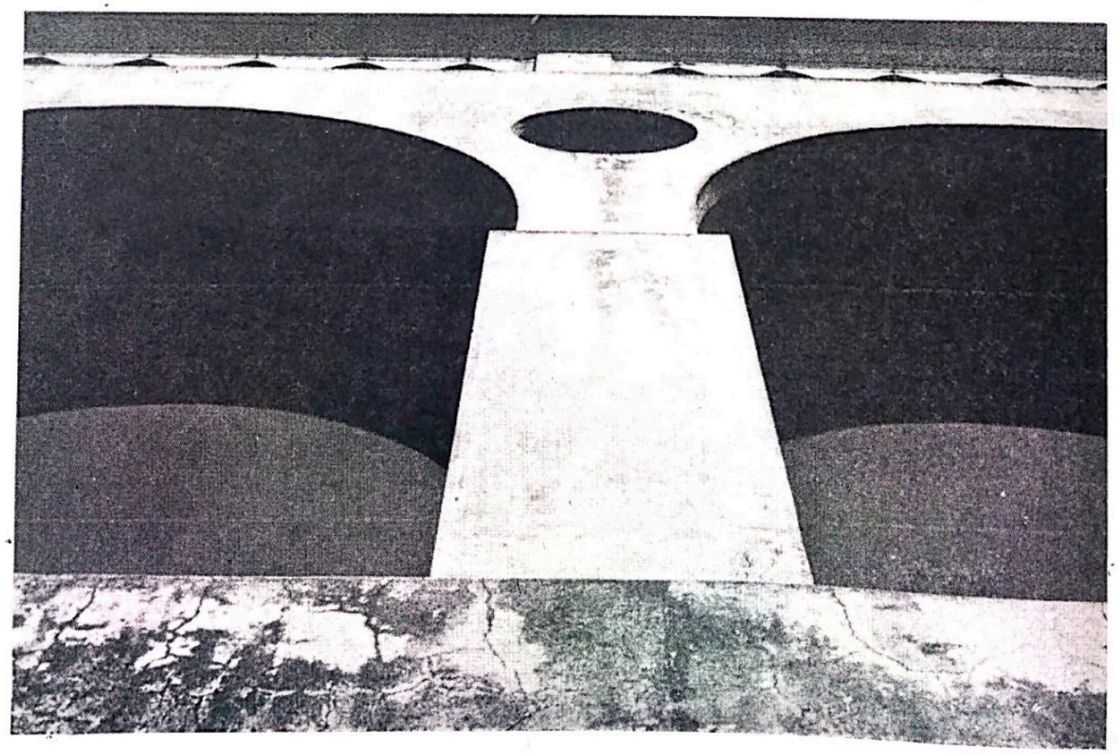
É impossível dizer até que ponto os arquitetos e construtores que trabalharam com Ayres de Saldanha, racionalizaram estas implicações, e tampouco isto tem qualquer importância. O fato é que souberam dar à Cidade a água necessária e ainda, de quebra, um admirável monumento.

As muretas vazadas por pequenos arcos quebrados que ladeiam o tabuleiro não constam do risco original. Os dois arcos duplos foram igualmente executados em fases posteriores. Sem nada acrescentar, não chegam a prejudicar o aspecto geral. No entanto, a abertura de outros arcos duplos deve ser evitada.

Seria também desejavel a reintegração dos arcos ao centro da cidade, dando a seus espaços maior significado e melhor articulação com a vida urbana das áreas próximas: iniciando-se nos jardins do Atêrro, com o MAM e o Monumento aos Pracinhas, abrangendo sucessivamente a Lapa, o Passeio Público e Cinelândia, para terminar no Largo da Carioca, desenvolve-se uma faixa que engloba tôda uma gama de diversões. O afluxo de gente nos dias feriados já caracterizou esta parte da cidade como zona de recreação. Converge para lá a população de bairros próximos e mesmo de lugares afastados, quando as pessoas resolvem "passear na cidade".

Os arcos da Lapa, o mais altivo, belo e simples dos monumentos cariocas voltariam a participar dos lazeres, digamos estéticos, da população. Tornando-se viável tal integração, deve-se ainda levar em conta o impressionante jôgo de formas de luzes e sombras que o movimento do sol desenvolve em tôrno dos arcos (sua diretriz corre paralela com a orientação norte-sul).

Apesar dos pesares, passados mais de dois séculos os arcos permaneceram úteis. A água tomou outros caminhos, cada vêz mais tortuosos, diga-se de passagem, e foi necessário providenciar condução aos moradores de Santa Teresa e os arcos continuam a funcionar no transporte. Tornaram-se mesmo precursores das pistas elevadas que hoje crescem pela cidade. São a principal artéria do cada vez mais populoso bairro e a paralisação de seu uso só será possível quando houver uma via apropriada ao tráfego de ônibus ligando Santa Teresa ao centro da cidade. É uma hipótese bastante remota e sendo assim permanecerão os arcos um monumento belo, eficiente, e cumpre completar, maltratado. □





II Premiação Anual do IAB-GB

O Instituto de Arquitetos do Brasil — Departamento da Guanabara promoveu com grande exito, no final do ano passado sua II Premiação Anual.

A idéia da realização de uma premiação anual de Arquitetura na Guanabara surgiu da necessidade imperiosa de se difundir a Arquitetura e de se valorizar a atividade profissional do arquiteto. A associação da premiação a uma exposição dos trabalhos correntes e a uma festa na qual fôssem recebido os novos arquivos de cada ano completava o plano dos dirigentes do IAB-GB, que sentiam agudamente a importância de dinamizar a atuação do Departamento, promovendo a obra do arquiteto e estabelecendo vinculos mais estreitos entre o IAB e seus membros.

Os titulos da premiação abrangem os diversos aspectos do trabalho arquitetônico — os inúmeros programas de Arquitetura, o planejamento urbano e regional, o paisagismo, a arquitetura de interior, o desenho industrial aplicado à Arquitetura e os trabalhos escritos sôbre os temas desses mesmos titulos.

O reconhecimento da oportunidade da iniciativa levou os integrantes da Comissão Julgadora da I Premiação Anual — arquitetos Icaro de Castro Melo, Mauricio Roberto e Paulo Antunes Ribeiro — a sugerirem a sua adoção pelo Conselho Superior do Instituto de Arquitetos, estendendo-a desta forma aos demais órgãos locais do IAB e reunindo o resultado dêsses certames regionais em um cotejo nacional e ser realizado cada dois anos. Esta proposição, levada pelo IAB-GB à Assembléia Nacional do Instituto de Arquitetos do Brasil, reunida em maio do ano passado do Rio, foi aprovada a regulamentada. A partir de 1966, bienalmente, o Instituto de Arquitetos do Brasil realizará uma Premiação Nacional à qual só poderão concorrer os trabalhos destacados nas premiações regionais.

À II Premiação Anual do IAB-GB concorreram 35 trabalhos. A Comissão Julgadora, composta pelos arquitetos Aldary Toledo, Flávio Marinho Rego, Jorge Machado Moreira e por M. Cavalcante Proença, (trabalhos escritos), após apreciar detidamente os trabalhos concorrentes chegou a um veredito que atribuia dois prêmios e seis menções honrosas.



Arthur Licio Pontual recebe seu titulo de premiação das mãos de Carlos Drummond de Andrade, sob o aplauso do Deputado Carvalho Netto, Mauricio Roberto, Deputado Gustavo Capanema e Jorge Moreira.



Flávio Marinho Rêgo (ao fundo), Marcos Konder Netto recebendo seu prêmio das mãos de Ary Garcia Rosa, e ainda o deputado Carvalho Netto, Mauricio Roberto e deputado Gustavo Capanema.

Concluindo o seu parecer o Júri registrou que "da impressão que lhe ficou do exame das obras e projetos apresentados, o Juri, ao encerrar os trabalhos, sente-se forçado a assinalar o perigo que o formalismo e o decorativismo podem representar na evolução da Arquitetura brasileira".

Receberam o Prêmio Anual IAB-GB, 1964 os arquitetos Artur Lício Pontual e Carlos João Juppa, na Categoria A-1, Habitação Unifamiliar, obra construida, pelo trabalho "Casa no Itanhagá"; e o arquiteto Mário Vaz Ferrer Filho, na Categoria I — Diversos, pelo trabalho "Escada Heliocidal". As menções honrosas foram atribuidas aos arquitetos Luis Acioli (categoria A-5, Edifícios para Fins Educacionais e Culturais, obra construida: "Escola de Demonstração no Recife"); Ulysses Burlamaqui (Categoria B-6 Edifícios para Fins Esportivos e Recreativos, projeto: "Escolinha de Trânsito"); Luís Carlos Pucheu, Alberto Daniel e José Luis M. Ripper (Categoria B-6, "Bar, Salão de Jogos Arquibancada e Quadra de Esportes do Fluminense Futebol Clube"); Arthur Lício Pontual (Categcria F., Arquitetura de Interior: "Loja do Bom Desenho"); Marcos Konde Netto (Categoria H-2, Trabalhos Escritos, Crítica: "Sonhadores Sim, com Muita Honra"); Maurício Nogueira Batista e Fernando Abreu dos Santos (Categoria H-3, Trabalhos escritos, Reportagem: "Convento de São Boaventura: Importantes Ruínas e Serem preservadas") Capanema e Moses: Personalidades homenageadas em 1964.

Foi instituido pelo IAB-GB, a partir do ano passado, o princípio de destacar, todo ano, personalidades que por sua ação na vida pública tenham trazido uma efetiva contribuição à afirmação e ao desenvolvimento da Arquitetura brasileira.

A Comissão Diretora do IAB-GB decidiu inaugurar esta praxe homenageando o Deputado Gustavo Capanema e o jornalista Herbert Moses.

Gustavo Capanema e Herbert Moses são credores do reconhecimento dos arquitetos brasileiros, e especialmente dos arquitetos cariocas, pela ação de que foram protagonistas na fase da implantação e na consolidação do movimento renovador da Arquitetura brasileira.

Gustavo Capanema, à frente do Ministério da Educação, promoveu a vinda ao Brasil de Le Corbusier e confiou a uma equipe de jovens arquitetos — que encarnavam na época o espirito da renovação arquitetônica — a tarefa de projetar o edifício do Ministério, hoje transformado em um um dos marcos mais significativos de nossa Arquitetura.

Herbert Moses, na presidência da Associação Brasileira de Imprensa, teve uma participação firme e decisiva na construção do projeto para a sede da ABI, naquele tempo por muitos condenado, mas que da mesma forma que o do Ministério, tornou-se numa das mais expressivas obras da Arquitetura brasileira. Outra ação de Moses a destacar foi o seu trabalho como jornalista por ocasião da estada no Rio do arquiteto Frank Lloyd Wrigth, que aqui veio juntamente com Eliel Saarinen, para julgar o concurso do Farol de Colombo.

Festa Anual dos Arquitetos Cariocas em 1964.

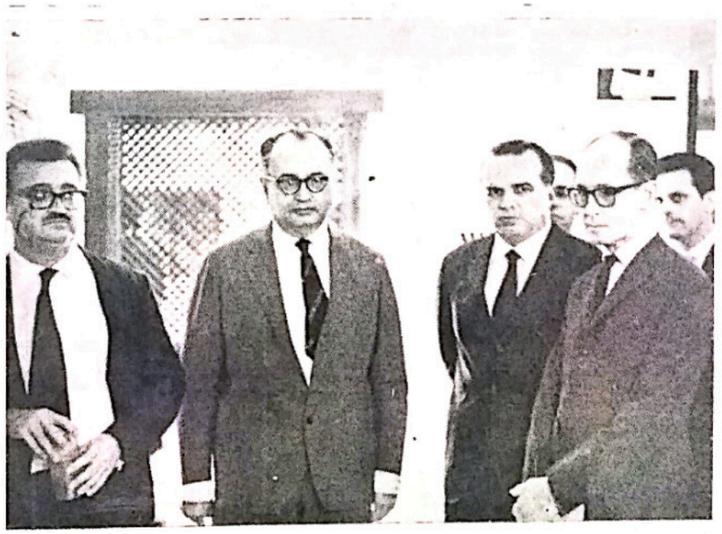
A Festa dos Arquitetos realizou-se no final de 1964, na Galeria da OCA, Praça General Osório. A Praça General Osório, em Ipanema, é hoje um dos pontos mais importantes da vida cultural do Rio, reunindo em seu redor, cujo centro está no chafariz de Mestre Valentim, galerias de arte, lojas de mobiliário, restaurantes...

Na festa, foram recepcionados e homenageados o Deputado Capanema Moses, enfêrmo, não pode comparecer) e os novos arquitetos, formados em 1964 pela Faculdade Nacional de Arquitetura. Durante o transcorrer da festa, procedeu-se a entrega dos prêmios e das menções honrosas aos arquitetos distinguidos na II Premiação Anual. O ato de congraçamento dos arquitetos cariocas contou com a presença um grande número de pessoas, entre as quais destacavam-se artistas, escritores, jornalistas e arquitetos.

A coordenação dos trabalhos de II Premiação esteve a cargo dos arquitetos Alex Nicolaef, Luiz Paulo Conde e Wit Olaf Prochnick que tiveram a colaboração ao "Diário de Notícias", através de efetiva participação do arquiteto Jorge Pinto Guimarães, diretor do (DN). Na realização da Festa Anual dos Arquitetos Cariocas é de se ressaltar, ainda, a decisiva cooperação dos diretores da OCA, Jairo Costa e Sérgio Rodrigues. □



O Deputado Gustavo Capanema palestra com Jorge Moreira; à direita, Aldary Toledo, Luis Paulo Conde, Sérgio Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade.



O Embaixador Everaldo Dayrell de Lima, ladeado por Aldary Toledo, Mauricio Roberto e Carlos Drummond de Andrade. Ao fundo, o arquiteto Sérgio Rocha





II Premiação do IAB-GB

Categoria A - I
Prêmio Anual: Casa no Itanhangá
Arquitetos: Artur Licio Pontual
Carlos João Juppa

Artur Licio Marques Pontual nasceu em 22 de janeiro de 1935, em Recife.

Iniciou o curso de Arquitetura na FAUR e terminou na FNA - UB, colando grau em 1962. Ao chegar ao Rio, ainda estudante, trabalhou como paginador da revista Módulo e depois como desenhista da Novacap, fazendo parte da equipe de Oscar Niemeyer. Passou o ano de 1958 na Europa organizando uma série de exposições sôbre Brasília e ao voltar organizou um escritório com Aluísio Magalhães, de desenho industrial e comunicação visual.

Atualmente dirige a seção de Arquitetura da Cobe - Companhia Brasileira de Estruturas — onde tem uma atividade de Arquitetura diretamente ligada ao problema construtivo.

Tem realizado, além de montagens de exposições internacionais, vários trabalhos de Arquitetura de interior e residências em Recife, Santa Catarina e na Guanabara.

Na Cobe projetou e construiu o Supermercado Disco em Ipanema, edifícios comerciais e residenciais, além da execução da instalação da Loja do Bom Desenho.

Premiações:

Menção Honrosa no Concurso do Monumento Nacional dos Mortos da 2.º Guerra Mundial — 1955.

Menção Honrosa na Exposição de Bruxelas com o *stand* de Brasília — 1958.

Menção Honrosa no Concurso Formiplac de Arquitetura de Interior — 1962.

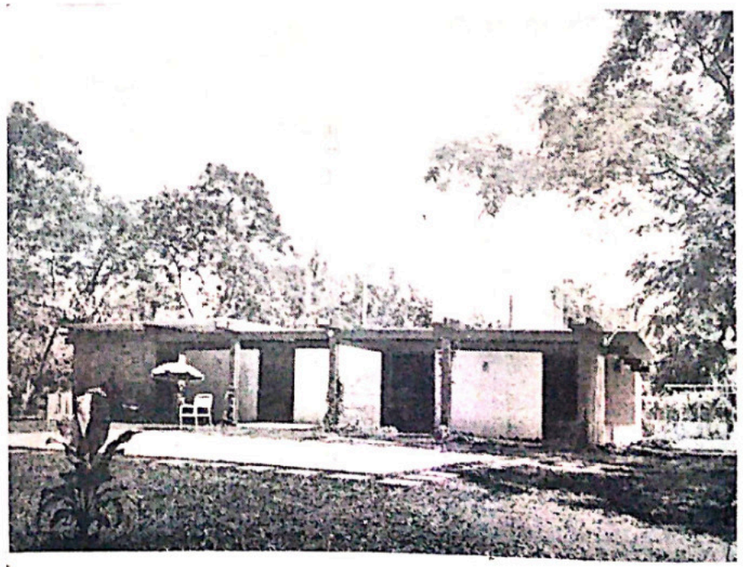
1.º Prêmio no Concurso Nacional de Poltronas instituído pela Brafor — 1963.

Carlos João Juppa nasceu em 1937, no Espírito Santo.

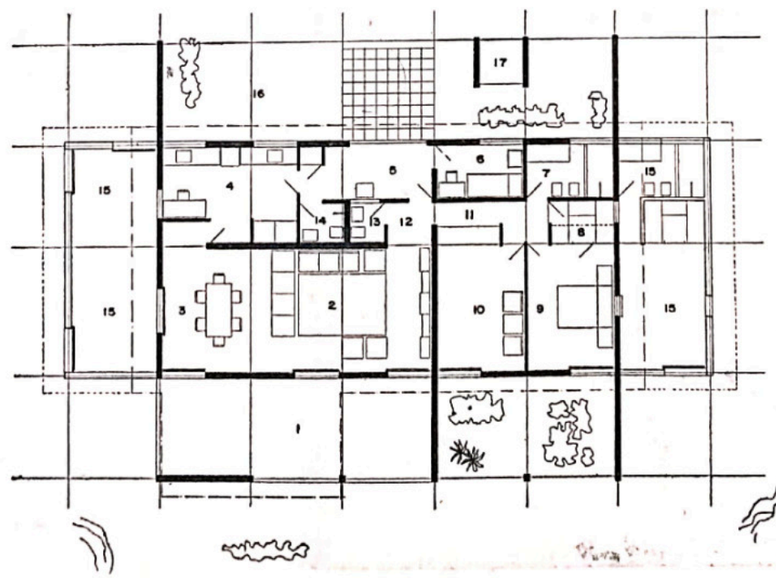
Ingressou na FNA - UB em 1958, colando grau em 1962. Quando estudante trabalhou no escritório do arquiteto Maurício Sued, onde realizou o aprendizado de instalações elétricas e hidráulicas. Mais tarde transferiu-se para o escritório de desenho industrial e comunicação visual de Magalhães, Noronha, Pontual, na Ladeira do Leme. Ainda estudante, levado por Artur Licio Pontual, passou a fazer parte da equipe da Cobe, como desenhista.

Após diplomado, projetou e fiscalizou a construção do projeto ora premiado, passou a arquiteto da Cobe em 1963, sendo o responsável pelo desenvolvimento e construção de um prédio comercial em Copacabana, na Avenida Princesa Isabel.

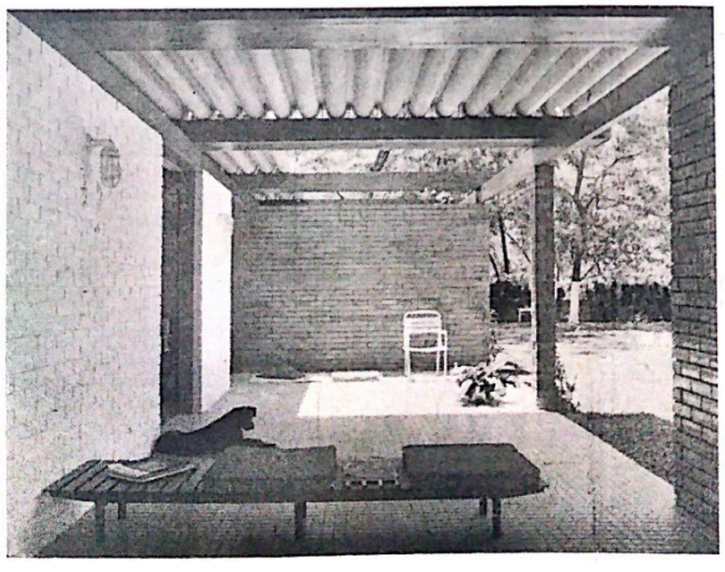
Parecer do Júri: "A simplicidade e clareza da solução, os agradáveis espaços conseguidos e o uso adequado de materiais, conferem à essa residência uma harmoniosa unidade e beleza".

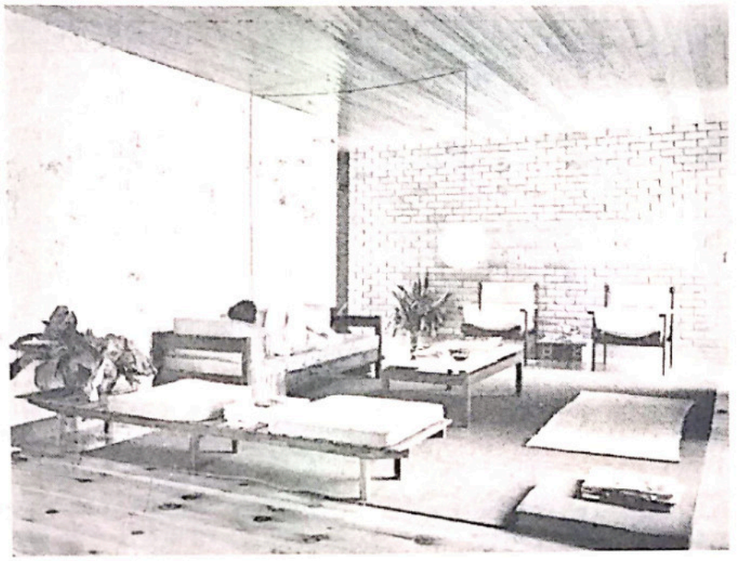


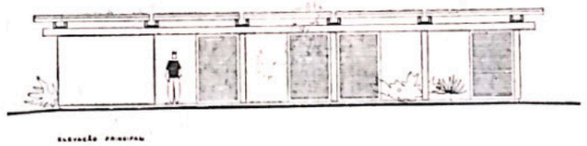




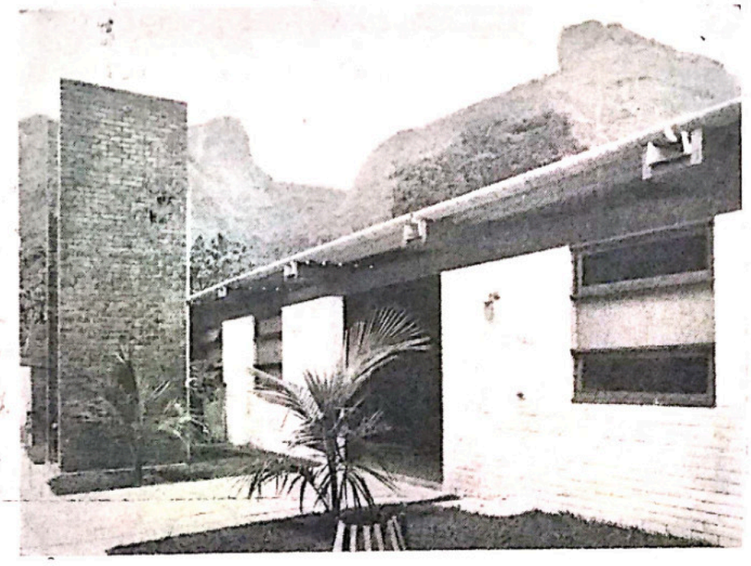








Página 14: duas vistas da varanda. Note-se as paredes, em tijolo aparente ou simplesmente caiadas.
Nesta página: vista interior do "living" (n.º 2 na planta); elevação principal da residência, em sua primeira etapa de construção; vista da elevação posterior.
Na foto, vale notar as duas muretas de tijolo que elevam a caixa-d'água (n.º 17 na planta).



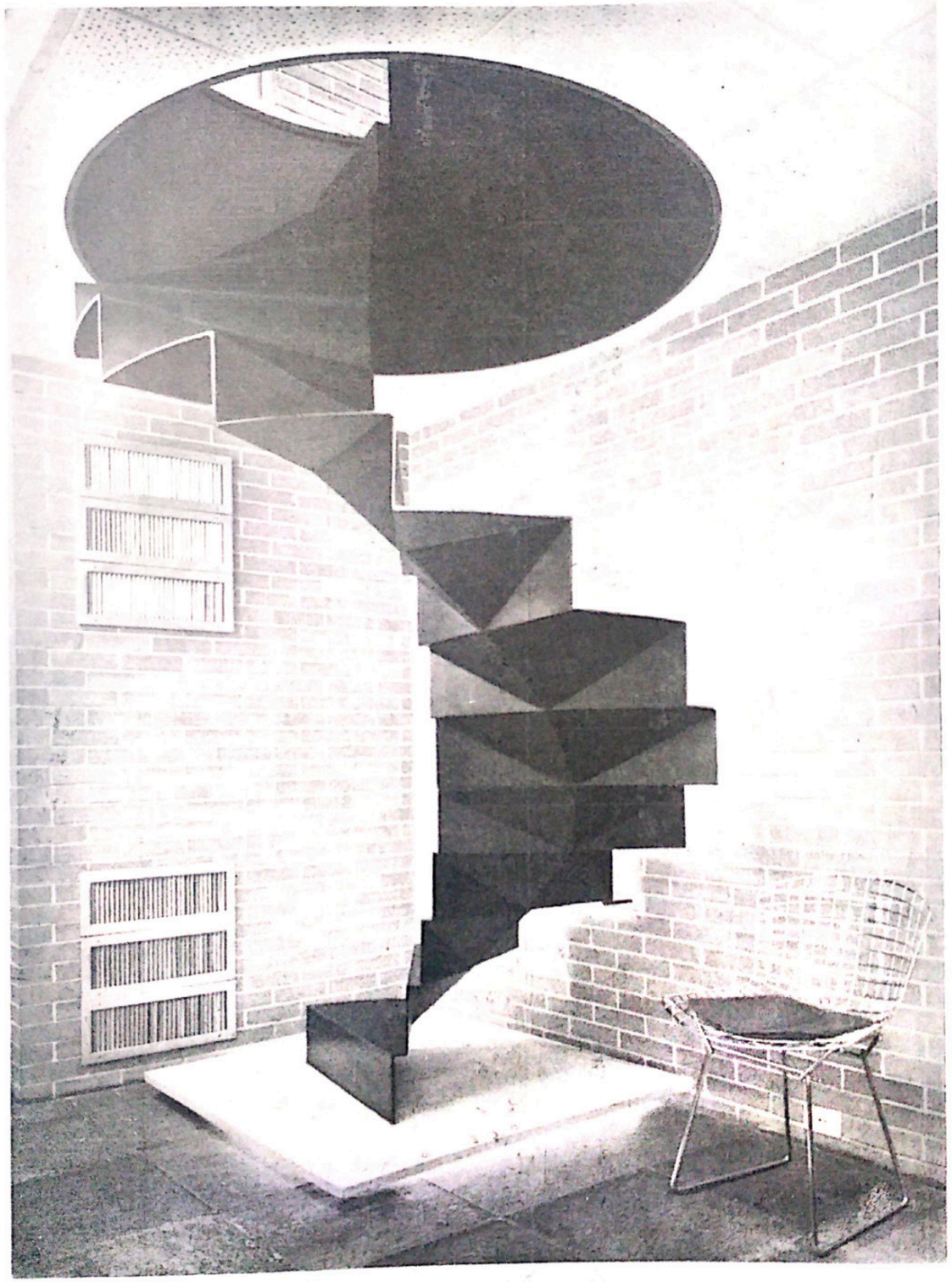


Foto: Michel Aertzens



Categoria I
Prêmio Anual: Escada Helicoidal
Arquiteto: Marcos Vaz Ferrer Filho

Ferrer é formado pela FNA em 1960. Fêz o curso de Planejamento regional e Local do urbanista Max Lock, no Rio.

Alem de projetos de hotéis, clubes, jardins, executou residências em São Lourenço, Carmo de Minas, Itajubá, Teresópolis, e o Pavilhão de Administração do Hospital Estadual Santa Maria na GB. Foi o autor do símbolo da Suseme.

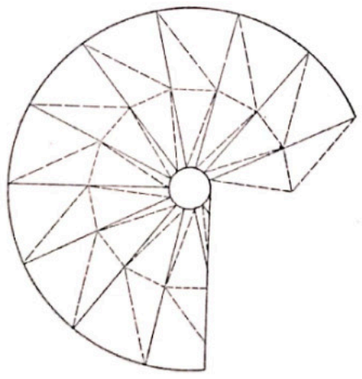
Atualmente está à frente do Serviço de Estudos e Projetos da Secretaria de Saúde — GB.

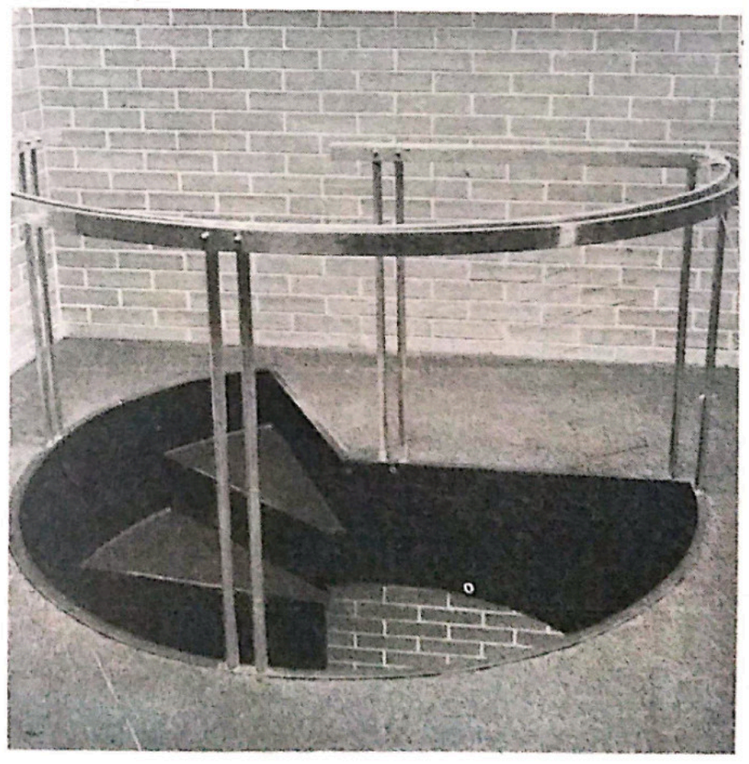
É mineiro de São Lourenço, nascido a 17 de maio de 1935.

O projeto: Escada helicoidal ligando dois andares da Companhia Imperial Comércio e Indústria; feita em chapas de ferro, com a estrutura inferior facetada. Revestimento do piso à base de Neoprene. Sua localização junto a um canto de parede dispensou o uso de corrimão.

Parecer do Júri: "Problema bem resolvido plàsticamente, através de solução técnica simples e imaginativa".

II Premiação do IAB-GB



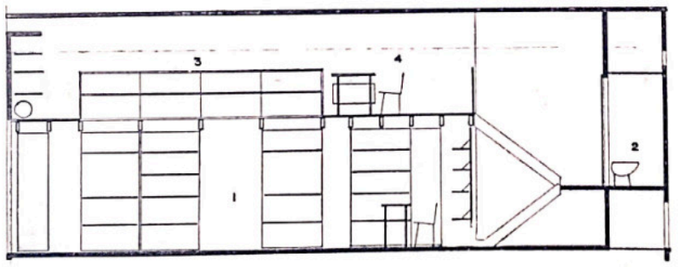


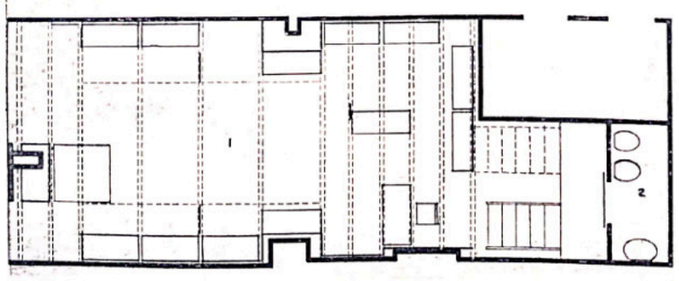


Categoria F
Menção Honrosa: Loja do Bom Desenho
Arquiteto: Artur Lício Pontual

Parecer do Juri: "Solução flexível adaptável à exposição dos artigos em venda, realizada com simplicidade de côres e materiais. A loja tem seu mérito aumentado pela idéia de oferecer ao público uma seleção de bons produtos industriais, desempenhando, assim, função educativa".

II Premiação do IAB-GB





Legenda:
1. loja-exposição; 2. banheiro; 3. depósito;









Páginas 18/19 — Vistas do interior da loja e, acima, entrada e elevação principal



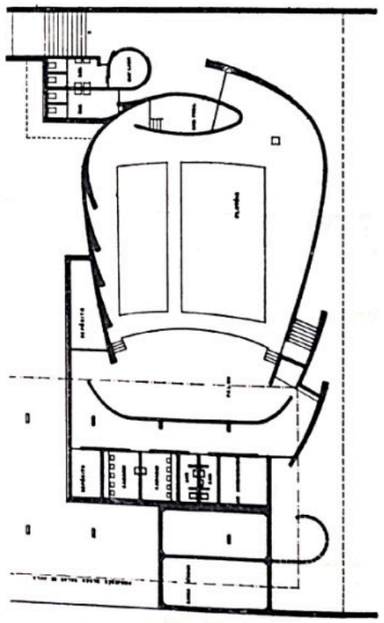
II Premiação do IAB-GB

Categoria A - 5
Menção Honrosa: Escola de Demonstração do Recife
Arquiteto: Luis Acioli

Luís Ac'oli diplomou-se pela FNA - UB em 1957. Desde então trabalha no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, sendo responsável pelos projetos da Escola Parque, em Belo Horizonte, da Escola de Demonstração do Rec'fe, do Centro Educacional de Campina Grande e de escolas-classe. Atualmente desenvolve o estudo do Centro de Treinamento do Magistério de Minas Gerais e da Escola Média Compreensiva do Centro de Pesquisas Educacionais de São Paulo. Foi um dos autores do projeto dos edifícios residenciais das quadras 114 e 308 do Banco do Brasil, em Brasília. Desde 1958, em soc'edade com Paulo Casé, tem projetado edifícios, residências e instalações comerciais, entre os quais, o Edifício Atahulpa, as Agências Copacabana (GB) e Campinas (SP) do Banco Mineiro da Produção S.A., Agência Quitanda (Matriz - GB) do Banco Continental e a residência de Nathan Kimelblat, em Teresópolis.

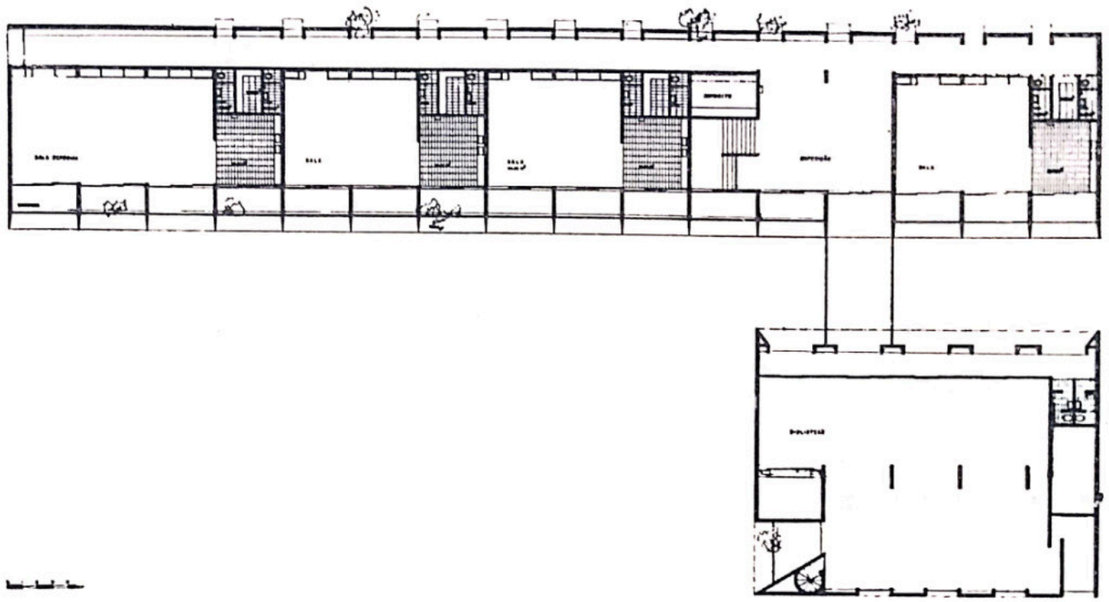
O Projeto: Esta escola primária é peça essencial do Centro de Pesquisas Educacionais do Recife, INEP - MEC, e se destina à experimentação, à aplicação e à pesquisa de novos métodos pedagógicos. Daí a inclusão de elementos e soluções não encontrados habitualmente, nos demais prédios escolares do país. O setor de trabalho, o depósito e os sanitários anexados a cada sala de aula, surgiram da necessidade de que esta deve ser autônoma, funcionando como uma escola isolada. O partido adotado em três blocos (salas de aula e exposição, administração, pesquisas e biblioteca, e auditório) visou atender às impos'ções e às finalidades distintas de cada um dêles. O programa teve a supervisão do Prof. Anísio Teixeira, então diretor do INEP, e do Dr. Gilberto Freyre, diretor do Centro.

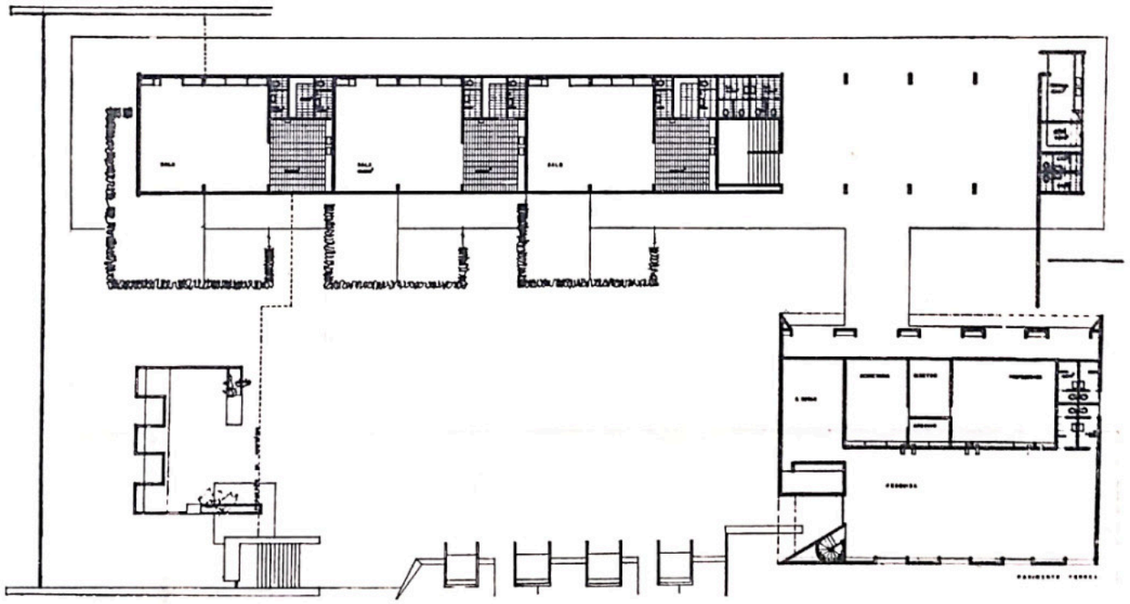
Parecer do Júri: "A obra revela apreciáveis qualidades plásticas e técnicas bem como boa ambientação, sendo seu destaque prejudicado pela deficiente solução do acesso à escola".

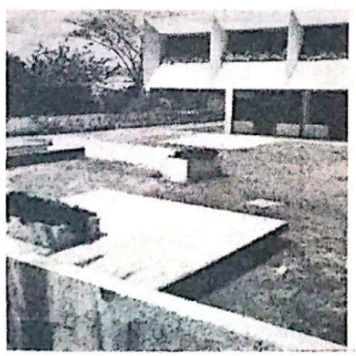


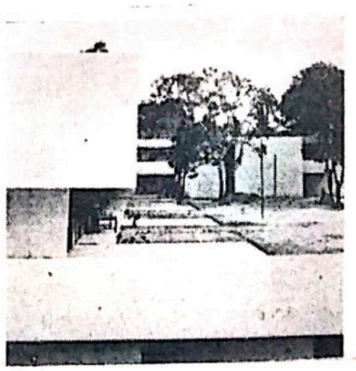


À esquerda, acesso do laboratório e avarandado da biblioteca; à direita, vistas externas da esc'la. Plantas do térreo, segundo pavimento e auditório semi-enterrado.













II Premiação do IAB-GB

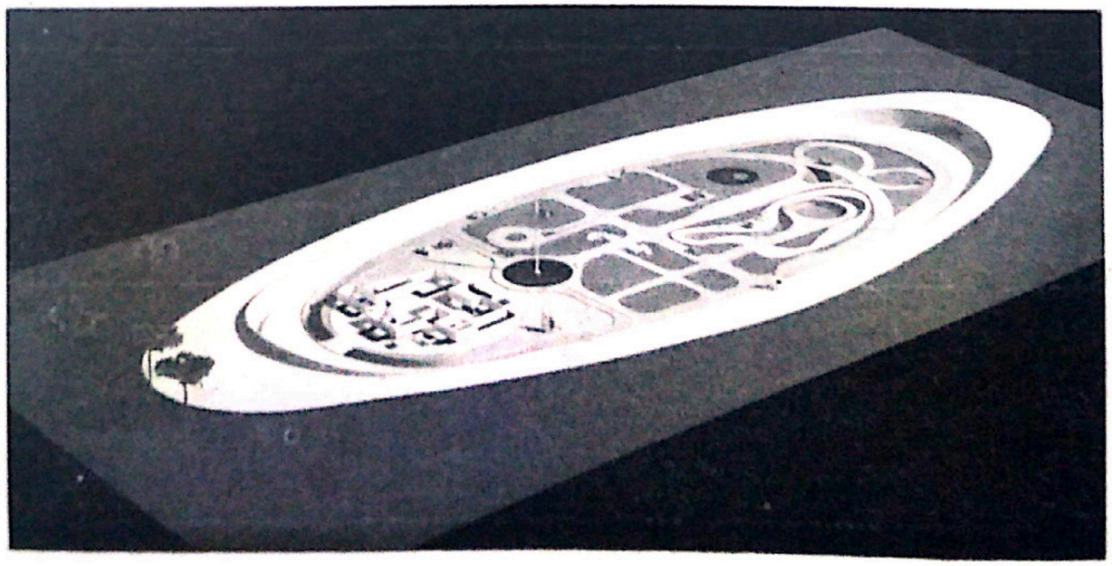
Categoria B - 6
Menção Honrosa: Escolinha de trânsito
Arquiteto: Ulysses P. Burlamaqui

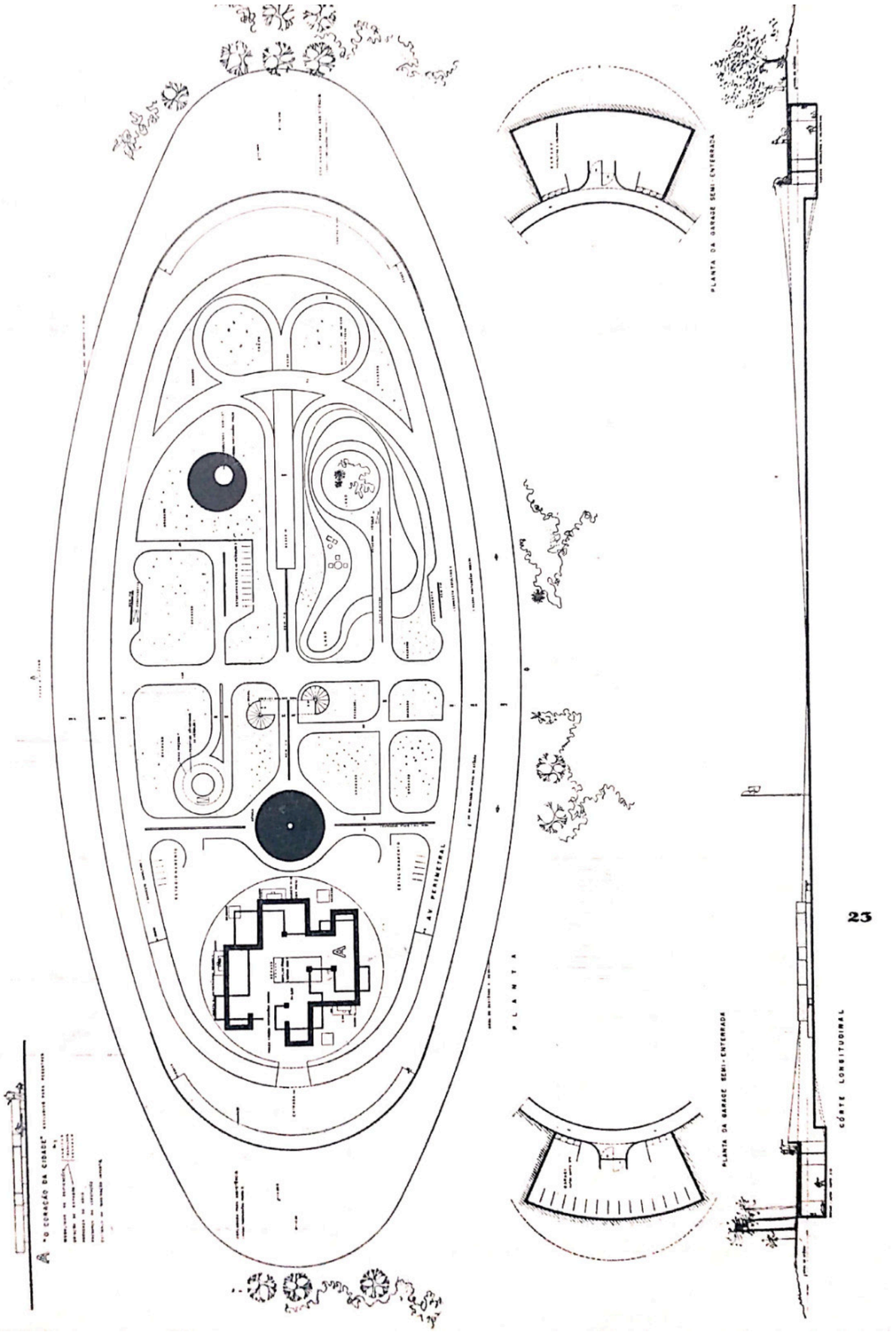
Ulysses Petrônio Burlamaqui nasceu em 18 de agôsto de 1925 e colou grau no ano de 1950 na FNA - UB. É hoje professor nesta Faculdade da Cadeira de Arquitetônica do 5.º ano, e arquiteto do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários. Além de inúmeras residências, conjuntos habitacionais, edifícios religiosos, edifícios para fins comerciais, esportivos e industrias. Realizou os edifícios-sede do IAPI em Juiz de Fora, João Pessoa e Curitiba (êste premiado pela Prefeitura de Curitiba); edifício sede do IAPB em João Pessoa; os conjuntos habitacionais do IAPI em Vila Isabel; o conjunto residencial da Av. Eng.º Richard no Grajaú; o pavilhão do IAPI na Feira do Café em Curitiba; o bar Bem em São Conrado.

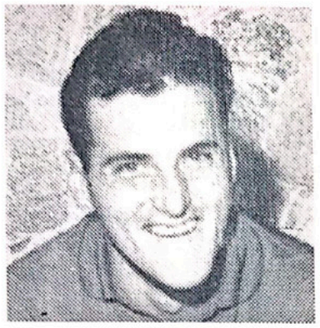
Juntamente com o arquiteto Marcos K. Netto, recebeu menção honrosa no Concurso do Edifício Peugeot, Buenos Aires. Recebeu o Prêmio IAB - GB de 1953.

O Projeto: Escolinha de Trânsito, no Aterro da Glória. Tem por objetivo educar a criança em face de alguns problemas da "Idade da Máquina", pretende também diverti-la. Consta o traçado de pistas, garagens para estacionamento de veículos e *play-ground* aonde as crianças irão encontrar o ambiente adequado para seus momentos de distração. Teve como idéia básica projetar um conjunto urbano simbólico com alguns problemas naturais às grandes cidades, mas apresentando à criança certas facilidades que as técnicas de hoje permitem e que, óbviamente, serão usuais em futuro muito próximo.

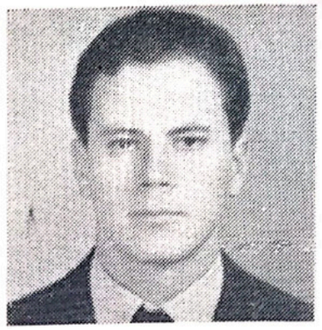
Parecer do Júri: "Solução de bom gôsto para um problema nôvo entre nós. O arquiteto procurou dar maior interêsse ao tema proposto. A solução se prejudicou, por falhas de circulação e acesso.











Categoria B - 6
Menção Honrosa: Bar, Salão de Jogos, Arquibancadas, Quadra Coberta do Fluminense Futebol Clube.
Arquitetos: Luís Roberto Pucheu, Alberto Daniel, José Luís M. Ripper

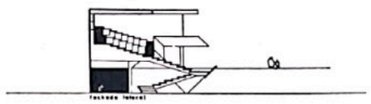
Luís Alberto Pucheu nasceu a 21 de outubro de 1934, formando-se pela FNA - UB em 1958. Estagiou em obras no escritório de engenharia civil de Alberto Pucheu. Vários projetos de residências, estabelecimentos comerciais e esportivos, entre os quais o Projeto do restaurante e bar do Clube de Regatas do Flamento no Estádio da Gávea (obra em execução) ,e o presente projeto.

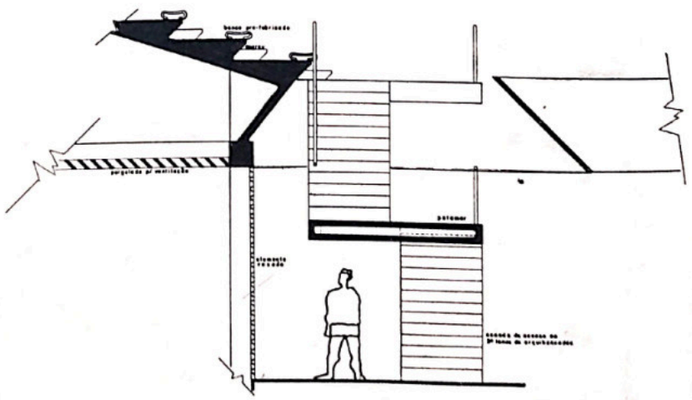
Alberto Daniel nasceu a 9 de abril de 1934, formando-se pela FNA - GB em 1958. Estagiou nos escritórios de Jorge Moreira, Carlos W. Carvalho, Kosmos Eng. S.A. Arquiteto da Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira" SP., e da Eternit do Brasil Cimento Amianto S.A. Autor de vários projetos residenciais, comerciais, etc. Projeto para o Conjunto de casas da Socisa, Conjunto das Químicas da Universidade de São Paulo. Junto com José Luís Mendes Ripper projetou a *boutique* "Jean et Marie" e a loja de artigos masculinos "Fumaça".

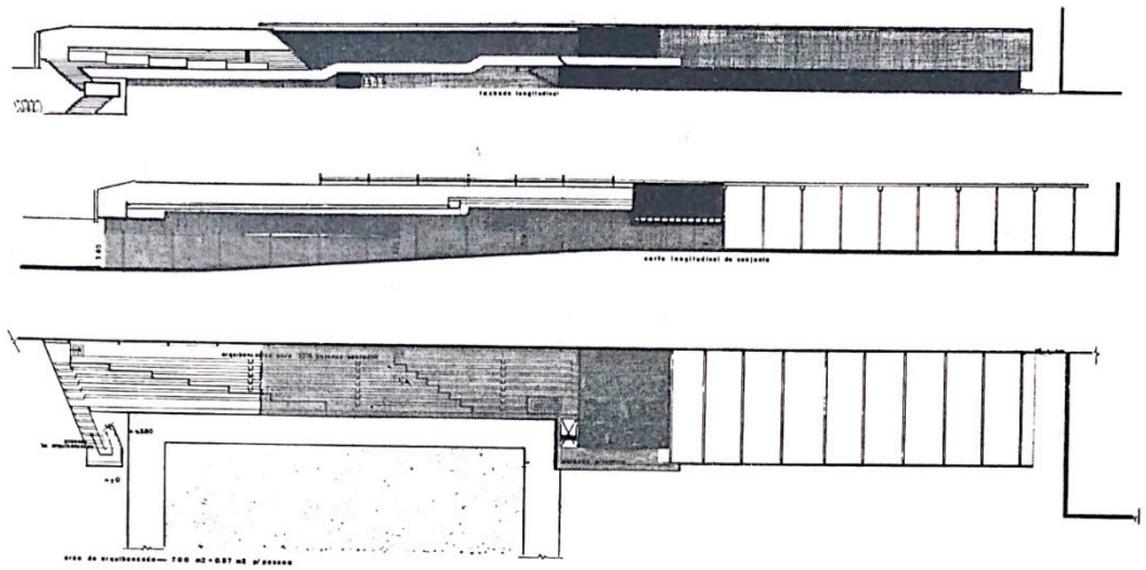
José Luís Mendes Ripper nasceu a 28 de setembro de 1935, formando-se pela FNA - UB em 1958. Autor do projeto da casa de campo do Sr. Jersey Lobo em Penedo; 2 anfiteatros para a Politécnica na CUASO — SP. Colaboração no estudo da urbanização da quadra da Politécnica e centro social, em madeira, também para a CUASO. Projetou a casa de campo em Bananal do Sr. Castro Barbosa e a Boutique "Angolo di Roma" em Copacabana.

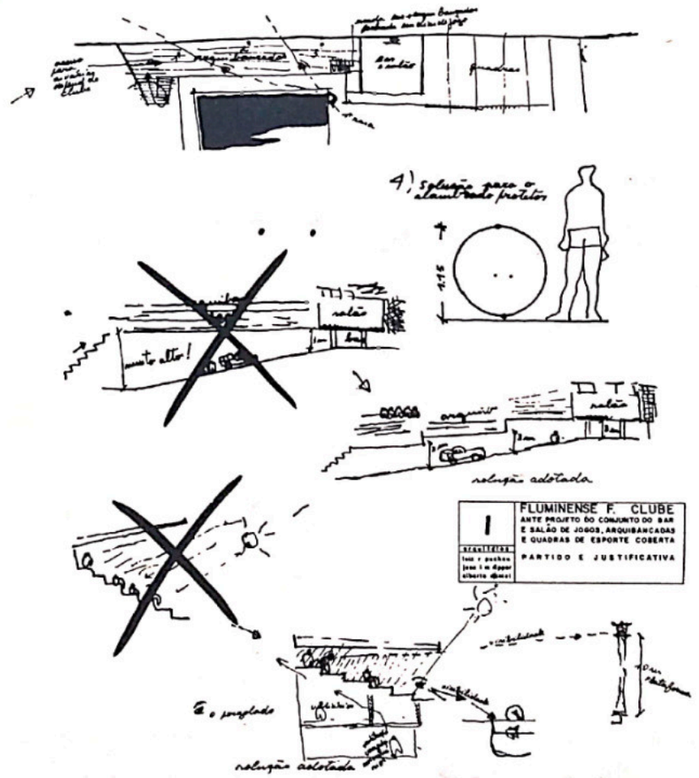
Parecer do Júri: "O trabalho revela estudo cuidadoso na pesquisa de uma solução arquitetônica, com interêsse plástico, para um programa tornado difícil pelas limitações impostas".

Abaixo, elevação lateral e corte transversal da arquibancada. Na página ao lado, de cima para baixo, elevação longitudinal, corte idem, planta do conjunto (em grisê a área coberta, da arquibancada e do bar anexo), e memória justificativa.





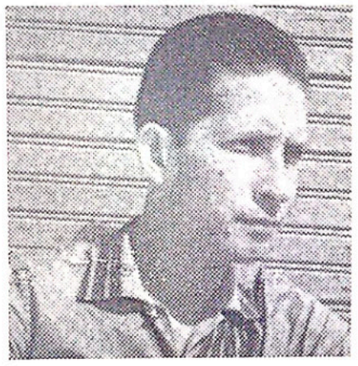






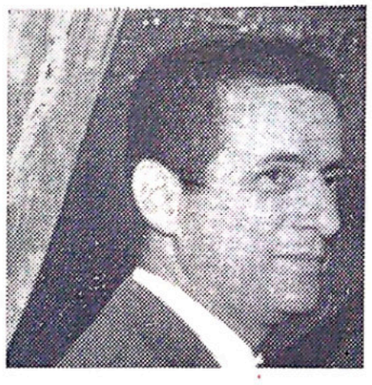
Categoria H - 3
Menção Honrosa: Reportagem — "Convento de São Boaventura: Importantes Ruínas a Serem Preservadas"
Maurício Nogueira Batista e Fernando Abreu

Maurício Nogueira Batista formou-se em 1953 pela FNA-UB. Colabora no desenvolvimento do projeto do arquiteto Lúcio Costa para a nova sede do Jockey Club Brasileiro e é membro da Comissão Diretora do IAB-GB. Participou como um dos diretores executivos do Seminário de Habitação e Reforma Urbana, promovido pelo IPASE e pelo IAB em julho de 1963; foi membro do Júri de Premiação do Concurso Internacional de Escolas de Arquitetura da VII Bienal de São Paulo. Prêmio IAB-GB de 1963. É redator-chefe de ARQUITETURA. M.N.B. é paraibano, nascido em 6 de junho de 1927.



Fernando Abreu dos Santos nasceu a 12 de janeiro de 1929, Rio de Janeiro. Formou-se pela FNA-UB em 1954, tendo trabalhado, quando estudante com o Arq.º Jorge Machado Moreira. Integra atualmente a equipe que desenvolve o projeto de Lúcio Costa para a nova sede do JCB, Autor de vários projetos para moradia: casa de campo em Petrópolis, residência em Laranjeiras, casas de campo em Bom-Jardim, Mangaratiba, Teresópolis, etc.

Parecer do Júri: "A reportagem mereceu evidência pelo tema escolhido e pela documentação fotográfica, embora não fôsse obtida a total empatia que o material histórico estava a exigir".



II.º Premiação Anual do IAB - GB
Categoria H - 2
Menção Honrosa: Crítica — "Sonhadores Sim, com Muita Honra"
Marcos Konder Netto

Marcos Konder Netto nasceu a 11 de novembro de 1927 em Blumenau, Santa Catarina.

Formou-se pela FNA-UB em 1950. Em co-autoria com Hélio Ribas Marinho, projetou o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial; duas residências de campo para o Sr. Nunes Sumares, em Bom Clima; o Conjunto Administrativo e Casa de Bombas para o Oleoduto Rio-Belo Horizonte (Petrobrás), em Caxias e em Paraíba do Sul. I.º lugar no Concurso Privado destinado à escolha do projeto da Sede do Banco de Crédito da Amazonia (em co-autoria com Hélio Ribas Marinho), Menção Honrosa na Exposição Internacional de Arquitetura da VI Bienal de São Paulo; Menção Honrosa no Concurso Internacional destinado à escolha do projeto para o Edifício Peugeot, em Buenos Aires (em co-autoria com Ulysses Burlamaqui), Menção Honrosa no Concurso Público promovido pela Igreja Presbiteriana Nacional de Brasília.

Parecer do Júri: "O trabalho mereceu evidência pelo idealismo com que trata um tema de muita atualidade. Não se poderá, entretanto, definir-se estritamente como crítica, salvo por um critério de grande amplitude como foi o do Júri".

II Premiação anual do IAB-GB

University College, Dublin

Concurso

O Juri, constituido por M. A. Hogan, Eoghan Buckley, W. Dunkel, D. Fitzgerald, G. McNicholl, Robert Matthew e Wilhem Wohlert recebeu 25 trabalhos e, após examiná-los, proferiu o seguinte veredito:

Primeiro prêmio (3.500 libras) — Andrzej Wejchert, colaboradores: Jan Szpakowicz, Ibigniew Pawlowski, Tadeusz Krupinski (Polônia).

Segundo prêmio (2.000 libras) — Brian Crumlish, Dom Sporeeder, colaboradores: Carl R. Nelson, Jr., Tadeusz M. Janowski, Jim Maeda (USA).

Terceiro prêmio (1.000 libras) — Vladimir Machonin, Jiri Albrecht, Jiri Kaderabek, Vera Machoninova, Karel Prager (Tchecoslováquia).

Quarto prêmio (500 libras) — Stephenson, Gibney And Associates (Irlanda).

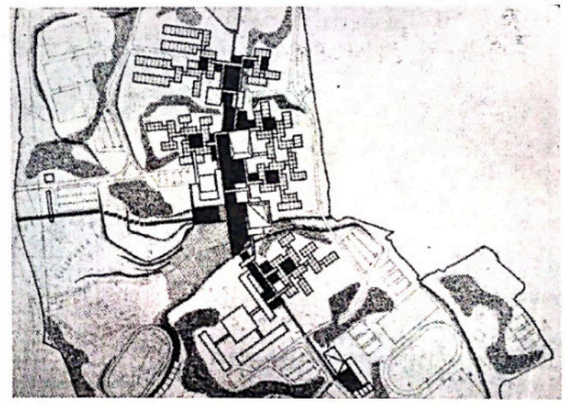
A seguir, damos uma síntese do relatório do Juri, que adotou, para julgar os trabalhos, dois critérios principais: a) a implantação do conjunto; e b) o projeto para os edifícios da Faculdade de Letras e Artes, da Administração e do Anfiteatro. Sòmente os projetos que satisfaziam a êsses dois aspectos foram levados em consideração.

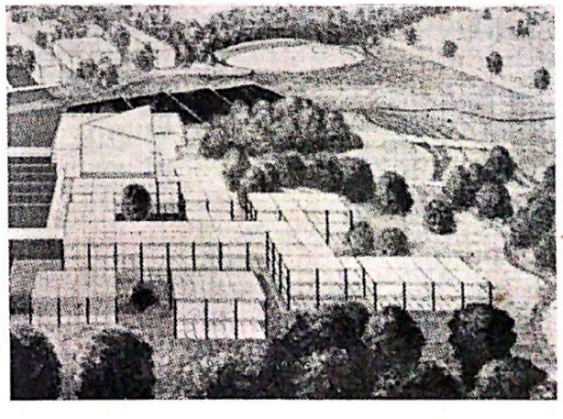
Os trabalhos apresentados, de uma forma geral, atingiam a nível bastante elevado quanto à apresentação e desenho. Muitos dêles testemunhavam um alto grau de competência, mas outros deixavam a desejar quanto a uma suficiente compreensão das necessidades do plano geral.

O programa do concurso insistia sôbre a importância de ser valorizada a grande beleza natural do local. A maneira pela qual os concorrentes encararam êste dado do problema constituiu-se num critério essencial do julgamento.

Os projetos apresentaram partidos de implantação de características muito diversas, indo da dispersão dos edifícios numa grande área até a sua extrema concentração.

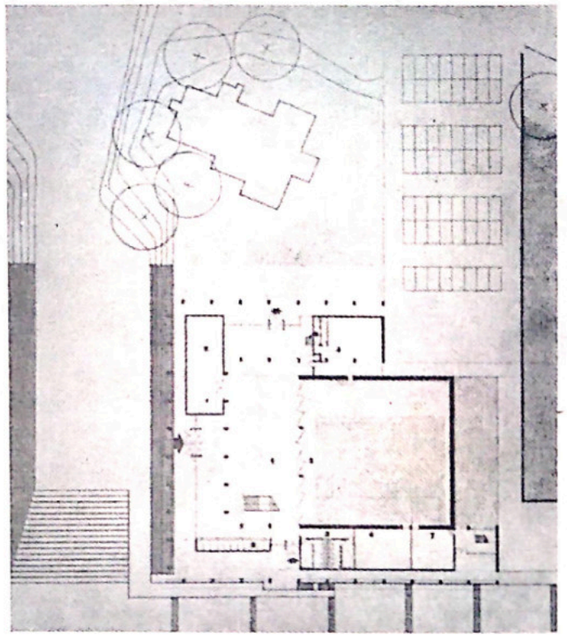
Todos os projetos premiados gruparam os edifícios de forma relativamente cerrada, em vez de dispersá-los no terreno, o que apresenta evidentes vantagens na preservação da beleza natural, acessos práticos e recíprocos entre as Faculdades que compõem a Universidade e a economia no preço da construção.





Andrzej Wejchert, arquiteto; Jan Szpakowicz, Ibigniew Pawlowsky, Tadeusz Krupinski, arquitetos colaboradores: Primeiro Prêmio do Concurso Internacional de Dublin. Acima, plano de situação; abaixo, perspectiva aérea de parte do conjunto, vendo-se à esquerda a caixa dominante da Aula Magna.

University College, Dublin



Primeiro Prêmio:
Planta do Setor de Artes, Administração e Aula Magna.

Comentários do Juri sôbre os projetos premiados.

1.º PRÊMIO

A idéia dominante do autor foi a de dispor os diversos edifícios de um lado e do outro de uma via reservada a pedestres, de forma irregular e interessante.

A disposição proposta, de cada lado dêste caminho, parcialmente coberto, permite colocar os edifícios numa ordem lógica ensejando a criação de variadas perspectivas sôbre os pátios e sôbre a paisagem.

Esta maneira de dispor facilitará a construção dos diversos grupos de edifícios, pois êstes independem uns dos outros. Isto é particularmente verdadeiro para a primeira fase dos trabalhos — edifícios da Faculdade de Letras e Artes e da Administração — que constituem um grupo de edifícios bem delimitado e independente.

Uma via circular envolverá as diversas faculdades, deixando espaço suficiente para crescimento futuro.

Êste plano dá aos diferentes edifícios e grupos edificados, acessos fàcilmente reconhecíveis e dispostos ao longo da ala.

A situação geral dos edifícios na parte central do terreno oferece suficiente liberdade para que se planeje o restante da área de forma harmoniosa e econômica.

Os campos de esporte foram localizados na parte noroeste do terreno, vizinha às usinas e ao edifício das caldeiras. O estádio foi locado em uma depressão natural do terreno; as residências situadas na parte leste.

O atual Belgrove Valley deve ser conservado com área de recreação fàcilmente acessível do setor Ciências e do setor Letras e Artes. O curso de água servirá para formar uma série interessante de pequenos lagos.

B) Os Edifícios

A idéia fundamental que presidiu a composição arquitetônica dos edifícios está baseada numa série de unidades celulares, tendo por módulo 8 x 8 m.

Do ponto de vista do autor do projeto, êste método assegura:

a) uma composição elástica das diversas partes:

b) uma grande comodidade no desenvolvimento dos trabalhos

c) a possibilidade de variar a composição dos espaços internos, que podem se integrar livremente no campo da escala modular.

O edifício da Administração, o grande Anfiteatro, a Biblioteca e o Teatro não foram projetados dentro do sistema modular padrão.

Apesar da expressão arquitetônica resultar de elementos tão rígidos e apresentados de forma um pouco esquemática, pode-se esperar deste estudo as seguintes vantagens:

a) uma grande concentração, sem zonas superpovoadas;

b) independência e elasticidade na implantação dos edifícios;

c) economia geral do ponto de vista do arranjo global e da construção (pequena distância entre as novas unidades e as já existentes);

d) salvaguarda da ineludível beleza da paisagem;

O Juri estima que será possível construir êstes edifícios dentro dos limites de custo impostos.

SEGUNDO PRÊMIO

A) Implantação

O plano é medianamente concentrado. Os edifícios estão grupados irregularmente em torno de vale e são ligados por uma série de terraços e passarelas. O edifício de Ciência integra-se neste dispositivo.

Êste plano respeita harmoniosamente os níveis e a topografia geral. O arranjo dos edifícios é, talvez, muito romântico. O plano geral não afeta a paisagem e teria a tendência, se fôsse construído, a perpetuar o aspecto de parque. O vale é valorizado pelos gramados e pela construção dos terraços.

O estádio está situado muito longe das vias públicas, mas próximo do *campus*. As residências integram-se ao *campus* e estão estreitamente ligadas aos edifícios centrais, sem impedir contudo o desenvolvimento das Faculdades. Êste plano permite modificações e crescimento de concepção ampla, deixando campo livre à diversificação.

O sistema de vias internas constitui-se de uma via carroçável periférica provida de pequenas ramificações conduzindo ao parqueamento, bem situado em relação aos edifícios que atendem. A circulação de pedestres se faz pelos terraços, ligados entre si por caminhos e passarelas.

Alguns edifícios não são fàcilmente identificados à primeira vista, mas os edifícios administrativos, o Anfiteatro, e a Faculdade de Letras têm acesso imediato da zona de estacionamento e do *campus* central. Êste plano adapta-se bem a uma construção por etapas.

B) Os edifícios

São três edifícios distintos para a Faculdade de Artes e Letras, o Anfiteatro e a Administração, sendo os dois últimos ligados por um subsolo. Êste arranjo recebe uma crítica que é válida para todos casos semelhantes e que se refere ao atendimento e serviços gerais, bem mais complexos e onerosos do que seria o caso para uma solução que agrupasse os três programas num só prédio.

O prédio da Faculdade de Letras e Artes tem uma disposição básica muito simples, constituída de duas partes conectadas por um núcleo de serviços. Está bem adaptado à diversificação de acomodações prescrita pelo programa. A circulação apresentada alguns erros flagrantes. A entrada principal, partindo da via de acesso, é repentinamente bloqueada por um teatro. O único elevador será insuficiente para alguns milhares de estudantes distribuídos em cinco pavimentos. O plano do Anfiteatro é simples e clássico, prestando-se bem ao uso acadêmico e ao cerimonial.

A parte de apresentação gráfica do projeto é exelente, favorecendo mesmo as fachadas dos prédios, havendo o risco de darem uma impressão errônea (por exemplo, uma série de pequenas janelas não foram indicadas no desenho).

O grupo central de prédios possui uma personalidade própria, bem adaptada, constituindo um espléndido centro universitário.

3.º PRÊMIO:

A) Implantação

Êste plano geral está concebido de um modo harmonioso em relação as estilo do atual setor de Ciências. Agrupando os novos prédios principalmente a oeste e a sul do setor de Ciências, e mantendo as residências na zona sem árvores, ao longo dos limites do terreno, conseguiu o autor do projeto preservar intactas as partes arborizadas mais características do local. Por outro lado, distribui as áreas de esporte e o estádio entre as árvores de modo que não sejam atingidos os pavilhões existentes, preservando ainda os jardins adjacentes.

O acesso principal conduz o transito para o vale a partir do Lago Woodview. Um caminho para pedestres, separado, conecta os diversos ambientes para estudantes com o setor Administração — Anfiteatro. Os prédios universitários são grupados em torno dêste complexo, definido com precisão, formando com os atuais prédios do setor de Ciências um conjunto bem equilibrado, numa linha arquitetônica semelhante à atual. A diversas faculdades podem ser alojadas independentemente com amplos espaços para expansão futura, constituindo, simultâneamente, um apreciável conjunto arquitetônico.

Infelizmente há algumas objeções a fazer quanto à relação entre os prédios e quanto à organização interna. A disposição dos prédios é por vêzes arbitrária, ditada na maioria dos casos antes por motivos estéticos do que por necessidades práticas. A perda de espaço útil é considerável no prédio da Faculdade de Artes e Letras.

4.º PRÊMIO

A) Implantação

Os prédios, apesar de dispersos, situam-se numa área que se conforma às prescrições do programa, que determinam a existência de comunicações fáceis entre os diversos setores da Universidade. As Faculdades de Letras e Artes, Biblioteca, Engenharia, Centro Acadêmico e Igreja rodeiam uma praça em dois níveis, criando um espaço comunitário, suficientemente amplo para tornar possível um contato pessoal e direto entre alunos e professôres das diversas cadeiras.

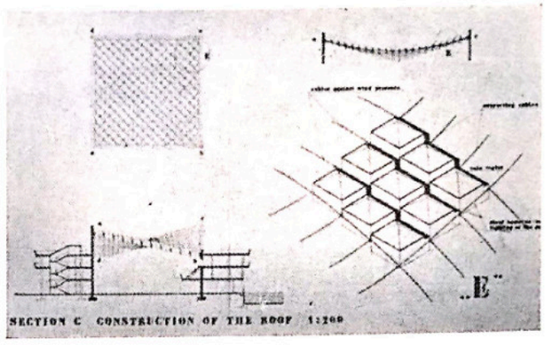
A valorização dada ao Vale de Belgrove e a posição escolhida para as Faculdades de Engenharia e Medicina, permite vincular a Faculdade de Ciências ao plano geral. A posição da Faculdade de Arquitetura, descrita pelo autor como sendo "a complementação" (terminação) dos prédios da Medicina é difícil de ser compreendida.

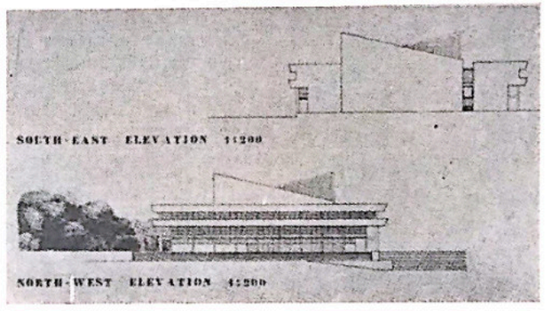
As residências foram colocadas sôbre a parte mais elevada do terreno de onde se descortina uma vista muito bonita sôbre a paisagem próxima e afastada. A piscina, o ginásio e as quadras de tênis estão proximas às residências. Uma rua perimetral liga as entradas e circunda tôdas as Faculdades exeptuando os laboratórios de Engenharia. As pistas para ciclistas e pedestres evitam as ruas por meio de passagens elevadas.

Chegando-se ao Grupo Central é fácil localizar os demais prédios. O acesso das entradas principais às diversas faculdades é feito pela rua perimetral.

B) Edifícios

O prédio de Artes e Letras está num nível mais baixo, com boa circulação para a Administração, Anfiteatro e Centro Acadêmico. A utilização do nível da cobertura como piso sôbre o qual se faz a ligação aos pequenos auditórios e ao Anfiteatro comporta alguns riscos no que se refere ao confôrto e aspecto externo. A distribuição das áreas de ensino em quatro níveis em colunas, sôbre o piso mencionado, constitui uma excelente solução. □





Primeiro Prêmio:
Prancha explicativa da cobertura da Aula Magna; elevações do prédio de Administração e Aula Magna

Símbolo para uma emprêsa

ICOMI

Aloisio Magalhães

A Indústria e Comércio de Mineração S.A. — ICOMI, realizou através da Standard Propaganda uma concorrência privada para escolha do símbolo da emprêsa.

Aos cinco profissionais convidados a participar, foi oferecida a oportunidade de uma visita às instalações da Companhia no Território do Amapá, assim como tôdas as informações necessárias ao conhecimento do problema. Na base dos honorários atribuídos ao trabalho vencedor, foi estabelecida uma taxa de ressarcimento para todos os outros participantes a fim de cobrir as despesas com a apresentação do trabalho.

Os projetos foram apresentados individualmente pelos participantes à diretoria da emprêsa, tendo sido escolhido o trabalho aqui reproduzido.

Os novos conceitos de Comunicação Visual indicam que as marcas de fábrica ou símbolos corporativos, devem basear-se numa estrutura simples para oferecerem uma legibilidade imediata; as antigas marcas ou brazões carregados de informações superpostas, perderam sua razão de ser.

A marca — sinete ou brazão, transforma-se num sinal óptico simples e particular que representa a emprêsa ou instituição; ela deve ser original para não ser confundida com outros sinais já existentes.

No caso da ICOMI, devemos considerar o caráter institucional do símbolo; êle existe em função da estrutura interna da emprêsa — técnicos, funcionários, operários.

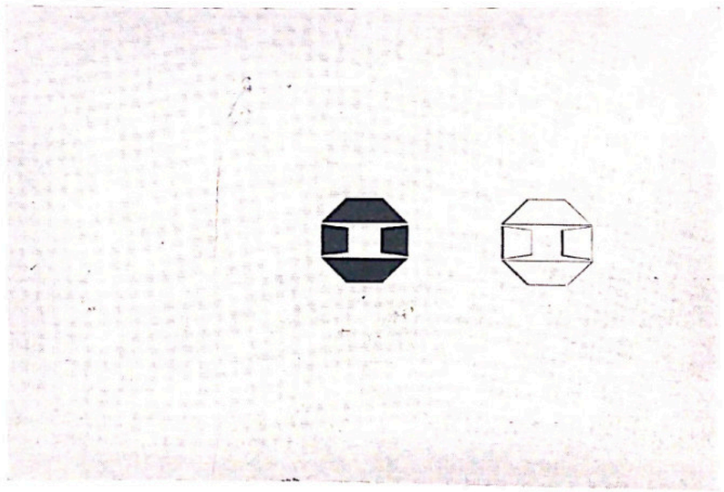
A solução que apresentamos baseia-se numa figura octogonal contendo a letra I. Para que a letra, inscreva-se naturalmente no octógono, aumentando a sua fôrça significativa, partimos de carácter I serifado, (bodoni), alongando as serifas até elas atingirem os vértices do octógono. (foto 1).

A letra assim estruturada, identifica-se com uma expressão de siderurgia: o perfil de trilho.

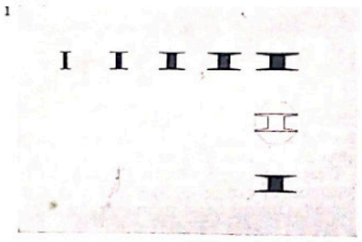
O símbolo permite também uma expressão tridimensional, que poderá ser colocada como escultura na praça central da Serra do Navio, como também ser usada como objeto comemorativo ou substitutivo de medalha.

A ICOMI transcende a uma emprêsa normal pela amplitude de serviços paralelos que ela mantém. Criamos uma unidade visual capaz de atingir os diferentes níveis — do operário ao engenheiro — identificando a organização e criando melhores relações de trabalho. □

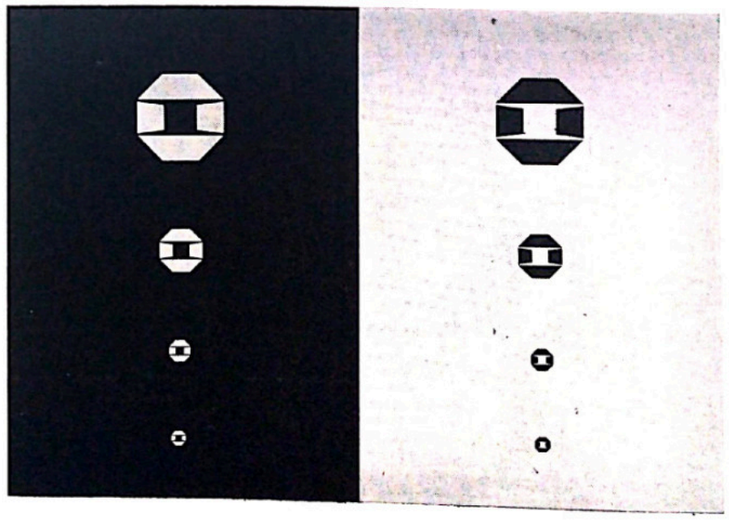
2



1



3

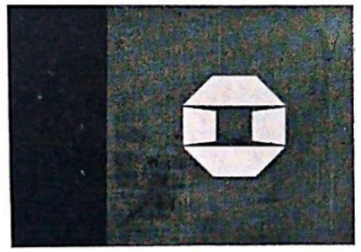


1 — *Análise do alongamento do I serifado*

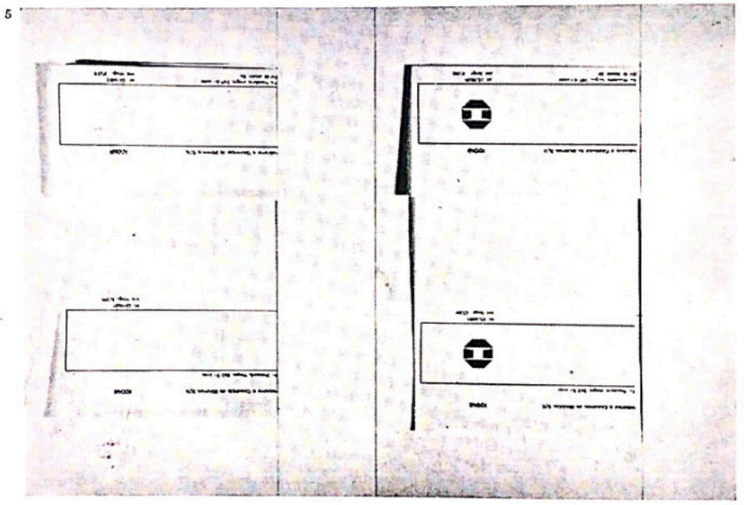
2 — *O símbolo e sua representação em relêvo sêco.*

3' — *Análise de reduções em negativo e positivo*

4



5

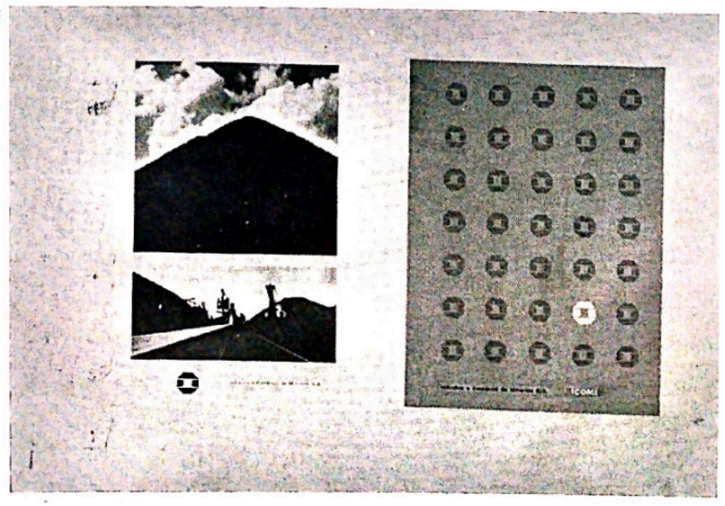


4 — *Bandeira para o pôrto de embarque*

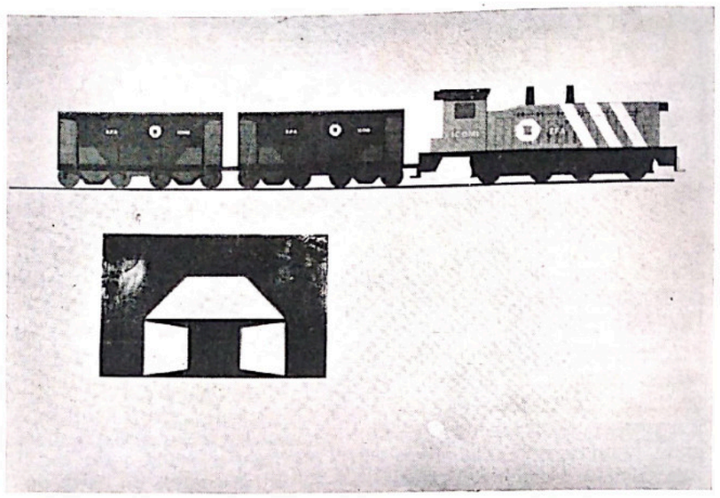
5 — *Papel de carta e envelopes*

6 — *Capa para relatório e página de revista*

6

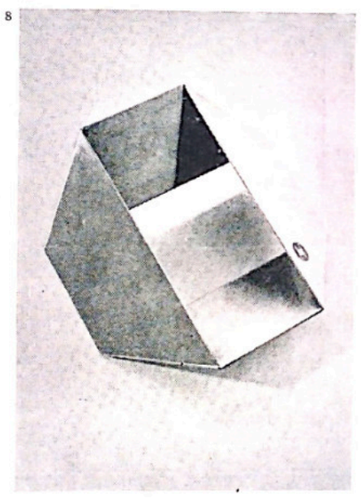


7

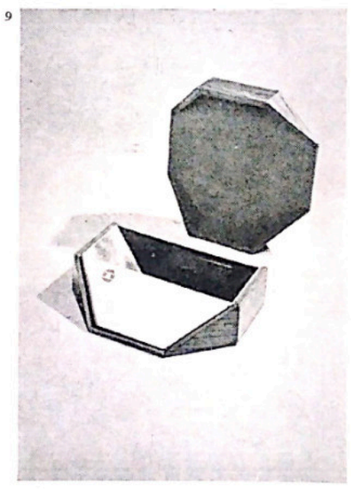


7 — Utilização do símbolo na estrada de ferro e estêncil para fácil aplicação

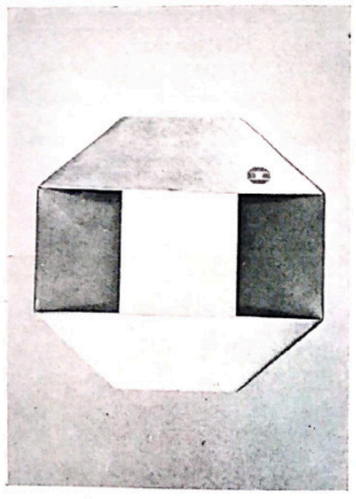
8



9

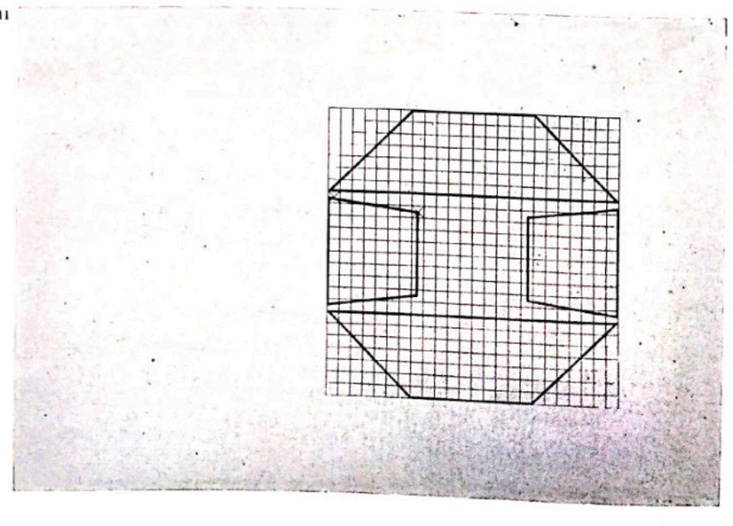


10



8, 9 e 10 — Expressão tridimensional como substituto de medalhas

11



11 — Diagrama de construção do símbolo

Galeria

Novos e Velhos
Cinemas de Hoje — 4

Carlos Diegues

Prossegulmos neste número a série de artigos (ou reportagens) sôbre a situação do cinema do mundo hoje. Esses textos são inspirados em observações feitas na Europa, onde estivemos recentemente. Nos números anteriores 27 (1), 28 (2) e 30 (3) focalizamos a França e a Itália.

III — Países Socialistas — Ocidente à Vista.

Tôda a política soviética da era de Kruschev, o degêlo, a coexistência, a aproximação com os povos e as culturas ocidentais, enfim, a adaptação das nações socialistas ao concêrto mundial de paz, encontrou essa geração de cineastas da URSS inteiramente despreparada. Talvez por necessidade de tornar evidente para todo o mundo o melhoramento do nível de vida de seu povo, a URSS tratou de esquecer, quer as "odes ao trator" do abominável realismo-socialista estalinista, quer o cinema social que lhe fôra tão ao gôsto quando se tratasse do ocidente. Hoje, os soviéticos, além de disputarem, admiram e, de certo modo, invejam o padrão e os costumes do "way of life" americano.

Isso, não corresponde evidente, a uma nova imposição do Comitê para a Cultura do Partido, mas sim às tendências naturais de um povo que, acostumado durante séculos a morrer de fome, tem nêstes anos 50 e 60 sua primeira era de relativa prosperidade, de aparente paz e de um conseqüente aburguesamento inevitável. Moscou, hoje é um centro de turismo e não são poucos os visitantes que voltam impressionados com as surprêsas de um país até bem pouco tempo misterioso, intranspoolvel, indecifrável.

Chips, Banguebangue, Musical

Essa despreparação dos cineastas militantes, na URSS coincide com a vontade que têm os dirigentes cinematográficos e políticos, de verem a nova URSS sorrindo para o mundo através do cinema — um cinema sem problemas, sem alusões ao passado, otimista, pacifista, ligeiro e feliz. E em tôrno disso que sob a batuta política do estranho Karaganov, dirigente máximo do cinema soviético, os jovens cineastas tramam suas fitas, que, diga-se de passagem, são um grande sucesso em tôda a URSS.

O grande exemplo é Choukrai, o lamuriento, romântico e fotonovelesco realizador de "Quando Voam as Cegonhas" e de "A Balada do Soldado". Esse tipo de filme, lembrando muito o cinema americano dos 30, de "Setimo Céu" e "Aurora", fêz a alegria do neoacomodado povo soviético. Entre um saco de pipocas e outro, uma lágrima no canto dos olhos e a alegria de uma vida simples, tranquila. Os filmes romanticos dessa nova vaga soviética ocupam a posição mais importante. Um deles, "Romance em Moscou", apresentado em Cannes, representa o desabrochamento do romantismo de fotonovela no musical soviético. Note-se que êste não é o primeiro musical (muitos, na sua grande parte coloridos, vem sendo feitos para consumo interno) que a URSS realiza, mas o seu desajeitamento, a falsidade das situações, a falta de graça e imaginação, lembravam muito o pitoresco e ridículo "Moscou Music Hall" de vedetas parrudas e desajeitadas que a URSS exportara recentemente e que em Paris, era apresentado como mais uma arma de guerra da coexistência.

O Degêlo Leva Tudo

Essa mentalidade "degelada", muito bem representada por Karaganov durante todo o Festival de Cannes (lutando contra os filmes "sociais", exigindo o prêmio aos "espetáculos" como a chanchada "Sedotta e Abandonata" ou o banguebangue "Cent Mille Dollars au Soleil"), levou realmente a URSS a superar muitos dos equívocos que atravancaram sua cultura artística em todo o período estalinista. Mas, em compensação, levou também, na ânsia de se humanizar, o sentido essencial do homem, transformando-o em objeto de espetáculos tipo "Adeus, Mr. Chips" (o caso de "História de um Médico", onde um sacerdote e um membro do PC da URSS se conciliam diante da bondade e da doçura de um doutor-standard), ou do tipo grandioso onde as estepes russas substituem os desertos do Texas e os vaqueiros do tempo dos "pioneers" são substituídos pelos pastôres do tempo da construção socialista (como é o caso do banguebangue "A Caravana Branca").

Danelia Chenguelaia, Maliava, tôda a **troupe** sob a batuta de Karaganov, ao que nos informaram, não impõe êsse cinema impunemente. Uma vaga de jovens realizadores, inconformados, desejam aproveitar o degelo e a nova era cultural soviética para restituir ao país a tradição do grande cinema que êle teve com Eisenstein, Kukeshov, Dziga Vertof, Pudovkin, etc. Se forem dadas as oportunidades necessárias, A URSS poderá reencontrar o cinema do qual está divorciado desde muito tempo.

As Vagas Vagas

Houve tempo que a Polônia era objeto de um dos fenômenos mais curiosos na história dos festivais internacionais — sendo um país de pequena produção anual (atualmente não ultrapassa os 20 filmes), era o que mantinha o índice mais elevado de premiações em certames daquêle gênero. De fato, por motivos que não cabe aqui expor, a Polônia conseguiu reunir a partir dos anos 50 a mais brilhante geração de cineastas que um país socialista já possuíra e, possivelmente, uma das mais importantes em todo o mundo.

Lembram todos que o primeiro sinal fora dado com "Cinzas e Diamantes", um drama de guerra sob a direção de Andrezj Wajda. A partir daí, e quase sempre tendo a guerra como "background", os poloneses passaram a deslumbrar o mundo com seus Wajda Kawalerowski, Munk, Ford, Polanski, etc. Sem dúvida, de "Cinzas e Diamantes" à "A Passageira" dezenas de filmes da maior qualidade surgiram assinados por essa geração extraordinária. Hoje, com a geração envelhecendo (Munk morreu na pouco) sem perder o brilho, não surgem seus sucessores. O que despontou, Polanski, graças a um filme, em nossa opinião "raté" mas, enfim, escandaloso ("A Faca na Agua"), pode ser incorporado ainda a seus companheiros mais antigos, funcionando como um meio termo êsses e os mais jovens. Mas o terrível é que, a julgar pelo que se recebe hoje dêsses "mais jovens", essa geração vai desaparecer sem deixar seus traços em alguns sucessores. O cinema polonês tende a desaparecer, com o desaparecimento daqueles nomes que lhe deram o primeiro impulso.

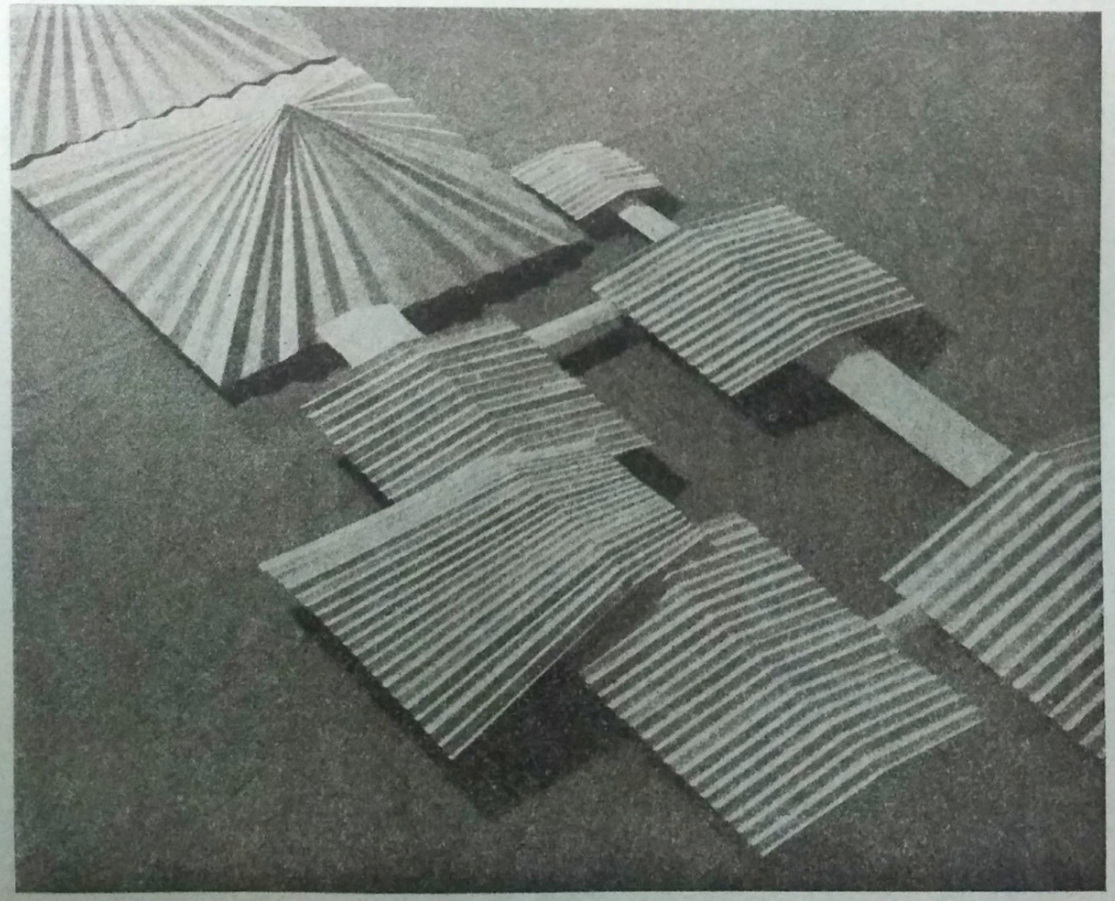
Um Grito de Esperança

Mas em compensação, é admirável o esforço do cinema tcheco. Um grupo de jovens realizadores lá, soube interpretar o degelo com muito mais lucro cultural, com muito mais autenticidade. Jaromil Jirez, Jiri Papousek, Vera Chytolova, integram-se à problemática do socialismo na sua projeção humana, preocupados com a repercussão nessa área dos fenomenos que ocorrem em seu país. "Krik" ("O Grito") de Jires, é um filme simples sôbre um casal de jovens e sua revolta pela incompreensão e intolerância oficializadas. O grito de Jires é o grito dessa nova geração que se prepara para substituir os poloneses na vanguarda do cinema socialista. "Alguma coisa a Mais", de Chytolova, embora muito mais influenciado por um certo brilhantismo de "nouvelle vague", está perfeitamente integrado nêsse espírito da redescoberta dos sêres humanos (nêste caso particular, a história de duas mulheres e sua integração social e profissional). Êste último filme emprega ainda as técnicas novas de cinema moderno com muita originalidade e propriedade.

Da Tchecoslováquia no plano dos países socialistas e que se ouve um grito de esperança em relação ao cinema. O horizonte sombrio do cinema polonês, a mediocridade do cinema soviético, a irregularidade do húngaro e à praticamente nula existência de outro cinema socialista faz com as atenções se voltem para Praga. Lá, ainda com os olhos voltados para o Ocidente, nêste estranho momento da evolução dos países socialistas europeus, há, sem trocadilho, alguma coisa a mais que se faz pelo cinema e pela sua autenticidade como instrumento de comunicação e informação entre os homens. E o que é altamente admirável, há aquêle indispensável respeito pelo instrumento e suas finalidades □

Pavilhão de Exposições

Trabalho premiado na F. N. A.



A cadeira de Composições de Arquitetura — 4.º ano — da Faculdade Nacional de Arquitetura, regida pelo Prof. Ulysses Burlamaqui, instituiu no ano passado entre seus alunos um concurso de anteprojetos para um Pavilhão de Exposição Comemorativa. O concurso contou com o patrocínio do IAB-GB e a comissão julgadora teve como presidente de honra o arquiteto Mauricio Roberto, presidente do Departamento da Guanabara do I.A.B.

Concorreram 90 trabalhos, dos quais 15 foram selecionados pelos professôres da Cadeira. A comissão julgadora classificou 3 trabalhos para serem premiados e atribuiu 3 menções honrosas:

1.º lugar — (prêmio Instaladora Geral) Luis Carlos Boeckel

2.º lugar — (prêmio Sisal) Alexandre Chan

3.º lugar — (prêmio A. Costa Mendes) Joel Chivelder

Menções Honrosas (IAB - GB)

German Bolaños

Adilson Nunes

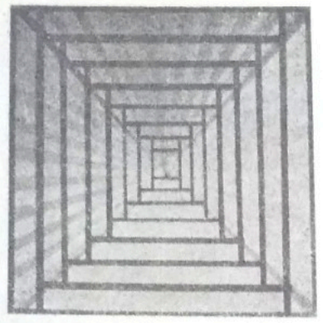
Manoel Grubel

Prêmio Detalhe de Cozinha (Instaladora Geral)

Jouber Paulo Vicente

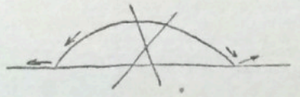
Os prêmios foram entregues em cerimônia realizada na Faculdade Nacional de Arquitetura (22 de dezembro de 1964) na presença do Diretor da Faculdade, prof. Saboia Ribeiro, do prof. Angelo Murgel, do presidente do IAB-GB, arquiteto Mauricio Roberto, do arquiteto Mauricio Nogueira, da revista ARQUITETURA e dos representantes das firmas copatrocinadoras.

ARQUITETURA publica a seguir o trabalho classificado em primeiro lugar, de autoria do estudante Luis Carlos Boeckel.

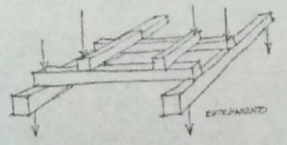


Memória Justificativa

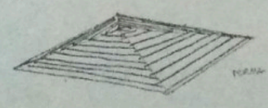
O primeiro passo na composição dêste pavilhão foi seu caráter de desmontabilidade. Pensamos numa estrutura de características simples que estivesse ligada às possibilidades da construção nacional, e tivesse bastante rigidez ao invés de fragilidade.



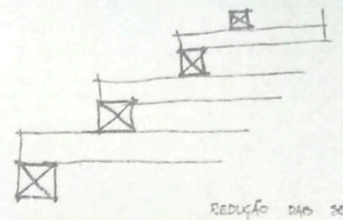
A idéia que surgiu então foi a da **estrutura por empilhamento**, estrutura que daria boa desmontabilidade, e em etapa final, bom aproveitamento do material. Além disso, evitaria os inconvenientes dos esforços laterais, sério problema neste caso de grandes vãos a cobrir. Essa estrutura possui então a vantagem de só permitir grandes esforços no sentido vertical.



Como o empilhamento mais simples é o de peças acamadas duas a duas e a tendência era de reduzir por etapas o grande vão, a forma surgiu imediatamente: a forma de pirâmide.

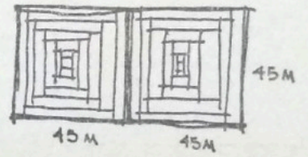


Pensamos então numa estrutura composta de vigas treliçadas, de seção quadrada, empilhadas duas a duas, ocorrendo na sequência, a redução gradativa das seções acompanhada de mudança dos vãos.

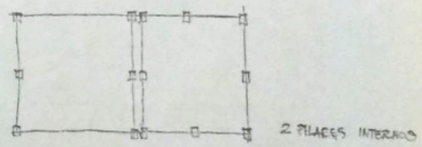


Verificamos que pela área pedida e as condições do terreno, um espaço de 45m x 90m satisfaria as condições.

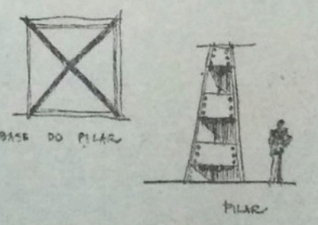
A própria estrutura pedia, por ser natural a sua forma de planta quadrada, que a dividíssemos em duas partes de empilhamento, mas que formariam um só ambiente coberto. Surgiram na planta da estrutura dois quadrados de 45m x 45m.



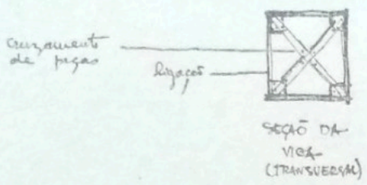
A questão dos apoios, achamos que não constituiria problema, pois o pedido estipulava que estruturássemos de modo a contar o mínimo de pilares internos. Teríamos, nesta estrutura as primeiras vigas, que receberiam tôda a carga apoiada em pilares externos, que não atrapalhariam as áreas de exposição e apenas 2 pilares internos e centrais.



Deixamos êstes pilares dimensionados em 2m de base, por não ser possível conhecer sua dimensão necessária, que seria dada pelo cálculo. No corte há o estudo aproximado da forma e proporção do pilar. Este seria trapezoidal, de base mais larga que o tôpo, com cruzamento a 45º de peças de ferro, unidas por placas rebitadas do mesmo material para maior rigidez, e pré-fabricados, assim como as vigas.



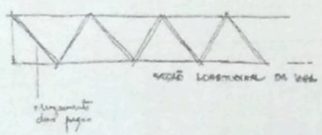
Estas, e as de maior porte (45m de comprimento) seriam feitas divididas em 3 partes (15m) e montadas no local.

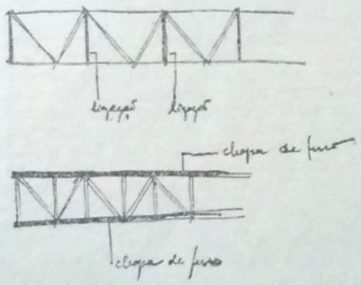


A seção quadrada mostra um treliçado a 45º, inclinado como indica a seção transversal abaixo.

Além de possuir ligações entre cada cruzamento inclinado.

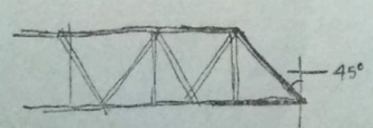
A superfície de recebimento e transmissão de carga seria feita com 2 chapas resistentes de ferro.



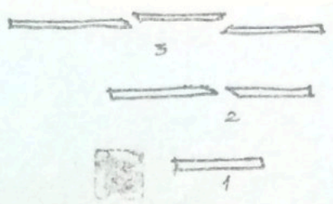


A montagem da viga de 45m e as outras de maior porte, seria assim, em esquema

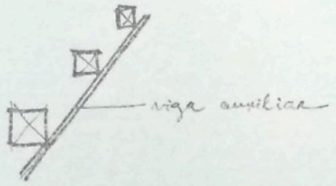
Um chanfrado, no sentido da inclinação dos cruzamentos da treliça, recebe as outras partes da viga. Isto evitaria o deslizamento e poderia ser montado por encaixe ou fixação por parafusos



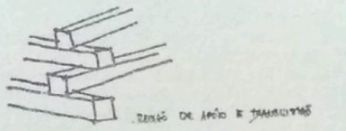
As primeiras vigas, as maiores, teriam montadas suas 3 partes com auxílio de apoios removíveis tão logo estas encaixassem e começassem a trabalhar. Para a montagem das outras, que seriam divididas de acôrdo com o comprimento, em 3, 2 e finalmente uma só peça, já haveria um auxílio.



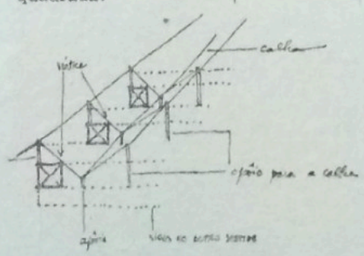
As pequenas vigas auxiliares mostradas no corte fixadas abaixo das principais com o fim de evitar não só a flambagem, natural em grandes dimensões, mas também levar às primeiras, apoiadas, os esforços resultantes da própria cobertura, que, como veremos, seriam pequenos e de sentido inclinado.



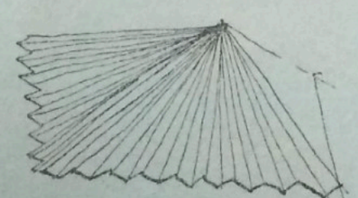
A própria disposição das vigas nas regiões onde se faria o apoio e transmissão de cargas sugeriu a cobertura.



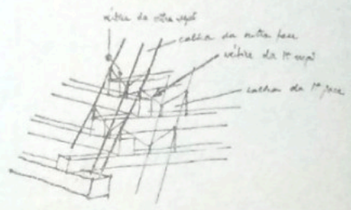
Para vencer a dificuldade criada nesta região pela disposição das vigas, pensamos num sistema de calhas, que, como o indicado no croquis, ultrapassasse um dos cortes verticais da seção quadrada.



Estas calhas sugiriam de um vértice e aumentariam gradativamente de largura, compondo assim as 4 faces da pirâmide. O croquis anterior (em corte) foi feito numa destas faces: na face ao lado, surgiria o mesmo problema, isto é, vencer o vértice da seção, porém agora mais alto que o anterior:



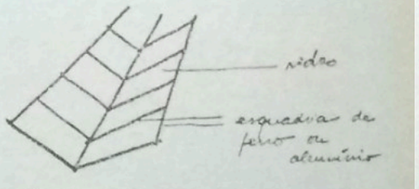
As calhas desta face então seriam ligeiramente mais altas que a anterior, o que aparece no desenho da fachada.



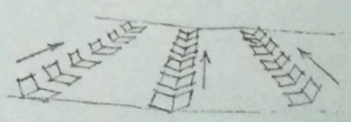
Para conseguir uma boa iluminação e leveza das pirâmides, as calhas seriam de vidro, encaixilhado em esquadria de ferro ou alumínio, detalhe a ser estudado de modo a apresentar boa montagem e impermeabilização.

Mas a iluminação obtida é excessiva no nosso clima. Portanto, imaginamos um sistema de placas "brises" que diminuiriam a intensidade de luz e calor, além de possibilitar mais leveza ao conjunto e **movimento**.

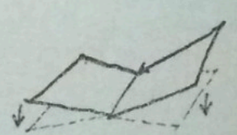
A placa "brise" seria de cimento amianto ou alumínio, pintada com Hypalon na côr ocre, de modo a obter estabilidade de côr. Estaria em nível levemente superior ao vidro, apoiada como mostra o corte.



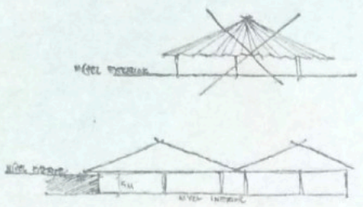
Procuramos conseguir com esta placa um movimento e, impossibilitados do movimento controlado manualmente, aproveitamos a própria disposição da calha para conseguí-lo: as placas diminuindo de tamanho e convergindo até pararem em uma linha, sugeririam um movimento.



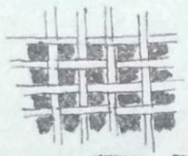
Além disso cremos que o efeito da inclinação talvez dê visualmente a impressão de outro movimento: o de mover-se suavemente:



As duas pirâmides então, formariam o grande salão de exposição. Quanto à sua proporção, verificamos que para um efeito de suavidade e leveza, não poderíamos separá-las muito do chão: é o que pede a própria forma. Pensamos assim, que se a região onde vai se localizar a feira é de constante revolução de terra, elas terminariam a pouca distância do solo e o nível do salão seria o de — 5m em relação ao nível exterior, como mostra o corte.



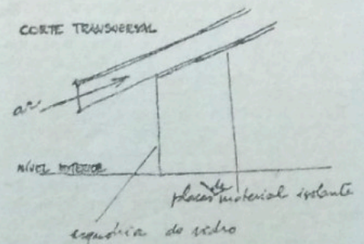
Para a ventilação, o mesmo corte mostra 2,40m de altura em todo o perímetro dos dois quadrados (uma treliça de ferro maleável, trançado em painéis e pintada em azul-metálico), o que dará uma ventilação de mais da 5.ª parte da área.

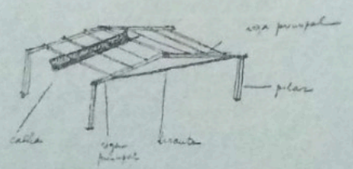


Função.

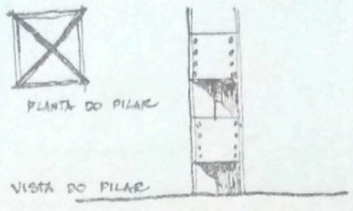
Além do pavilhão de exposições, foram pedidos um amplo **hall** de entrada, auditório, restaurante, bar, **boite**, administração, depósitos, área, para exposição ao ar livre e os demais acessórios, além do símbolo.

A composição foi assim resolvida: 5 volumes além das duas pirâmides: coberturas em duas águas, mesmo sistema de calhas, porém em placas de alumínio ou cimento-amianto, com esquadria de ferro ou alumínio, também aparente, a estudar detalhe de fácil desmontabilidade. (Placas pintadas com Hypalon côr ocre).



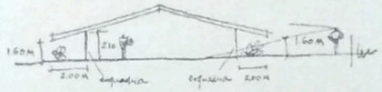


A estrutura dêstes volumes seria formada de pilares nos quais se apoiariam vigas principais, com tirante para evitar os esforços laterais, e apoiadas nestas as vigas secundárias, dispostas no outro sentido, que sustentariam a cobertura. Os pilares seriam visíveis do exterior, pintados de azul-metálico e não atrapalhariam o interior.



Para conseguir um bom efeito com esta cobertura, fizemos balanços laterais de 2m e frontais de 3m, como está indicado na planta.

A vedação foi feita com esquadria de vidro. As alturas laterais sòmente do bloco do **hall** para efeito de proporção são de 1.60m, o que possibilita proteger assim estas regiões do exterior, humano e climático.



Quanto às passarelas que ligam a cobertura do **hall** às outras, estarão engastadas nesta cobertura, a 2,80m a fim de possibilitar a passagem. Calhas de cobre retiram as águas pluviais.

O mesmo se dá na passagem entre o bloco do **hall** e o pavilhão. Aí a cobertura de passagem é mais alta que as calhas do pavilhão e estas (duas) despejam na calha representada em fachada, que por sua vez lançam a água em calhas com grelhas (representadas no corte), que correm em todo o perímetro das pirâmides, por ser grande o volume de água.

Quanto à função; no **hall** de entrada, localizado frontalmente ao pátio onde se vê o símbolo, temos tôda a decisão do visitante e alí êle terá a programação do pavilhão. O auditório engastado no bloco **hall**, dará ao visitante seu programa, sem interferir com a circulação para o pavilhão. O visitante poderá assistir às convenções industriais e filmes tão logo chegue ou ir diretamente ao pavilhão e, na saída, permanecendo ainda no interior, decidir seu programa. A saída do auditório possibilita decidir entre o exterior e o pavilhão.

Ainda no **hall**, o visitante verá o espaço reservado às exposições transitórias bastante iluminado, poderá ir ao restaurante, bar e **boite** ou ainda ao pátio, onde estão expostas as máquinas de indústria pesada. Êste pátio será ajardinado com árvores de sombra, de preferência **flamboyants**, que libertarão a visão do conjunto, e muitas plantas de côr e flôres. Um espelho de água irá separar o **hall**, do restante e a passarela que os une será sôbre a água. O observador postado no restaurante ou na região de estar poderá vê-lo.

AUDITÓRIO. No auditório as entradas e saídas foram feitas com a finalidade de dividir o público. As salas dos conferencistas e sanitários serão iluminados através de circulação principal dos visitantes. Uma cabina de projeção, dois depósitos e os sanitários, além, de uma circulação envidraçada, para a iluminação (alta) do auditório, em caso de convenção, cortinas para o caso de cinema. Um dos depósitos poderá servir para ar condicionado. O visitante atravessando a passagem para o bloco do restaurante poderá decidir entre êste, o **bar**, a **boite**, esta em 2.º pavimento. A marcação da estrutura mostra onde esta se apóia.

O bar possuirá mesinhas ao ar livre à sombra das árvores, no local indicado na planta.

BOITE. Terá uma ótima visão para a praça do monumento-símbolo e para o pátio interno, possuirá duas varandas, uma com mesinhas, outra com **nooks**, onde a música terá menor intensidade.

ADMINISTRAÇÃO. A região em que localizamos a administração é bem central. O administrador poderá controlar o pavilhão, serviço, auditório e o **hall** de entrada. Possui um jardim privativo e circulação para o serviço (passarela).

SERVIÇO. Aproveitamos a rua marcada na planta de situação, para localizar o serviço. Contornando um balão, os caminhões estacionarão debaixo da cobertura, união entre o bloco restaurante e o bloco depósito. O serviço na região dos depósitos, possui uma rampa que leva a um **hall**, já no nível — 5m, onde distribuirá para o pavilhão.

VEDAÇÃO. As paredes usadas para vedar os compartimentos serão executadas com material Pumex de concreto, pintadas de branco.

Procuramos fazer um trabalho coerente com o nosso conceito sôbre Arquitetura Brasileira. Acreditamos haver nela características próprias e definidas que a distinguem das demais, como resultado de uma série de fatôres particulares.

A percepção dêste Espírito da Arquitetura Brasileira foi expressado na obra de Oscar Niemayer, Lucio Costa, Marcelo Roberto, Reidy e outros. Ela é de uma linha iniciada na Arquitetura Colonial, de pureza, leveza e ritmo, côr e movimento, desenvolve-se absorvendo as novas tendências e funções com Le Corbusier, e, fazendo a síntese dessas influências, liberta-se das aberrações (surgidas naturalmente numa fase transitória de intensa busca), burila as formas, amoldando-se ao modo de ser que é o próprio espírito de um povo, é todo o seu sentimento e portanto é digno de representá-lo.

Fiel a êsse conceito, achamos lógico que o lápis de um arquiteto brasileiro se negue a seguir uma linha européia de Arquitetura, recusando-se, naturalmente, a realizar um simples transplante de formas que estariam em nítido desacôrdo com a realidade do País. Esta realidade sendo composta de condições materiais (clima, recursos técnicos) e condições subjetivas (a personalidade social, reflexo de tôda a evolução cultural do País).

Esta arquitetura simples não não é, portanto, resultado de níveis criadores inferiores nem da incapacidadede de acompanhar uma Arquitetura que se espalha pelo mundo (semeada que foi por um gênio, como diz Lucio Costa). É, sim, o florescimento dessas sementes em outro solo, sob outra luz, regadas com outra água. □

II Premiação IAB-GB

Nos projetos premiados com o Prêmio IAB-GB - 1964, foram especificados pelos arquitetos os seguintes materiais:

CASA NO ITANHANGÁ

Arq.º Artur Licio Pontual.

Alvenaria — FORJA, S.A.

Ferragens — LA FONTE

Elementos pré-moldados e caixas de inspeção — CASA SANO

Louça Sanitária — IDEAL STANDARD — Linha Copacabana

Metais — IDEAL STANDARD — Linha Quality

Fogões — WALLIG

Exaustores — NAUTILUS

Instalações Hidráulicas — Tubos PVC BRASILIT

Aquecedores — JUNKERS (BORGHOFF)

Azulejos — IASA (Brennand)

Mastique para colocação das calhas — SIKA

Coberturas — ETERNIT

Obs. — A louça sanitária, os metais e exaustores foram fornecidos pela firma MARCOVAN S.A.

ESCADA HELICOIDAL

Arq.º Marcos Vaz Ferrer Filho

Impermeabilização — VITRISOLA

Fôrmas de concreto aparente — BERNINI

Revestimentos — QUARTZOLIT

Luminárias — PELOTAS

Pinturas — NEOPRENE (Dupont), executadas pela IMPERMEX, Eng. Com. Ind. Ltda.

Obras — Cia. IMPERIAL COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Arquitetos Gaúchos Lutam pela Preservação do Plano Diretor de Pôrto Alegre.

Por ocasião do debate na Câmara Municipal de Porto Alegre do projeto de lei que modificava a constituição dos recursos do Fundo Especial para a execução do Plano Diretor, o Departamento do Rio Grande do Sul, do Instituto de Arquitetos do Brasil, entidade representada no Conselho do Plano Diretor, deu publicidade a uma nota na qual defende a manutenção das medidas legais destinadas à obtenção de meios para a execução do PD.

A nota do IAB-RS, assinada pelo seu presidente arquiteto Edgar Bittencourt da Luz, tem o seguinte teor:

"O Instituto de Arquitetos do Brasil — Departamento do Rio Grande do Sul, julga-se no dever de vir a público manifestar sua posição, no momento em que se debate na Câmara Municipal, assunto da mais grave importância para a vida da Cidade, qual seja o projeto de lei que introduz modificações na constituição dos recursos do Fundo Especial para a Execução do Plano Diretor.

Entende o IAB-RS que os problemas comunitários só encontram resposta adequada quando considerados no seu conjunto e equacionados através de planos integrais que enquadrem suas relações e influências recíprocas. Por esta razão tem o IAB-RS, em tôda sua existência, batalhado para incutir nos políticos e administradores, legítimos responsáveis pelo bem-estar comum, os conceitos do sadio planejamento urbanístico.

Participando da elaboração do Plano Diretor de Pôrto Alegre, através da ação de arquitetos seus filiados, integrantes dos quadros técnicos municipais, viu o IAB-RS crescer sua responsabilidade, na luta que culminou com a transformação em lei do atual Plano Diretor. Desde então, como entidade representada no Conselho do Plano Diretor, tem o IAB-RS mantido uma posição de vigilância e defesa na preservação da integridade do Plano Diretor, por considerá-lo uma das conquistas fundamentais da vida do Município.

Decorridos apenas alguns anos desde a sua aprovação, já são sensíveis os benefícios decorrentes para o desenvolvimento da cidade. Aí estão para ser vistas, obras como a Avenida Perimetral (para citar a mais importante) que, mercê de desapropriações e abertura progressiva, em breve será um orgulho para o pôrto-alegrense. Obras dessa importância sòmente são possíveis quando pode o município contar com administradores esclarecidos, que, cônscios da transitoriedade dos seus mandatos políticos, somam a sua parcela de trabalho à daqueles que os antecederam, imunes à tentação das inaugurações prematuras, legando aos seus sucessores as condições indispensáveis ao prosseguimento do trabalho.

Sòmente é possível ao município antecipar o seu futuro, quando conta com legisladores compenetrados das aspirações da população que eventualmente representa e com descortino suficiente para pôr em mãos da administração os instrumentos legais e os recursos indispensáveis ao progresso de suas obras. É necessário, no entanto, que se diga que embora o Plano Diretor tenha até o momento contado com a boa vontade e compreensão dos legisladores e administradores do Município, lenta e penosa tem sido a sua aplicação. Devido a precariedade de recursos postos a sua disposição, muitas das mais importantes obras previstas, ou ainda não foram iniciadas, ou marcham com uma morosidade incompatível com as exigências do célere crescimento urbano de Pôrto Alegre.

Analisando hoje a situação do Plano Diretor chegamos a conclusão de que, se foi possível realizar algumas obras, deve-se aos recursos postos à sua disposição através do Fundo Especial para a Execução do Plano Diretor, que embora diminutos, ficam definitivamente vinculados a realização das obras. Sòmente os recursos do Fundo Especial permitem a concretização do Plano de Prioridade, que anualmente o Conselho do Plano Diretor elabora e envia a Câmara para aprovação. Do exposto se depreende que outra não poderia ser a atitude do IAB-RS, que não de intransigente defesa da preservação do Fundo Especial para Execução do Plano Diretor, em tão boa ora criado, e que tão bons frutos tem dado à Cidade, no momento em que está sua existência potencialmente ameaçada, pela reabertura dos debates em tôrno de sua constituição financeira.

É intuito desta entidade, embora sem entrar no problema técnico das finanças municipais, advertir os senhores vereadores da responsabilidade que lhes cabe na consignação de verbas específicas do Fundo Especial, única forma de prosseguir com as obras previstas no Plano Diretor.

Se alguma modificação é admissível introduzir na lei que lhe dá existência, só se recomendam aquelas que visem aumentar os seus recursos, a fim de acelerar o andamento do Programa de Prioridades.

É muito oportuno focalizar êste problema, no momento em que nos aprestamos para, dia 8 de novembro, comemorar mais um Dia Mundial do Urbanismo. Seria sumamente grato se nesse dia pudessemos assinalar mais uma etapa conquistada no rumo de nossa maioridade urbanística e desagradàvelmente triste constatar um retrocesso representado pela perda de conquistas já alcançadas.

Acreditamos estar cumprindo com o nosso dever, como entidade, quando zelamos pelas realizações que nos engrandecem culturalmente, e consultam com os interesses de bem-estar e progresso do povo porto-alegrense.

Construção de Habitações na Europa

A revista suiça "Habitacion" número de junho, transcreve dados coligidos pela Comissão Economica para a Europa, orgão das Nações Unidas, sobre a construção de habitações no continente europeu. Os dados, relativos ao número de habitações construidas por 1.000 habitantes nos anos de 1961 e 1962, são os abaixo registrados em ordem decrescente:

URSS	12.0
Suiça	10.4
Alemanha Ocidental	10.1
Suécia	9.8
Finlândia	8.3
Grécia	8.0
Noruega	7.7
Rumânia	7.5
Dinamarca	7.0
Países Baixos	6.9
Itália	6.7
França	6.7
Tchecoslováquia	6.3
Hungria	6.0
Inglaterra	6.0
Austria	5.7
Iugoslavia	5.5
Bélgica	5.4
Alemanha Oriental	5.3
Bulgária	5.3
Espanha	4.9
Polônia	4.7
Portugal	4.0
Irlanda	2.0

(CINVA — 9/64)

População na América Latina

Dados do "Population Reference Bureau", entidade nao oficial com sede em Washington, informa que a região tropical da América do Sul (Bolivia, Brasil, Colombia, Equador, Peru e Venezuela) apresentam o mais rápido crescimento demografico das grandes regiões do mundo. A taxa de incremento populacional desta região é de 3,2% ao ano, o que permite prever uma população de 240 milhões de habitantes em 1986.

Este intenso crescimento operou-se em menos de 50 anos pela diminuição da taxa de mortalidade infantil, iniciada na década de 20 e acelerada a partir de 1945, em virtude da adoção de novas técnicas de saúde pública. Enquanto a taxa de natalidade oscila entre 40 a 50 nascimentos por ano para cada mil habitantes, a de mortalidade chega a 20 por ano e por milhar de pessoas.

As taxas de crescimento anual por países da região focalizada é o seguinte:

Bolivia	1,1%
Brasil	3,6%
Colombia	2.2%
Equador	3,2%
Peru	2.0%
Venezuela	3,3%

O rápido incremento demográfico desta area implica no aparecimento de uma série de problemas de dificil solução, entre os quais destacam-se: a) educação para uma população cada vez mais numerosa em paises de altos indices de analfabetismo; b) diminuição da renda *per capita*, como é o caso da Venezuela; c) forte pressão sôbre o solo cultivável, como esta ocorrendo no Equador.

O êxodo para as cidades é outro fenômeno concomitante, tendo por característica o fato de que são as grandes cidades as que mais crescem. Desta forma, hoje, mais da quinta parte da população desta área, vive em cidades cujo numero de habitantes ultrapassa a casa dos 20.000. Outra das consequências é o crescimento de subúrbios e bairros pobres que circundam as cidades. "Estudo recente demonstrou que a população de um bairro do Rio de Janeiro quadriplicou, em um lapso de apenas 8 anos".

Finalmente é destacado o fato de que o mercado de trabalho não tem demonstrado suficiente capacidade para "absorver estes fortes incrementos de pessoas desprovidas de qualificação profissional e sem instrução ou educação.

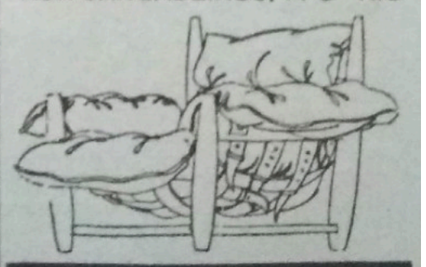
Publicações Recentes sobre Preparação.

A Revista da UIA (n.º 39) traz uma resenha das mais recentes publicações sôbre pré-fabricação. São os seguintes os títulos registrados:

- *Estudo sôbre a construção da casa individual através de métodos de pré-fabricação pesada*. "The Architect and Building New", etc. 1964, n.º 38 (em inglês).
- *Casa em Almondbury, construção industrial em aluminio*, "The Architetural Design" set, 1964 (em inglês).
- *Diversas construções em plástico* — "The Architect and Building News" out. 1964, n.º 41 (em inglês).
- *Pré-fabricação Pesada na U. R. S. S.* "Arquitetura — Moscou", julho 1964, (em russo).
- *Pré-fabricação em concreto e aço, experiências na construção de escolas + exemplos* — "Bauen + Wohnen", Set. 1964 (em alemão, resumo em francês e inglês).

Compasso de Ouro 1963

O grande prêmio internacional Compasso de Ouro foi atribuido ao I.C.S.I.D. O Júri afirmou que sua decisão constituia um ato de fé na idéia de uma cooperação internacional entre os *industrial designers* e todos os que se preocupam em melhorar a qualidade dos produtos industriais. □

oca
PARTICIPA A INAUGURAÇÃO DE SUA FILIAL PAULISTANA E CONVIDA PARA VISITAR A EXPOSIÇÃO DE MOVEIS DA LINHA oca
RUA AUGUSTA, 1058
oca
RUA JANGADEIROS, 14-C - RIO


Destaque

Novos Arquitetos

Os arquitetos de 1964, do Mackenzie, escolheram para paraninfo um arquiteto môço, Joaquim Guedes. Paraninfo pela primeira vez, voltou Guedes, depois de dez anos de formado, a uma cerimônia de colação de grau, perante a qual confessa-se "surprêso, comovido e... um tanto acanhado, vivendo, neste instante, de certa forma, a mesma situação de vocês."

Prosseguindo, Joaquim Guedes afirmou que "... na verdade o de que gostaria era de ter com vocês a oportunidade de uma conversa informal e aberta sôbre o que vem sendo a nossa vida profissional no Brasil e especialmente aqui em São Paulo. Não para alertá-los sôbre quaisquer perigos — que vocês não precisam — mas para comemorarmos êste momento do nosso encontro nela, meditando sôbre o seu significado, sôbre as nossas responsabilidades, trocando com franqueza as justas ambições que vocês têm e a maravilhosa experiência que temos vivido. Gostaria de poder comunicar e ouvir, com tempo e exemplos, o que têm sido as nossas alegrias e alguma tristeza, o que tem sido essa nossa permanente angústia, e, sobretudo, o que são e onde estão as nossas esperanças".

"As razões mais frequentes de alegria, são a aventura plástica e humana inerentes à nossa prática. Cada projeto, mesmo o mais modesto, pelo seu tamanho ou pelo seu destino, é para nós uma experiência inesquecível e um momento de plenitude de nossa existência."

"O prazer de criar e de ver surgir espaços e luzes, pela movimentação de milhares de detalhes na estrutura perfeita, não é frase. É verdade que vocês provàvelmente já o conhecem e de que serão, cada vez mais, os protagonistas deslumbrados. Êste instante gratificador da criação, que transcorre nos cantos mais exclusivos e incomunicáveis de nossa razão e de nossa sensibilidade, constitui o ato mesmo de nosso trabalho e a fonte de nossas satisfações."

"As tristezas são de origem diversa e mais externa. Vêm da consciência de nossas limitações pessoais e circunstanciais, da contemplação da miséria e da injustiça, do contato com a morte. Quando há pouco desapareceram os amigos que vimos crescer e a cujo diálogo nos habituáramos, fomos tomados por uma tristeza total. Quando os colegas que mais admiramos, pela fôrça criadora do seu talento, pela audácia de sua inteligência, são afastados injustamente de nosso convívio, privados em vida de exercer os mistérios de sua arte, justamente pelo seu amor à vida, pelos seus mais caros ideais e pela sua coragem, nos afundamos na mesma tristeza. Não imaginávamos mais que fôsse possível pensar sem ouví-los, nos seus acôrdos e desacôrdos conosco. Seu afastamento é um pouco de nossa morte também."

"Todos nós, arquitetos e não arquitetos, homens dêste país, perdemos um bem inestimável com a morte recente ou o afastamento não menos injusto do nosso meio, dos arquitetos Marcelo Roberto, Afonso Eduardo Reidy, Vilanova Artigas e Carlos Millan."

"Que a inatividade dêsses mestres, que coincide com esta formatura, nos indique os caminhos do trabalho e nos faça compreender e assumir as responsabilidades que nos legam na profissão que deixaram e que a partir de hoje, é de vocês também."

"As nossas angústias nos vêm da sêde de perfeição. Aquilo que é feio, que é desordenado, que é demais ou de menos, que é injusto e todo sofrimento humano nos angustiam. Angustiam-nos porque não somos de pedra, porque pertencemos a essa heróica fraternidade humana, feita de raças, de cores, de culturas, de consciência e de história e cujo progresso é lento demais para a nossa impaciência. Angustiam-nos porque amamos a beleza, a liberdade, a ordem, que nem sempre encontramos."

"Contudo, jovens colegas, o que nos mantem vivos, não são nem nossas tristezas, nem nossas angustias. O que nos faz sair todos os dias com um novo entusiasmo para a vida, são as nossas alegrias e sobretudo nossa esperança. Digo sobretudo, porque as alegrias não são mais que a sobrevida da aventura passada. Só a esperança contem o futuro. Ela se alimenta das fôrças imanentes na natureza, da nossa saúde, de inesgotavel capacidade transformadora e criadora do ser humano, do desenvolvimento científico que nos revela continuamente a grandeza do universo, da nossa inteligência feita de razão e sensibilidade apoiada na riqueza de incontaveis sentidos. Da beleza do mundo e das crianças e dessa coisa serissima que é o amor, se alimenta a nossa esperança."

"Poucas atividades humanas dependem tanto da esperança como a nossa. Nos tornamos possível pelo nosso trabalho a sobrevivencia e o desenvolvimento dos homens e da sociedade, quando, dominando a natureza, criamos os espaços artificiais e aquela luz, de que êles precisam.

Todo o nosso esfôrço hoje para vencer essa terrivel e imensa vacuidade do espaço indomado e inutil, só tem sentido, centrado sôbre o homem e sôbre seu destino e a sociedade passa a ser o objeto de nossa atenção e de nossa esperança. Só de compreendê-la pode resultar solução para os seus problemas de espaço e a criação do conjunto de formas que serão os apoios da sua articulação para mover-se, para produzir e para crescer."

"Somos condenados a uma lucidez sem tréguas. Precisamos conhecer-lhes as necessidades e anseios. Não podemos exercer a nossa arte sem colocar o homem vivendo e crescendo nela. Não há Arquitetura que não seja para os homens e para suas necessidades individuais e coletivas."

"O que faz de nossa profissão uma grande aventura e lhe dá sentido é a exigência implícita, de um compromisso com a vida e portanto com o progresso e com a liberdade. Não dá para fazer Arquitetura como se fôsse um quebra-cabeça sem utilidade ou sem significado além das figuras."

"Ouvi do Padre Lebret, que, quando sobrevoava São Paulo e quase tôdas as cidades do Brasil, via nos seus imensos loteamentos periféricos, a própria desgraça inscrita sôbre a terra."

"Vivemos, com efeito numa das cidades mais feias do mundo. Nenhuma outra, neste século cresceu tanto de tão mesquinha especulação. Com todo o nosso orgulho e a nossa riqueza, qualquer comparação nos enche de vergonha. As elites que fizeram dela apenas um grande negócio, não souberam defendê-la da destruição e da desordem e não puderam marcá-la com uma visão maior da vida que não tinham."

"Sempre temi aos técnicos que mergulham na própria técnica como num mundo à parte do mundo. Homens assim são capazes de construir sem indagar para que, satisfeitos com a mecanica do proprio oficio, a câmara de gás perfeita, a arma mais destruidora. Mas êles seriam tecnicos ainda que de visão estreita."

"Entretanto, arquiteto que trabalha pelo lucro é contra o homem, é uma incongruência, uma impossibilidade ontologica. Ele pensa que fêz Arquitetura, mas fabrica monstros."

"O Instituto de Arquitetos tem realizado um trabalho profundo e pesado na defesa da cidade e do bem-estar das populações urbanas do Brasil. Vocês mesmos acompanharam nos ultimos anos êsse esforço, o desenrolar do Seminario de Habitação e Reforma Urbana, e mais recentemente, o Seminário sôbre o Homem e a Paisagem Paulistana."

"O primeiro é a base de tudo o que se faz no Brasil de hoje, em materia de politica habitacional, com exceção dos seus erros. Aconteceu que uma visão técnica e econômica estreita do problema, não permitiu uma estruturação correta do sistema, subordinando um Serviço Federal de Habitação, sem autoridade nem perspectiva a soberania dos interêsses financeiros de um Banco."

"O segundo volta a levantar a necessidade vital de darmos primazia ao homem na construção da cidade. "Muitas vezes não somos bem compreendidos e acostumados ao raciocinio sem intenções escondidas e à análise sem sofismas nem escaramuças, somos surpreendidos pela ferocidade de ataques que não merecemos e que não disfarçam os preconceitos, as deformações e os compromissos".

"E, a despeito deles, prezados colegas, quem tem maiores convivências com o problema da vida urbana do que aquêle que há milhares de anos não tem outro oficio que o de construir cidades, criar beleza e exprimir os ideais de vida de todos os povos, na forma durável e eloqüente de sua arte?".

Concluindo sua oração, o arquiteto Joaquim Guedes diz ver no convite que lhe fizeram os arquitetos de 1964 do Mackenzie, um significado maior, ao qual precisa dar relêvo: "Êle revela o desejo dos novos arquitetos do Mackenzie de propor a confraternização e a união de todos os arqui-

Conclui na pág. 48

Pesquisa de Insolação

Computador Solar

Marçal Ribeiro Fonseca



Mecanizar por intermédio de um aparelho simples e acessível, as soluções dos problemas de insolação aplicados à arquitetura é o objetivo dêste trabalho. Os problemas básicos da insolação podem ser divididos em: problemas de orientação e problemas de proteção de edifícios, com suas implicações.

Êstes problemas são resolvidos atualmente por intermédio de gráficos azimutais e diagramas (Olgyay). Os diagramas dos irmãos Olgyay são a culminação dos vários métodos existentes, resultando completos e eficientes. Dito isto, torna-se necessário frisar que o COMPUTADOR SOLAR foi projetado com a intenção de poupar tempo e material na resolução dos mesmos problemas.

A idéia surgiu das aulas, sôbre insolação, do professor MAURICIO CASTRO na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife, por meio de uma associação mental com os computadores usados em aviação, com os quais estava familiarizado o autor.

Mais tarde, em virtude da própria pesquisa, o computador solar imaginado viria a tomar aspectos totalmente diversos daqueles, não só pela dissemelhança dos assuntos, como também pela própria solução lógica.

Houve ainda a intenção de, ao projetar o COMPUTADOR, fazer do mesmo um instrumento de divulgação do problema de insolação, tornando-o de mais rapida resoluçao e possibilitando o seu tratamento experimental, a estudantes e projetistas de Arquitetura.

Dois problemas precisavam ser resolvidos, um teórico e outro prático. O problema teórico consistia em estabelecer uma trama de funções e escalas logarítmicas, encadeadas de acôrdo com os dados, tais como: azimutes, alturas do sol, latitudes, horas, datas, sombras, etc.. Em síntese o COMPUTADOR seria uma régua de cálculo circular, com escalas funcionais. (ver esquema abaixo).

Dentro dêste estudo vislumbrou-se a possibilidade de uma segunda solução, baseada exclusivamente na geometria descritiva. Este segundo estudo resultou difícil, mas seus resultados eram tao simples e claros que permitiam a construção de um instrumento de fácil operação o que não ocorreria com o primeiro. A idéia consistia em materializar os diagramas azimutais em plástico, superpô-los, proporcionar-lhes movimentos em tôrno de um eixo, substituir esquadros e réguas "T" por um sistema de "cursores ortogonais". A simplicidade com que foi esboçada a idéia não traduz sua dificuldade, antes dá uma impressão de algo imediato. (ver prancha 1).

A escala principal do COMPUTADOR é um diagrama "azimutal equatorial" (Latitude zero). Sendo na realidade uma projeção superposta de duas trajetórias solares defasadas de 90 graus. As demais escalas são simples. (ver prancha de construção 2).

Descrição

O computador solar compõem-se de três peças circulares ligadas por um parafuso-eixo e duas peças retangulares ligadas por encaixes. Tôdas as peças são de material transparente, em virtude do sistema de superposição de escalas devem ser dimensionados de maneira a reduzir os efeitos de refração, bem como os efeitos ocasionados pelos chanfros em forma de bisel. O parafuso-eixo foi desenhado para permitir a livre rotação dos discos quando ajustados. (ver prancha 2, detalhe). Os discos estão montados em "sanduiche", sendo o disco intermediário dotado de um apêndice, a fim de facilitar os movimentos, e seu diâmetro menor permite movê-lo, quando os dois discos exteriores estão presos. Os cursores têm um deformação intencional, só determinável experimentalmente, para evitar o livre deslocamento. (prancha 2, detalha e diagrama explodido).

DADOS	LATITUDE	horas crepusculares	cálculos de horas de inso.ação	RESULTADOS
	DATA	azimutes solares		
	HORA	alturas do sol sombras (comprimentos)		

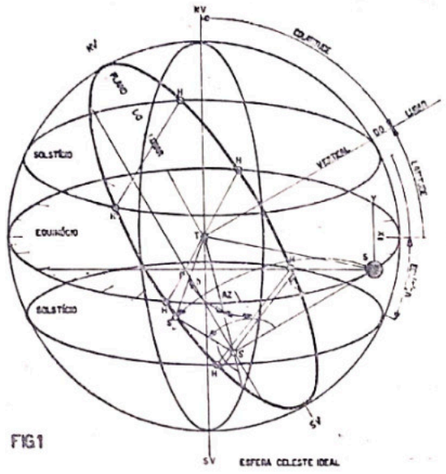


FIG1

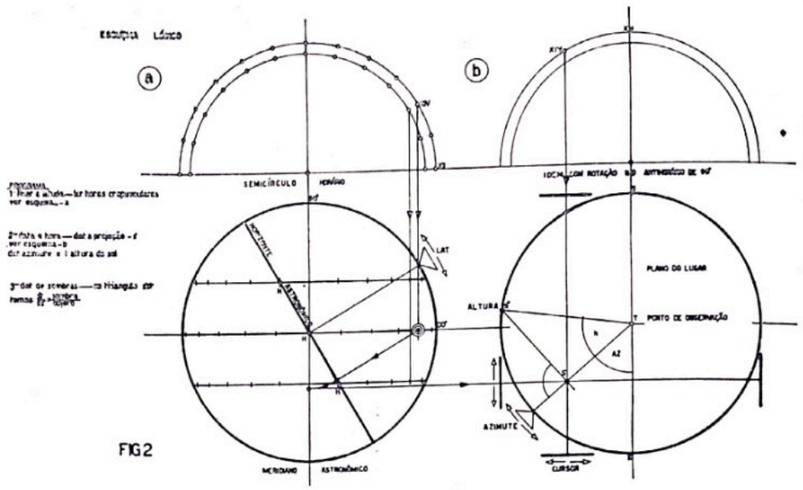
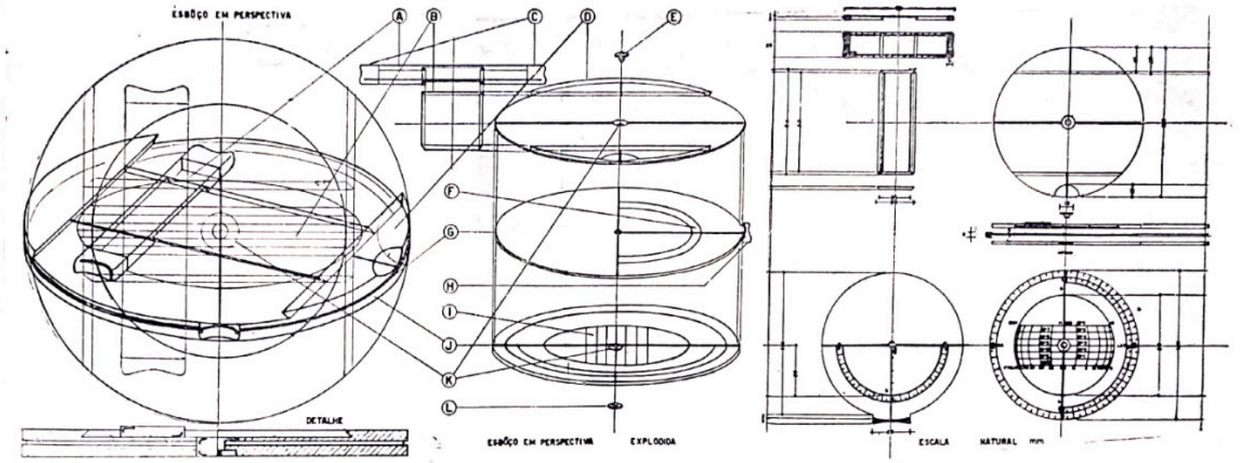


FIG2

Projeto de Computador Solar (prancha esquemática): Objetivos — resolver o problema geométrico da insolação, substituir os gráficos azimutais e os diagramas de sombra, poupar tempo no cálculo de proteção e orientação; Peças — 1. escala base (meses e horas, latitudes, azimutes) 2. escala (sombras, alturas) 3. escala móvel (horizonte) 4. sistema de cursores ortogonais (ver esquema b)



Projeto de Computador Solar (prancha de construção): A — cursor principal (det. de hora e sombra); B — cursor secundário (det. do ponto s'); C — apoios dos dedos; D — rotor principal (det. de latitudes); E — parafuso (eixo); F — escala de alturas de sol; G — rotor secundário (det. de AZ); H — apoio; I — escala de trajetórias solares; J — placa (base); K — furos chanfrados; L — porca de fixação

Base — Disco onde se encontram gravadas as principais escalas; diagrama azimutal equatorial, escala de latitudes, escala de azimutes e linha norte-sul verdadeira. (prancha 2, letra "J", escala natural).

Rotor secundário — Disco central de espessura mínima, tendo gravadas as seguintes escalas: escala de alturas do sol de 0 a 90 graus, e uma escala milimetrada para avaliação de sombras. Já citado no início. (prancha 2, letra "G., escala natural).

Rotor principal — Disco superior; características — dois ressaltos em forma de segmento de círculo, servem de guia para o sistema de cursores, em um dêles há um rebaixo destinado a facilitar a indicação da latitude; dois diâmetros perpendiculares, sendo um dêles o horizonte astronômico, e outro serve para a marcação das latitudes (prancha 2, letra "D").

Cursor principal — Peça retangular encaixada no rotor de mesmo nome; sôbre êle corre o cursor secundário, formando os dois um retículo móvel capaz de representar todos os pontos das elipses dos diagramas azimutais de qualquer latitude. Os segmentos gravados ao longo da maior dimensão do cursor, servem de linhas de chamada para os pontos representativos das horas na escala azimutal, os quais são projetados no horizonte astronômico do rotor. (prancha 2, desenho explodido).

Cursor secundário — Possui escalas milimetradas na mesma disposição do anterior as quais, juntamente com a escala do rotor secundário, formam os catetos do triângulo de sombras. (prancha 1, programa, item 3).

Nota: As letras referentes aos cursores no desenho, estão trocadas (prancha 2).

Aplicações

A construção de um modêlo experimental, já em curso, esclarecerá melhor êste item, no entanto, podemos prever as seguinte utilizações:

Cálculo de horas de insolação.

Dados
Latitude
Data

Marca-se a latitude por meio do rotor principal e lê-se, na intersessão do horizonte astronômico com a linha do mês referido, as horas crespusculares na marcação superior.

Cálculo de azimutes solares

Dados
Data
Latitude
Hora

Marca-se a latitude como no item anterior, (traço existente sob a parte rebaixada do rotor) projeta-se por meio do cursor principal a hora dada (marcação superior) no horizonte astronômico e gira-se o rotor de maneira a fazer coincidir o horizonte do rotor com a linha NS do disco base. Mantém-se o curso principal na posição e desloca-se o secundário de maneira a projetar a mesma hora (lida em marcação inferior). A intersecção das linhas de chamada dos dois cursores dá a projeção do sol no diagrama azimutal (plano do lugar). Deslocado o rotor secundário de maneira que sua escala linear coincida com o ponto achado, lemos a resposta na escala de azimutes.

Cálculo de alturas do sol

Dados
Latitude
Data
Hora

Procede-se como no caso anterior, até achar-se o ponto-projeção do sol, o qual fica marcado pela escala milimetrada do rotor secundário. Girando o rotor principal de maneira a coincidir o horizonte com o diâmetro do rotor secundário, deslizamos o cursor secundário para sôbre o ponto achado e lemos na intersecção da escala milimetrada com a escala de alturas, a resposta.

Cálculos de sombra

Dados
Latitude
Data
Hora

Determina-se a altura do sol. Quando desta determinação, forma-se um triângulo cujos catetos são as escalas milimetradas do cursor e do rotor secundários a escala do cursor representa o objeto e a do rotor a sombra, desta relação objeto-sombra, pode-se calcular a sombra de um dado objeto ou a altura do objeto quando fôr dada a sombra.

Problemas inversos

Conclusões

O prosseguimento das pesquisas iniciadas possibilitarão a construção de:

Computadores simples, baseados em diagramas azimutais ou sistema logaritmico (podendo dispor de tabelas adicionais).

Computadores complexos, baseados nos sistemas acima ou ainda no sistema de projeções equidistantes, com a inclusão de escalas de radiação em BTHU, escalas de correção de horas local, GMT e solar, divisões mais exatas e nônios, escala de longitudes, tabelas e fórmulas.

Laboratórios de Maquetas — Trata-se de um simulador do sol (radiações) e de seus movimentos aparentes; seria formado por uma bateria de arcos voltaicos dotada de movimentos semelhantes aos solares. Um pequeno compressor simularia os ventos para os estudos de aeração.

Sistema coletor de dados — Aparelho registrador simples, capaz de ao ser colocado numa fachada ou terreno, registrar os dados de radiação durante um dado tempo.

NOTAS

1 — Trama de funções e escalas logarítimicas — Com isto se quis dizer que os problemas geométricos seriam traduzidos em forma de funções algébricas e estas transformadas em funções logaritmicas, com as quais se confeccionariam as escalas funcionais.

2 — Diagrama azimutal equatorial — (latitude zero). Êste diagrama é obtido quando o plano do lugar é normal às circunferências trajetórias do sol. Uma projeção é feita com a linha 12-24 horas perpendicular ao plano e a outra, superposta, com a mesma linha paralela ao plano.

3 — Chanfros em forma de bisel, (deformações intencionais). — Os chanfros em forma de bisel tem a mesma finalidade que os existentes nas réguas de cálculo, isto é, permitir o ajustamento e o deslizamento do cursor; têm o inconveniente de reduzir a visibilidade de certas partes da escala. No cursor principal deve ser dada uma deformação fletora a fim de, atuando como mola de retenção, impedir o seu deslocamento acidental.

Bibliografia

ARGÉLIA. Direção de Obras Públicas — Comment construire au Sahara (In Cahiers du Centre Scientifique et Technique du Batiment. 1958. v. 264. Juin. n. 32. p. 1-56).

ANDRADE, Manoel Caetano Queiroz de — Representação cavaleira; tese de concurso para provimento da cadeira de Geometria Descritiva, Projetiva e Aplicações Técnicas, na Escola de Engenharia de Pernambuco da U.R. — Recife, I. Nery — 1955. Não paginado.

AYOUB, Raymond — Contrôle thermique des locaux dans les tropiques et les régions temperes et ensoleilées.
(In Techniques & Architecture. 1960. 20 es. fev. n. 2. p. 69-137).

BRAWNE, Michael — Geometry of shade
(In The Architectural Review 1958. v. 123. june n. 737. p. 424-428).

CADIERGUES, R. — Calculs d'isolation thermique.
(In Techniques & Architecture. 1958. 18es. mai. n. 2 p. III-112).
— Confort. climats et isolation.
(In Techniques & Architecture 1958. 18es. mai n. 2 p. 63-74).

CARVALHO, Benjamin de A. — Higiene das construções; teoria — projeto. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1956 — 483 p.

DOUMAYROU, Goy — Les matériana d'isolation.
(In Techniques & Architecture. 1958. 18es mai. n. 2 p. 75-110).

GONÇALVES, Helio de Oliveira — O sol nos edifícios

NEUFRET, Ernst — Arte de Proyectar en arquitectura. Barcelona. Gili, 1961. 431 p.

PENA, H. A. Amaral — Navegação aérea. 1º v.

SÁ, Paulo — A orientação dos edifícios nas cidades brasileiras. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942. 93 p. □



Como é gostoso dormir com o barulho da chuva!

Muita gente se preocupa com tempestades. Mêdo do teto cair. Mas eu sou previdente. Não quis saber de materiais não construtivos para o fôrro da minha casa. Usei a cabeça. E o trabalho andou mais depressa. E ainda fiz economia. Meu sono tranqüilo ficou garantido quando colocaram esta placa na construção da minha casa:

LAJES VOLTERRANA

Lajes pré-fabricadas para pisos e forros. Lajotas de cerâmica ou de concreto. Lajes "X" com armação cruzada para casos específicos. Consulte-nos para maior eficiência de sua construção.

Caldber 59CP.302

SÃO PAULO (Barão de Itapetininga, 151 – 11º – Fone 35-7245). - RIO (Rua da Lapa, 180 5.º – Fone 22-5470) — BELO HORIZONTE (Rua São Paulo, 893 – 8.º – Fone 4-1326) RIBEIRÃO PRETO (Rua Alvares Cabral, 576 – Fone 3701) — BRASÍLIA — RECIFE

Diálogo

Aspectos do Art. Nouveau no Pará

A respeito do artigo de Luís Miranda Correia, com o título acima, publicado no n.º 22 de ARQUITETURA, recebemos do arquitetô Francisco Bolonha (IAB - GB) a seguinte carta:

"...O artigo, bonito e fluente, devolveu-me a visão da cidade, através de suas épocas e estilos, das esperanças e dos gostos dos que a ajudaram a construir".

Posso dizer-lhe que o li com ternura especial e, na saudade de Belém, revi suas casas, seu jeito bom e acolhedor.

Despertou minha atenção, particularmente, o tópico que trata da influência que teve no art-noveau *Francisco Bolonha, sôbre quem gostaria de levar alguns esclarecimentos.*

Possuidor de uma personalidade vibrante e dinâmica, desempenhou êle um importante papel na introdução do art-nouveau *em Belém. O palacete Bolonha, desenhou-o êle mesmo e o fêz construir, cuidando de seus menores detalhes. Projetou, inclusive, tôda a passagem Bolonha, onde transformou a planta da casa, abolindo o corredor. Introduziu, ainda, a estrutura metálica e empregou nôvo material que tinha sua origem, principalmente, na Europa. Ornatos, móveis, louças e cristais do palacete foram por êle desenhados.*

São ainda projetos seus: a casa onde funciona o Plano de Valorização da Amazônia; as casas de José Júlio de Andrade, onde hoje está instalado o Departamento de Portos, Rio e Canais; tôdas as caixas-d'água, com suas estruturas belíssimas; os quiosques, hoje quase totalmente desaparecidos; o mercado do Ver-o-Peso.

Fundou a Escola de Engenharia de Belém, da qual foi professor. Era, além de engenheiro e arquiteto, um teórico. Publicou inúmeros artigos na "Folha do Norte" dos quais me agradou, particularmente, o que intitulou de a "A Teoria do Yoyo".

De sua obra, de suas idéias podem ser colhidos maiores informes nos artigos da "Folha do Norte" ou com seu irmão, Sr. Benjamim Bolonha que ainda hoje reside em Belém".

Arquiteto Francisco Bolonha, Rio de Janeiro — GB.

É pena Bolonha, que o patrimônio arquitetônico de nossas cidades seja tão pouco conhecido, tão desprezado e tão abandonado. Impunemente, a especulação imobiliária vai pondo abaixo tudo o que marca culturalmente — e a Arquitetura marca inequivocamente — a evolução da estrutura urbana brasileira. V. poderia nos ajudar muito na tentativa de sensibilizar a população e a autoridade pública de nossas cidades para a defesa da Arquitetura que nos foi legada por nossos antepassados. V. poderia nos ajudar a publicar a obra que seu tio Francisco Bolonha, construiu em Belém. Agindo desta forma, acreditamos, estaremos contribuindo para criar uma consciência pública da necessidade imperiosa de preservar o patrimônio cultural brasileiro.

Brazópolis, sul de Minas não tem arquiteto.

... solicito-lhes a fineza de enviar uma assinatura de ARQUITETURA para a Srta. Nara Luzia de Faria (...) A Srta. Nara Luzia que está fazendo uma campanha para obter verba para a construção do salão de festas do Clube de Brazópolis, nada entende de Arquitetura. Naquela cidade não há arquiteto e muito menos engenheiro. Sendo isso coisa muito comum nas cidades do interior, em virtude disso, é que lhes solicito a assinatura da revista, que é a melhor revista do gênero do país".

"Sou funcionário da Escola de Arquitetura da U.M.G.. onde trabalho na Biblioteca, estando vois em contato direto com as mais variadas revistas de Arquitetura".

"ARQUITETURA" é a revista que irá amenizar as pavorosas e horríveis construções daquela urbe. Ainda mais que é revista que trata de variados assuntos, despertando mais o interêsse para os leitores leigos em Arquitetura".

"Os editoriais desta revista são algo de fabuloso, sendo uma das secões que mais me agradam. Acredito que ARQUITETURA irá contribuir para aquela cidade. O ideal seria a cidade ter um engenheiro ou um arquiteto, mas a revista já será um paliativo".

"As despesas decorrentes da assinatura, bem como as despesas com correio correm por minha conta". Carlos Wagner da Silva Dias — Belo Horizonte. Minas Gerais.

Sua carta, Carlos Wagner, traz-nos, simultâneamente, tristeza e alegria, uma sensação angustiante. Alegria porque constatamos que de certa forma estamos sendo úteis, somos lidos e compreendidos. Tristeza porque sabemos quão limitada pode ser, em casos como o que V. relata, a nossa utilidade. V. mesmo reconhece que ARQUITETURA não poderá suprir a falta local de arquitetos. Êste é um fato e reconhecê-lo, em nosso meio, já é muito. Não são poucos os que parecem ignorar que Arquitetura é um ato de criação que realiza a partir do contato do arquiteto com a terra, o homem e seus programas. Arquitetura não pode ser feita no vazio, em seções de atende-se-graciosamente-ao-leitor. O que desejamos, e para tanto nos empenhamos a fundo em ARQUITETURA, é que um dia tôda a cidade brasileira venha a ter seus arquitetos; que um dia elas possam crescer harmoniosamente, segundo um plano humano que sintetize realmente as aspirações de seus habitantes. Mas, até lá, sabemos, não pode esperar Nara Luzia para construir o salão de festas do Clube de Brazópolis, Sul de Minas. Que fazer? — Quem sabe, as verbas da campanha financeira que ela está fazendo não serão suficientes para contratar um arquiteto de alguma cidade vizinha? Enviaremos, não resta dúvida, ARQUITETURA à Nara Luzia e agradecemos, sinceramente, as generosas referências à ARQUITETURA contidas em suas carta.

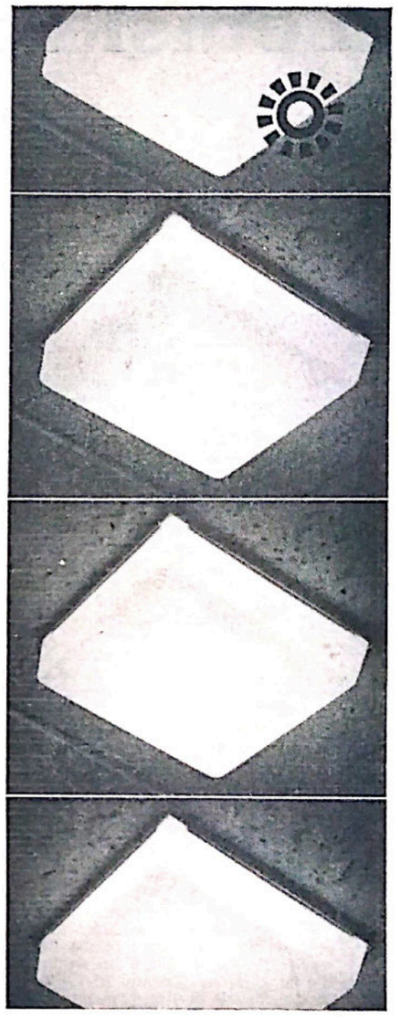
Agradecimento

"Agradeço a constante remessa da revista ARQUITETURA sempre de tanto bom gosto na sua feitura e interessante na sua leitura" Adalgisa Nery, Rio de Janeiro — GB.

Arquiteto pernambucano envia votos.

"Aos que fazem ARQUITETURA apresento e desejo os melhores votos de prosperidade em 1965, extensivos aos familiares e amigos e colegas. Aqui, no Recife estou as ordens dos abnegados responsáveis por êsse grande trabalho em favor do progresso da Arquitetura e do Brasil. Julgo que nenhum outro trabalho, tão expressivo já foi feito, no gênero no país. Arq. Jayme Oliveira — Recife — Pernambuco.

Agradecendo as referências e votos formulados por Jayme Oliveira, a equipe de ARQUITETURA deseja estendê-lo aos que objetivamente ajudaram a fazer desta revista uma realidade. A equipe efetiva de ARQUITETURA é pequena e não a poderia tê-la feito se não tivesse contado com o apoio decidido de colegas de tôda as regiões do Brasil. ARQUITETURA é a revista da comunidade brasileira de arquitetos e sòmente em função dela poderá desenvolver-se e permanecer. Por esta razão as contribuições, sugestões, colaborações e críticas são, além de muito bem recebidas, solicitadas com o maior empenho. □



LUMINÁRIAS "DECORLITE" EM PLÁSTICO ACRÍLICO

DECOR NEON

S.A.

departamento de vendas:
av. nilo peçanha 12, grupo 423
Tels.: 22-9079, 42-0549, 52-4838

Legislação

DF — Zona de proteção do Aeroportos.

LEI N.º 4.515 — DE 1 DE DEZEMBRO DE 1964.

Dispõe sôbre a Zona de Proteção de Aeroportos.

O Presidente da República.

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º — As propriedades vizinhas dos aeroportos estão sujeitas a restrições especiais.

Parágrafo único — As restrições a que se refere êste artigo são relativas ao aproveitamento das propriedades quanto a edificações, instalações, o pouso e a subida de aeronaves.

Art. 2.º — As restrições às propriedades, previstas no artigo 1.º, serão estabelecidas pela autoridade aeronáutica competente, mediante a aprovação de um plano de zona de proteção de cada aeródromo devidamente configurada.

Parágrafo único — Esse plano será aprovado por decreto e transmitido à administração dos Municípios em que se acharem os aeródromos a fim de serem observadas as restrições.

Art. 3.º — Quando as restrições estabelecidas no plano de zona de proteção do aeródromos impuserem demolições ou impedirem construções de qualquer natureza, terão os proprietários direito a indenização fixada judicialmente na falta de acôrdo direto.

Art. 4.º — Considerar-se-á aeródromo tôda aérea de terra, água ou flutuante destinada a chegadas, partidas e movimentos de aeronaves.

Art. 5.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogados o Capítulo IX — arts. 133 a 136 — do Código Brasileiro do Ar (Decreto lei n.º 7.917, de 30 de agôsto de 1954) e demais disposições em contrário.

Brasília, 1.º de dezembro de 1964; 143.º da Independência e 76.º da República.

H. Castello Branco
Nelson Lavenére Wanderley

(D.O. de 4 - 12 - 1964 — pg. 11.033)

GB — Normas complementares do dec. 991

Decreto "N" n.º 345 — de 4 de janeiro de 1965.

Estabelece normas complementares para as construções projetadas de acôrdo com os decretos 991, de 27 de abril de 1962 e N-196 de 21 de maio de 1964 e dá outras providências.

O Governador do Estado da Guanabara, usando de suas atribuições legais decreta:

Art. 1.º As construções projetadas de acôrdo com o Decreto n.º 991, de 27 de abril de 1963 deverão obedecer, além das determinações contidas naquele decreto, mais às seguintes condições: excluidas as casas de máquinas, caixas - d'água e pavimentos abertos em "pilotis", nenhum ponto dos prédios poderá ultrapassar a cota de 80 metros acima do nivel médio do mar quando forem construídos nas IV, V, VI, e VIII Regiões Administrativas e a cota de 100 metros quando construídos nas demais.

Art. 2.º O número total de unidades para os prédios a serem construídos nos terrenos sujeitos a aclives ou declives e localizados nas IV, V, VI e VIII Regiões Administrativas será calculado da seguinte forma:

a) uma unidade para cada 60.00 (sessenta) m2 de área de terreno contido entre sua cota mais baixa e a cota de 20 (vinte) metros em relação à primeira;

b) uma unidade para cada 120.00 (cento e vinte) m2 de área de terreno e 40 (quarenta) metros em relação à cota mais baixa do terreno;

c) uma unidade para cada 240 (duzentos e quarenta) m2 de área de terreno contido entre as cotas de 40 (quarenta) e 60 (sessenta) metros em relação à cota mais baixa do terreno;

d) uma unidade para cada 480 (quatrocentos e oitenta) m2 de área de terreno acima de cota de 60 (sessenta) metros em relação à cota mais baixa do terreno;

§ 1.º Para o efeito do cálculo das unidades, não serão computadas as áreas dos terrenos acima das cotas máximas "aedificandi" definidas na Lei 948 de 27 de novembro de 1959.

§ 2.º Para o cálculo das unidades, só serão aplicadas as disposições do inciso I do art. 1.º do Decreto "N" n.º 196 de 21 de maio de 1964, para os terrenos totalmente contidos até a cota de 20 metros, acima do nivel médio do mar.

Art. 3.º Para aplicação dos artigos 1.º e 2.º dêste decreto, a indicação em planta das curvas de nível é de responsabilidade exclusiva do autor do projeto e deverá constar obrigatòriamente, do projeto a ser aprovado.

Art. 4.º Nas quadras onde houver limite de profundidade ou formação de área coletiva, independentemente da aplicação do Decreto 991, de 27 de abril de 1962, será facultada a ocupação do remanescente do terreno em relação ao limite de profundidade apenas para construção destinada a cinema teatro e partes comuns de hotéis, tôdas estas construções com altura máxima de 8.00 (oito) metros e afastamento mínimo de 2.00 (dois metros) em relação às divisas.

Art. 5.º Qualquer prédio a ser construído sòmente poderá exceder de 30.00 (trinta) metros em qualquer das dimensões, quando reduzida à outra na mesma extensão, não podendo, todavia, a dimensão maior ultrapassar de 40.00 (quarenta) metros ressalvado sempre o limite de profundidade estabelecido para o local, seja por projeto aprovado de zoneamento, seja por decreto especial.

Art. 6.º Aos terrenos situados em logradouros cujo gabarito de altura seja superior a quatro pavimentos não será aplicável o disposto no Decreto 9.518 de 23-11-48, excetuando-se os projetos de acôrdo com o art. 2.º do Decreto 991 de 27-04-62.

Art. 7.º As disposições do presente decreto aplicam-se a todos os processos em curso, mesmo que o respectivo projeto já tenha sido aprovado mas os emolumentos ainda não pagos.

Art. 8.º Êste decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogandos o Decreto n.º 1.128, de 9 de agôsto de 1962 e demais disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1965; 77.º da República e 6.º do Estado da Guanabara.

Carlos Lacerda
Enaldo Cravo Peixoto
(D.O.G.B. de 4 de janeiro de 1965 — capa)

DF — Desapropriação em Parati - RJ

DECRETO N.º 55.047 — de 23 de novembro de 1964.

Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, imóvel destinado à proteção de monumento histórico e passagístico, em Parati, Estado do Rio de Janeiro.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, n.º 1, da Constituição e de acôrdo com o disposto no art. 5.º, alínea k, do Decreto-lei n.º 3.365, de 21 de junho de 1941 decreta:

Art. 1.º Fica declarado de utilidade pública, para efeito de desapropriação, o imóvel constituido por todos os terrenos situados no Morro de São Roque, chamado também do Pontal, ou do Forte, sôbre o qual se encontra o próprio nacional tombado Forte Defensor Perpétuo, na cidade de Parati e seus arredores.

Art. 2.º O imóvel mencionado se destina a fazer parte integrante do próprio nacional a que se refere o art. 1.º e bem assim, a garantir a proteção do monumento histórico e paisagístico formado pela própria cidade de Parati e seus arredores.

Art. 3.º êste decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Brasília 23 de novembro de 1964; 143.º da Independência e 76.º da República.

H. Castelo Branco
Flávio Lacerda
Otávio Gouveia de Bulhões.
(D.O.U. de 26 de novembro de 1964 — Capa)

G.B. Aplicação da lei das garages.

Decreto "N" N.º 242 — de 30 de junho de 1964.

Dispõe sôbre a aplicação da Lei número 894, de 22 de agôsto de 1957, e dá outras providências.

O Governador do Estado da Guanabara, usando das atribuições que lhe confere o inciso I do artigo 30 da Constituição do Estado, decreta:

Art. 1.º Não incorrem na aplicação da Lei n.º 894, de 22 de agôsto de 1957:

I — Os prédios construidos ou a serem construidos em lotes com frente para logradouros das Regiões Administrativas delimitadas pelo Decreto n.º 56, de 24 de abril de 1963, e situados nas Zonas SC-1, SC-2 e ZE estabelecidas pelo Código de Obras, providos de vias de transporte coletivo, onde se tenteia que a entrada e a saída de veículos das garages são prejudiciais ao correntes do tráfego;

II — Os prédios construidos ou a serem construidos em lotes de terreno situados em quadras com formação de área coletiva interna e provida de galeria de acesso;

III — Os prédios construídos ou a serem construidos nos lotes de terreno com testada ideal ou menor de 6,00 metros), medida na normal aos lados. Esta testada fica aumentada para 8,00 m (oito metros) nas Regiões Administrativas IV, V, VI e VIII, e delimitadas pelo Decreto n.º 1656, de 24 de abril de 1963;

IV — Os prédios construídos ou a serem construidos em lotes com frente para logradouros publicos aos quais seja proibida a passagem de veículos;

V — Os prédios construidos ou a serem construidos em lotes com frente para logradouros ou trechos de logradouros em escadaria;

VI — Os prédios construidos ou a serem construidos nos lotes de terreno com area igual ou inferior a 200,00 m2 (duzentos metros quadrados);

VII — Os prédios construidos ou a serem construidos nos terrenos de condições topográficas ou geológicas altamente desfavoraveis;

VIII — Mediante assinatura do têrmo de obrigação, os prédios a serem construídos em fundos de construção iniciada anteriormente à vigencia da Lei n.º 894, desde que a passagem lateral seja inferior a 2,50 (dois metros e cinqüenta centimetros);

IX — As construções do tipo proletário;

X — As vias existentes com acesso de largura inferior a 3,50 (tres metros e cinqüenta centimetros).

Parágrafo único. Do têrmo a que se refere o inciso VIII deverá constar a obrigatoriedade de construção de garagem para atender ao número total de vagas, inclusive ao correspondente do prédio dos fundos, quando se eventual construção do prédio da frente.

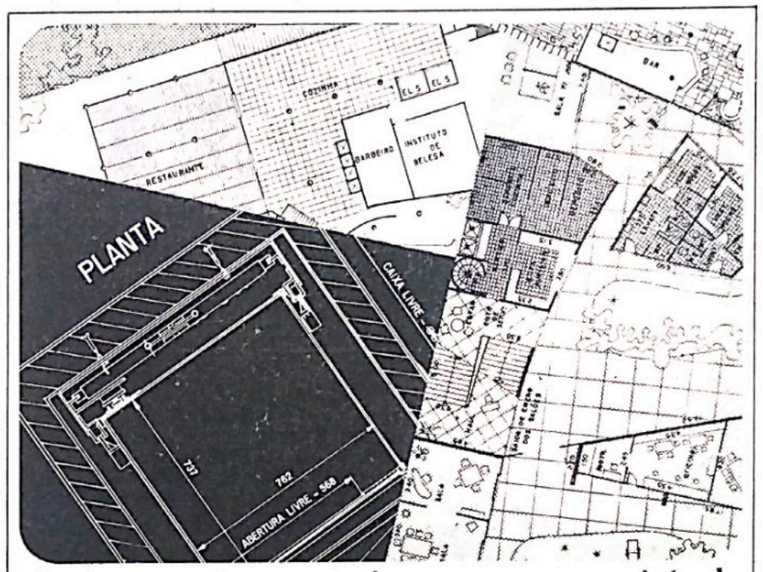
Art. 2.º — As ruas de vila podem ser consideradas como área de estacionamento.

Art. 3.º — Não é permitida a construção de garage no pavimento aberto em "pilotis", sendo apens tolerado o estacionamento na forma prevista pelo art. 6.º da Lei n.º 894, de 22 de agôsto de 1957, e respeitados que sejam o acesso ao "hall", às áreas "non aedificandi" de qualquer natureza e as de recreação infantil.

Art. 4.º — No caso de existência de galerias obrigatórias para pedestres, a altura da garage exigida pela Lei n.º 894, de 22 de agôsto de 1957, poderá ser reduzida da área correspondente à galeria obrigatória.

Art. 5.º — Para os efeitos da Lei n.º 894, de 22 de agôsto de 1957, entende-se como obra de vulto:

I — Nos edifícios residenciais aquela destinada a aumentar o número de unidades de habitação ou a acrescer a construção, de tal modo que enquadre



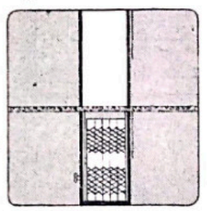
Inclua uma bossa moderna em seus projetos!

ELEVADOR RESIDENCIAL **Homelift**

Se você está projetando uma residência de 2 ou 3 andares, consulte-nos, sem compromisso. Teremos prazer em demonstrar-lhe como o seu projeto poderá ficar mais valorizado com a inclusão de um elevador. Homelift revolucionou todos os conceitos de elevadores residenciais. Criou um tipo simples, que dispensa poços, caixas de fôrça e quaisquer complicações, com cabine desenhada individualmente, para adaptar-se ao estilo arquitetônico e decorativo de qualquer residência.

Homelift é o elevador residencial

- Dispensa poços, casas de fôrça, engrenagens.
- Pode ser instalado em qualquer residência de 2 ou 3 andares.
- Funciona com corrente elétrica comum.
- Pára automàticamente ao menor obstáculo.
- Linhas dinâmicas. A cabine é desenhada de acôrdo com a decoração de sua residência.



Homelift Qualidade Induco COMÉRCIO E INDÚSTRIA INDUCO S.A.

(a Induco fabrica também os elevadores Sheppard, para edifícios de escritórios e apartamentos).

Peça orçamento sem compromisso

Rio: Rua Fonseca Teles, 114 - Tels.: 54-1385 e 48-7673 • São Paulo: Rua Capitão Otávio Machado, 565 - Tel.: 61-9678 • Belo Horizonte: Av. Amazonas, 148 - salas 200/201 - Tel.: 2-1596 • Recife: Rua Siqueira Campos, 160 - s/225 - Tel.: 44-689 • Salvador: Rua Portugal, 7 - sala 15 - Tel.: 2-0019 • Pôrto Alegre: Rua Gal. Andrade Neves, 90 - 4.º and. - conj. 44 • Curitiba: Alameda Augusto Stellfeld, 640 - Tel.: 4-2136

J.M.M. 24.004

a área resultante nas exigências da Lei n.º 894;

II — Nos edifícios comerciais e industriais: o acréscimo cuja área fôr igual ou superior aos números estabelecidos nas tabelas anexas à Lei n.º 894, de 1 a 5.

Parágrafo único. O número de vagas exigível será função, respectivamente, do número de novas unidades de habitação ou da área de construção acrescida.

Art. 6.º — Nos prédios exclusivamente comerciais constituídos de salas e dependências para escritórios, aplicam-se os números constantes das tabelas da Lei n.º 894, de 22 de agôsto de 1957, e referentes à parte comercial dos prédios mistos.

Art. 7.º — No tocante às rampas de entrada e saída das garages será observado o que se segue:

I — Não poderão ter declividade superior a 20%;

II — Não poderão ter largura inferior a 2,50 m (dois metros e cinqüenta centímetros);

III — As rampas só poderão ser iniciadas além da faixa "non aedificandi" frontal;

IV — As áreas de estacionamento de acesso feito através de passagens ou dos lotes não poderão ter o seu acesso feito através passagens ou galerias internas ao longo do edifício da frente, devendo ser providas de entrada totalmente independente.

V — Quando a entrada social ou de serviço dos prédios e a dos carros forem comuns, deverá ficar preservada uma passagem independente em nível diferente, com a largura mínima de 1,20 m (um metro e vinte centímetros), observada sempre a largura mínima da entrada dos veículos.

Art. 8.º — Êste decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 9.º — Ficam revogados o Decreto n.º 14.147, de 6 de novembro de 1958, e demais disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1964; 76.º da República e 5.º do Estado da Guanabara.

Raphael de Almeida Magalhães.

Enaldo Cravo Peixoto.

(Publicado no Diário Oficial de 1 de julho de 1964, capa). □

Destaque

Conclusão da pág. 40

tetos, independentemente de origem, de escola ou de grupo. Vocês devem sentir nêste instante que, mesmo que o nosso trabalho se desenvolva em mesas distantes, em edifícios e cidades afastadas no nosso mapa, nossa tarefa e nossa responsabilidade social não se esgotam nos estreitos limites de cada uma de nossas pranchetas.

"Vocês percebem que somos um conjunto de profissionais que tem a obrigação de criar todo o sistema de formas e de espaços nos quais vai viver, nos campos e nas cidades, a população de nossa país. Vocês sabem que essa responsabilidade é intransferível, porque é nosso ofício e que a nossa omissão não nos dará tranquilidade nem dignidade, mesmo que à sombra dela possamos enriquecer."

"Essa atividade profissional superior e responsável impõe-nos uma convivência madura, uma honestidade de propósitos e uma clareza de objetivos que só podem crescer num clima de liberdade, entre arquitetos que se respeitem acima dos temperamentos e dos detalhes, que sejam capazes de amar a terra e o povo e tenham uma compreensão elevada de sua missão."

"Estou seguro de que vocês estão preparados para o caminho. Nada lhes falta. Vocês têm conhecimento, fôrça, sensibilidade, juventude e, portanto, audácia."

Novas Publicações Técnicas

Comentamos inúmeras vêzes a questão das publicações técnicas brasileiras no campo da Arquitetura e da construção civil. O nível, a quantidade e a frequência destas publicações entre nós não tem sido dos mais animadores. Daí consideramos como um fato auspicioso o aparecimento de novas publicações dêsse gênero. O final de 1964, foi sob tal aspecto, bastante generoso. Duas novas revistas técnico-especializadas no âmbito da construção civil começaram a circular — "O Engenheiro Moderno" e "O Dirigente Construtor". "O Dirigente Construtor", em seu primeiro número, novembro de 1964, estampa um editorial cujos pontos de vista concordam, quase todos, com os defendidos pelo IAB. Focalizando a situação das atividades relacionadas com o mercado imobiliário ODC assinala que no final do ano passado essas atividades encontravam-se em franca dependencia das atitudes dos podêres Executivo e Legislativo da União em pelo menos tres questões fundamentais — o plano habitacional, a lei do inquilinato e a regulamentação do condomínio.

Referindo-se ao plano habitacional, ODC assinala que "o esquema do plano habitacional foi montado, mas é indispensável que êle seja posto em funcionamento e que alguns desvios perigosos sejam contidos. Recriminase, por exemplo, a total subordinação dos aspectos técnicos do plano ao seu dispositivo econômico-financeiro centralizado no Banco da Habitação, o que pode comprometer decisivamente os propositos do Govêrno. No entanto, ainda há tempo para correções. O plano poderá ser bem sucedido em canalizar recursos da poupança popular. Mas poderá falhar redondamente se êsse recurso, em decorrência da posição secundária em que ficaram as questões de planejamento, contribuirem apenas para a proliferação de mais algumas favelas suburbanas".

Mais adiante, tratando dos avanços registrados no campo da construção industrializada, o editorialista do ODC vê o seu desenvolvimento com otimismo e assinala que os "benefícios que a construção industrializada pode trazer são imensos; êles estão claramente enunciados nos resultados colhidos pela experiência estrangeira. Construções mais baratas, executadas com maior rapidez, poderão modificar, em parte, os próprios têrmos em que vem sendo colocado o problema habitacional. "Lembrando, todavia, que não se trataria sequer de deslocar o arquiteto de sua verdadeira posição no complexo cultural brasileiro, mas atraílo para a revolução tecnologica que está em vias de ocorrer". □

Construtora Travassos Fernandes Ltda. saúda o Instituto de Arquitetos do Brasil e o Estado da Guanabara pelo 4.º Centenário, e se associa à homenagem ao arquiteto Mario Ferrer, autor do projeto do Pavilhão de Administração do Hospital Estadual Santa Maria.

Construtora Travassos Fernandes Ltda.

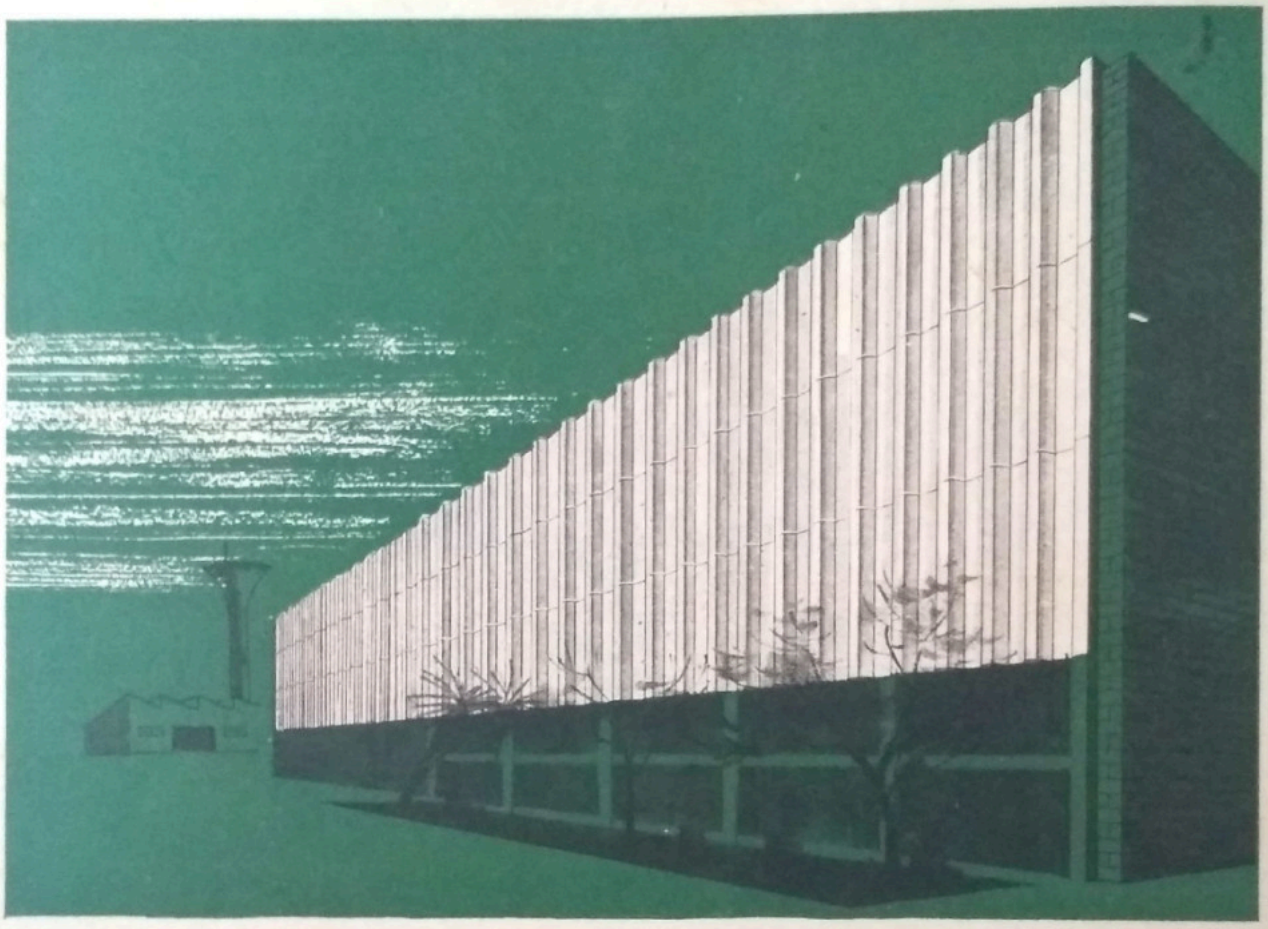
ENGENHARIA - ARQUITETURA - CONSTRUÇÕES
Avenida Salvador de Sá, 175
Tel. 32-5852 - 32-6586
— RIO —

MAIS DO QUE UM SÍMBOLO...

É uma cidade que cresce, que vai para os lados em busca de espaço, que sobe e olha para ver a paisagem com que foi agraciada... São 4 milhões de séres que correm às praias, que cantam e brincam, torcem e vibram, que pensam e estudam, planejam... e trabalham. Assim é o Rio. E, ao ensejo de seu IV Centenário, desejamos expressar nossa confiança no futuro de quem, durante meio século, vimos crescer e tornar-se grande. Parabéns, Rio!

VOCÊ PODE CONFIAR NA SHELL

TODOS OS CAMINHOS CONDUZEM AO RIO, NO IV CENTENÁRIO



chapa trapezoidal

de alumínio para revestimentos e coberturas

Material

- Produzida em liga de alumínio extra-duro 3M-H correspondente a ASTM - B209 - 61 - Alloy 3003, com encruamento máximo por laminação.

Características Mecânicas

- Carga de ruptura: 20 a 22 kg/mm2 - Limite de elasticidade: 16 a 20 kg/mm2 - Alongamento: 1 a 4%.

Isolamento Térmico

- Oferece maior grau de isolamento térmico por reflexão. Refletindo cêrca de 90% da luz solar incidente, chega a reduzir no verão, de 15° C, a temperatura interior.

Funcional

- Devido à forma de sua seção transversal, permite obter, quando comparada com outros materiais de cobertura:
  1 - maior escoamento de águas pluviais
  2 - maior resistência ao flexionamento

Econômica

- Pode ser normalmente produzida em comprimentos de até 12 metros, o que permite ao arquiteto obter, com economia, grandes efeitos plásticos em coberturas e revestimentos laterais de fachadas.

CBA

Companhia Brasileira de Alumínio

PIONEIRA DA INDÚSTRIA NACIONAL DE ALUMÍNIO

Av. da Luz, 297 - 11º and. - Tels.: 36-3100 - 36-3101 e 36-1146 - S. Paulo
Av. Presidente Vargas, 309 - 20º and. - Tels.: 52-2074 e 23-2611 - R. de Janeiro